HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO QUINTO.

HISTORIA
GERAL
DE
PORTUGAL,
E SUAS CONQUISTAS;

OFFERECIDA

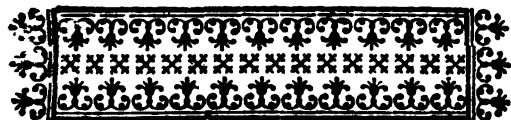
Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO V.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1786.
Com Licença da Real Meza Censoria.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XVIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Principio do Reinado de D. Fernando o Gentil, IX. Rei de Portugal.

NA idade de vinte e dous annos succedeo D. Fernando o Formoso a seu Pai D. Pedro, e entrou no dominio de hum Reino forte, e socegado, com vassallos ricos, e contentes, os thesouros Reaes bem providos, e tudo

Era vulg. 1367

do

Era vulg.

do na figura de huma felecidade conftante. Desmentírao os successos as bem fundadas esperanças, porque a paz estimavel, e as riquezas para aquelle seculo portentosas, cahírao nas mãos de hum genio, que comsigo mesmo disputou os excessos da demasia no affavel, e no prodigo, no resoluto, e inconsiderado, na inconstancia, e na desgraça. Foi elle avisado da morte de seu Pai, e veio a Estremoz para acompanhar o cadaver a Alcobaça, aonde se fez o acto da sua inauguraçaõ com as ceremonias costumadas. O Rei moço, bizarro na presença, agil nas acções, filho de hum Pai muito amado do Povo, entrou a receber cultos officiosos dos corações, que se promettiaõ indeffectiveis as fortunas em tantas bellas qualidades.

A economia domestica lhe levou as primeiras attenções: Criando para seu Mordomo Mór a D. Joaõ Affonso de Menezes, Conde de Barcellos: para Monteiro Mór a Gonçalo Annes: para Chanceller Mór a D. Nuno Rodrigues de Andrade, Mestre da Ordem

de

de Christo: para Cevadeiro Mór a Gonçalo Esteves: para Falcoeiro a Joaõ Gonçalves: para Guarda Mór a Affonso Ribeiro: para Porteiro da Camara a Domingos Esteves: para Escrivaõ da Puridade a Joaõ Gonçalves Teixeira: para Veador a Francisco Esteves, e outros Officiaes, que até entaõ recebiaõ dos Reis estes empregos sem a propriedade, que tem hoje muitos delles. Depois abrio os seus thesouros, e mandou reparar as Praças, e Castellos, sem poupar despezas, com tal força, actividade, e diligencia, como se tivesse eminente a mais vigorosa guerra; provendo todos dos Alcaides, que entendeo capazes de os sustentar com honra.

Era vulg.

Cresceo nos Póvos a complacencia na sem demora, com que mandou vender os votos do filho obediente ao Chéfe visivel da Igreja, e com que cumprio exactamente o testamento de seu Pai. Continuando a mostrar a extensaõ do seu animo verdadeiramente Real, naõ só admittio no Reino honradamente a Diogo Lopes Pacheco,

Era vulg. co, e lhe fez entrega de tudo, quanto o Rei D. Pedro mandára na hora da morte; mas ordenou, que aos herdeiros de Pedro Coelho, e de Alvaro Gonçalves Coutinho, todos matadores de D. Ignez de Caſtro, ſe lhes reſtituiſſe a honra, que antes tiveraõ as ſuas familias, e todos os bens, que haviaõ ſido de ſeus pais.

Dadas eſtas diſpoſições, que neceſſariamente ſe faziaõ acceitaveis para inclinar os animos ao ſeu author; D. Fernando ſeguio o exemplo dos ſeus Maiores na viſita do Reino, que entaõ naõ incommodava as Povoações pelo trem moderado com que os Reis faziaõ as ſuas jornadas. Por toda a parte foi a ſua liberalidade diſpendendo varios generos de beneficencias, que ſeriaõ nas idades recommendaveis ſe o Rei as talhaſſe mais pelos moldes da prudencia, que pelas medidas do goſto.

Eſte o tranſportou para pôr ao lado com figura de mulher propria a D. Leonor Telles, que o era na realidade de Joaõ Lourenço da Cunha, Senhor de

de Pombeiro. Aquelle homem, que passou a Castella, trazia pendente do chapeo a deviza da sua affronta em duas pontas, que diz Manoel de Faria eraõ cocar indigno para tremolar na alta fantasia de hum Fidalgo Portuguez. Della teve o Rei D. Fernando filhos, que morrêraõ meninos, a dous Infantes sem nome na Historia; e a Infante D. Brites, que nasceo em Coimbra no anno de 1372: foi sua herdeira, e casou a 14 de Maio de 1383 com D. Joaõ I. Rei de Castella, para trazer a Portugal huma innundaçaõ de embaraços, que corrêraõ diluvios de sangue, como veremos a seu tempo.

Era vulg.

Sendo solteiro teve D. Fernando bastarda a D. Isabel, que nasceo em 1364, e casou com D. Affonso Henriques, Conde de Gijon, Senhor de Noronha, filho bastardo de Henrique II. de Castalla. Este Rei, que se estimulou da indifferença com que seu filho D. Affonso tratava a esposa, que elle lhe déra, o despojou dos seus Estados, e reduzio a tal extremidade, que

se

Era vulg.

ſe queixou em Avinhaõ ao Papa Gregorio XI., e em Pariz a Carlos V. Rei de França. Nada aproveitáraõ ao Principe infeliz eſtes recurſos; porque Carlos VI. qne os concluio, pronunciou contra D. Affonſo huma ſentença taõ ſevera, que o tratou de rebelde ao ſeu Rei, e o mandou ſahir de França. Elle ſe retirou para a Rochella, aonde o veio encontrar ſua mulher, que com elle viveo a expenſas da generoſa Viſcondeça de Thouars, que lhes deo a Villa de Marans nas terras de Aunis.

Oito filhos ficáraõ deſte matrimonio de Affonſo, e Iſabel, que foraõ D. Pedro, D. Joaõ, D. Fernando, D. Sancho, D. Henrique, D. Nuno, D. Martinho Henriques, e D. Conſtança, todos com o appellido de Noronha. Alguns deſtes filhos do Conde de Gijon vieraõ a Heſpanha, aonde caſou o primogenito D. Pedro, que he tronco de caſas grandes, e depois de viuvo foi Arcebiſpo de Lisboa. D. Joaõ morreo no ſitio de Belaguer em Catalunha; D. Fernando foi Conde de

Vil-

Villa Real, origem dos Marquezes deste titulo, Duques de Caminha, dos Condes de Monsanto, e de Linhares; D. Sancho foi Conde de Mira; D. Henrique casou com huma filha de D. Pedro Vasques de Mello, Conde de Atalaia; D. Nuno foi marido de D. Mecia de Ribadaneira, e ambos pais de D. Joanna, que casou com D. Joaõ Mascarenhas, de quem descendiaõ os Marquezes de Montalvaõ; D. Martinho Henriques servio ao Rei de França Carlos VII.; D. Constança foi segunda mulher de D. Affonso, primeiro Duque de Bragança, sem filhos.

Era vulg.

Foi D. Fernando o ultimo Rei varaõ legitimo do tronco do Conde D. Henrique, e tambem o ultimo dos nossos Soberanos, que nasceo em Coimbra. As suas qualidades brilhantes saõ notadas pelas guerras imprudentes, que emprehendeo; pelas liberalidades profusas, que exercitou; pela entrega total da vontade ás pessoas, de que gostou; mas antes da Historia se empregar na narraçaõ da

re-

Era vulg. resulta destes defeitos, he necessario nella mesma fazer-se reflexaõ sobre as causas.

1368 No fim do Reinado precedente deixei eu ao Rei D. Pedro o Cruel de Castella em Bayona de Inglaterra, sollicitando do Principe de Galles D. Duarte soccorros para o restabelecimento no Reino usurpado por seu irmaõ bastardo D. Henrique, Conde de Trastamara. Aquelle Principe bellicoso, que he hum dos ornatos magnificos da Historia do seu tempo, e junto a seu Pai tinha a alta estimaçaõ, que mereciaõ as suas virtudes sublimes: Elle o fez conceber por hum dos empenhos mais honrosos a protecçaõ favoravel ao perseguido D. Pedro, até o fazer remontar o seu Throno. Com exercito numeroso, a que a presença do Principe, todo espiritos, communicava muitas almas, marcháraõ elle, e o Rei pelos terrenos de Navarra, e entráraõ por Castella. Os successos desta expediçaõ, como pertencentes á Historia daquella Monarquia, nós lhe naõ daremos mais exten-

tensaõ, que a necessaria para os prendermos no fio da nossa.

Era vulg.

Atacáraõ-se os dous exercitos nos campos de Naxera; mas como o Principe de Galles trazia a fortuna ao seu soldo, e com a mesma que o acompanhava em França, veio a Hespanha: sem embargo do valor desmedido das trópas de D. Henrique, e das gentilezas, que obrou pelo seu braço, elle foi derrotado, o Mariscal de Guesclin prisioneiro, muitos os mórtos, e feridos. Succedeo esta batalha a 6 de Abril no anno antecedente de 1367, D. Henrique depois de tudo perdido, tornou a buscar o refugio de França para dever ao seu Rei segundo amparo contra D. Pedro, que desenfreou a crueldade com a victoria, quando a devia fazer hum estimulo da brandura. Os Fidalgos, que lhe cahíraõ nas mãos, mandou sem piedade degollalos, e para executar o mesmo nos prisioneiros dos Inglezes, instou com o Principe ordenasse, que lhos entregassem por baixo resgate, com o pretexto de que em seu poder os tinha mais se-

gu-

Era vulg. guros. O Principe generoſo, que entaõ acabou de lhe conhecer os fundos do animo, lhe reſpondeo com os modos graves, que lhe inſpirava a clemencia: Agora que vos vejo vencedor, vos contemplo chegado á conjuntura de perder o Reino; como naõ attrahis corações, naõ podeis ſer Soberano; ſe zombais da vida dos homens, nem eu, nem o Rei meu Pai poderemos ajudar-vos.

De nada aproveitou eſta advertencia pathetica de tal Protector em conjuntura taõ critica. O Principe, que com o Rei eſtava em Burgos, lhe requereo o cumprimento do Tratado na paga dos ſoldos, na entrega de Biſcaia, e outras terras, que promettera a Inglaterra pelo ſeu reſtabelecimento. Servindo-ſe deſte motivo, com apparencias, de que para cumprir tudo lhe era neceſſario ir a Toledo, e Carmona, deixa ao Principe em Burgos para a tudo lhe faltar. Ás terras de Biſcaia mandou ordens apertadas, para que aos Commiſſarios Inglezes nada ſe entregaſſe; e naõ poden-

dendo conter-se no exercicio da tyrannia, elle mesmo andou huma noite por Carmona com as suas patrulhas, recreando-se de passar á espada todas as pessoas, que entendia faccionarias de D. Henrique.

Era vulg.

Com o mesmo semblante passou a Sevilha, levando na sua vã-guarda o terror, que espantava todas as classes de vassallos. Daqui enviou a Portugal o seu Chanceller Mór para ratificar as pazes com o Rei D. Fernando. O Principe de Galles, escandalisado de hum proceder taõ estranho a toda a consideraçaõ, naõ querendo perder em Castella mais tempo, e gente, que se lhe diminuia com as molestias da Estaçaõ, sem vêr, nem se despedir do infeliz D. Pedro, se fez na volta de Guiena; levando por fructo da jornada o arrependimento. D. Henrique, que esperava em França o mesmo, que vio succeder, e Castella desasombrada da corage do Principe Inglez; em Setembro de 1367 com o soccorro dos Francezes veio dar ás suas pretenções, e aos seus ami-

Era vulg. amigos huma alma nova. Por varias partes de Castella andou elle ganhando terras, e vontades, até se apresentar sobre Toledo, que atemorisada da crueldade de D. Pedro, naõ se atreveo a recebello como desejava.

Soffreo Toledo hum sitio de dez mezes com constancia heroica, e resistencia incrivel a huma fome extrema. Determinou D. Pedro soccorrella a todo o risco, e com o seu exercito chegou ao Castello de Montiel. D. Henrique quiz fiar a sua fortuna de huma sorpreza, e antes que seu irmaõ o prevenisse, marchou a toda a diligencia para o atacar na madrugada. Os primeiros investidos, e derrotados foraõ os Mouros auxiliares, logo as trópas do Rei, que temeroso de perder a liberdade, ou a vida no alcance, se recolheo no Castello de Montiel. Diz o Padre Fr. Manoel dos Santos no *VIII. Tomo da Monarquia Lusitana* com huma politica, que derrota na verdade a alma da Historia, que no Castello de Montiel fora o Rei D. Pedro morto por engano. *Só* elle

le pensou este acaso, que foi revestido de todas as circunstancias premeditadas, que eu vou a referir. Era vulg.

Afflicto D. Pedro por se ver cercado, sem esperança alguma de soccorro, nem de refugio, negociou com o Mariscal de Guesclin a sua liberdade por meio de consideraveis promessas. Guesclin fez a D. Henrique sabedor da negociaçaõ, e se convencionáraõ com o segredo, que foi só para elles. O certo he, que D. Pedro veio á tenda do Mariscal com a segurança de quem fiava a Pessoa da sua fé: que estando nella desarmado, com o acaso prevenido chegou D. Henrique, e que travando-se de razões, passáraõ ás mãos. D. Pedro, que era muito forçoso, levou a Henrique debaixo. Dizem os Chronistas Castelhanos, que Guesclin neste passo, dizendo: Naõ tiro Rei, nem ponho Rei, mas ajudo a meu Senhor: mudou a postura dos combates, e pôz com vantagem a D. Henrique. Outros querem, que esta manobra fosse feita por Fernaõ Sanches de Toar. D. Henri-

Era vulg. 1369

rique, vendo-se com superiodade, por engano, tirou de hum punhal, e sem lhe fazer horror o sagrado da Magestade abatida, matou a punhalladas o irmaõ Rei, de quem nasceo vassallo.

Desta maneira, na idade de 34 annos, acabou a sua vida o Rei D. Pedro ás mãos de hum fratricida: Catastrophe, que encheo de horror aos Principes desinteressados da Europa, especialmente os das Hespanhas, que logo se alliáraõ pára vingar o sangue Real, naõ ficando de fora o Rei Mouro de Granada, amigo de D. Pedro. Que a ambiçaõ teve huma grande parte neste zelo, os effeitos o mostráraõ; e o titulo de usurpador em D. Henrique era hum pretexto bem especioso para muitas usurpações. Os Reis de Navarra, Aragaõ, e Granada naõ perdêraõ tempo em se lançar sobre as Praças, que podiaõ fazer mais respeitaveis as suas fronteiras, e este era o unico direito da conquista. O Duque de Lancastro, filho de Duarte de Inglaterra, que casou com D. Constan-

ça,

ça, a mais velha dos filhos do Rei D. Pedro havidos em varias mulheres, pelo mesmo tom com que exagerava a dor da morte injusta de seu sogro, persuadia a infallibilidade do seu direito ao Throno vago. Portugal, como mais visinho, meditava a conjuntura favoravel aos seus interesses, e sem medida talhou huma vasta extensaõ de idéas, que perdêraõ o proprio pelo desejo de haver o alheio, como eu passo a mostrar no Capitulo seguinte.

Eta vulg.

CAPITULO II.

O Rei D. Fernando se empenha em huma guerra funesta com o fim de conquistar o Reino de Castella.

COM semelhanças do grande Alexandre de Macedonia, o nosso Rei D. Fernando principiou a guerra contra Castella, dando tudo, e reservando para si a esperança. Elle repartia tanto por cada Castelhano descontente

Era vulg. te de D. Henrique, que vinha offerecer-se ao seu serviço, que se destribuisse a ametade por meia duzia de Portuguezes, veria seis baluartes de firmeza na face do inimigo. Esqueceo-se D. Fernando, de que seu Pai o Rei D. Pedro, tio do cruel de Castella, reconhecêra a D. Henrique, e com elle celebrára hum Tratado de paz, e alliança. Agora D. Fernando o injuriava com os epithetos de usurpador, fratricida, traidor, intruso, e abrio a porta aos descontentes, que lhe roubáraõ a casa propria com a industria das esperanças, que lhe fizeraõ conceber do dominio de hum novo Reino. Elle deo quinze Villas a D. Fernando de Castro Xerés, cunhado do Rei Henrique: nove Villas, o Condado de Arraiolos, e o emprego de Condestavel a D. Alvaro Peres, irmaõ do dito D. Fernando: dezaseis Villas a D. Fernando Affonso de Samora: cinco Villas a D. Mendo Rodrigues de Seabra: sete Villas a D. Gonçalo Martins de Caceres: duas Villas a D. Affonso Gonçalves: seis vil-

villas, que repartiraõ entre si D. Joaõ Fernandes de Andeiro, e D. Affonso de Baeza: quatro villas a Vasco Peres de Camões, progenitor do grande Poeta deste apellido: seis villas para amigavelmente possuirem D. Pedro Affonso Giron, e D. Affonso Peres: duas Villas a D. Lopo Gomes, e outras duas a D. Affonso Lopes: tres villas repartidas por D. Lopo Rodrigues, por Gonçalo de Agujar, por D. Affonso Moxica, e por D. Paio Rodrigues: duas Villas a D. Rodrigo de Villegas: sete Villas a D. Affonso de La-Cerda, além de innumeraveis gratificações pecuniarias, com que ficou Portugal em poder dos Castelhanos antes de fazer a guerra a Castella.

Eta vulg.

Estes grandes homens, que se víraõ taõ remunerados sem mais merecimento, que a liberalidade natural de D. Fernando, nenhuma dúvida tiveraõ em preferir o serviço, e residencia de Portugal ao amor, e commodidades da propria Patria, que naõ era de mãos taõ rotas. Seguíraõ o seu

ex-

Era vulg. exemplo muitas Cidades, e Villas de Castella, que reconhecendo no mesmo Rei a legitimidade do sangue do seu Santo D. Fernando, lhe escrevêraõ submettendo-se ao seu dominio, e pedindo as defendesse como Senhor da tyrannia de hum intruso. Galliza, e as terras de Leaõ foraõ as mais empenhadas nos rógos, que encontráraõ a acceitaçaõ taõ facil, como os seus paizanos achavaõ a liberalidade franca. A estas offertas do Reino, e das pessoas sabia a politica de D. Fernando occultar as intenções com a indifferença, dizendo: Que Rei de Castella fosse quem Deos quizesse; que elle naõ pretendia mais, que fazer os ultimos esforços em vingança da morte de seu primo o Rei D. Pedro.

Resoluto D. Fernando a romper, mandou-se justificar, e expôr ao Papa, e Principes da Europa o direito, que tinha á Coroa de Hespanha usurpada por hum bastardo. Ajustou paz por cincoenta annos com o Rei de Granada, que naõ a observou, compondo-se pouco depois com D. Henri-

tique. O Rei de Aragaõ mandou Embaixadores a Portugal com o mesmo fim, e ajustáraõ a divisaõ de Castella em fórma, que ao Rei de Aragaõ ficaria o Reino de Murcia, o senhorio de Molina, e outras Praças: a D. Fernando o restante de Castella, e Leaõ com titulo de Reino, unido á Coroa de Portugal: que esta pagaria a Aragaõ por tres annos 3500 lanças para a guerra: que a Infante D. Brites, irmã do Rei D. Fernando, casaria com o Duque de Girona, Principe herdeiro de Aragaõ. Com estas disposições se declarou a guerra, que o Rei principiou no mez de Junho com o rendimento de Tuy, Compostella, e Corunha, que nos fez agora presente do seu natural Joaõ Fernandes Andeiro, depois Conde de Ourem, e elle entre nós a grande figura, que tem de fazer representações varias no nosso theatro até consummar o ultimo auto da Tragedia.

Era vulg.

A noticia das marchas forçadas com que D. Henrique vinha acodir a Galliza, naõ deixou mais acordo ao

Rei

Era vulg.

Rei (que passou áquelle Reino mais em tom de triunfante, que de guerreiro) que o necessario para se embarcar em huma das suas Galés, e recolher-se ao Porto, deixando reforçada a guarniçaõ da Corunha. D. Henrique, que com as suas altas qualidades adquirio a anthonomasia de Magnifico, naõ lhe fazendo especie os outros inimigos, quiz mostrar o seu resentimento a Portugal, atacando as Praças, que seguíraõ a sua voz, e escolheo a de Samora para descarregar nella os primeiros golpes. O seu esforço encontrou a resistencia dura; e ou fosse por naõ arriscar a reputaçaõ, e as forças, ou por acodir á invasaõ de Galliza; elle levantou o sitio, e resolveo-se a decidir comnosco a sua fortuna em huma batalha. Como D. Fernando se havia retirado, foi facil a D. Henrique socegar a perturbaçaõ de Galliza; entrar por Portugal devastando a Provincia do Minho, e sitiar a Cidade de Braga, sem os Portuguezes apparecerem na campanha, nem se opôr aos seus designios.

Con-

Conta o noſſo Agiologio, que nesta occaſiaõ as almas de D. Affonſo Sanches, e de D. Thereſa Martins, Fundadores do Convento de Santa Clara de Villa de Conde, fallárao dos ſepulchros dos ſeus córpos á Prelada, advertindo-a ſe retiraſſe com as ſuas Freiras para o Porto; porque na manhã ſeguinte os Caſtelhanos ſaqueariaõ a Villa, naõ ſuccedeſſe profanar-lhes o ſacrario da pureza. Rendeo-ſe Braga por falta de ſoccorro; e D. Fernando, com a meſma facilidade com que rompeo a guerra, offereceo agora a paz ao Mariſcal de Gueſclin por meio de hum Mercador eſtrangeiro, que o conhecia. Foi elle bem recebido do Rei, que o mandou com o meſmo Mariſcal tratar os ajuſtes, que ſe naõ effeituáraõ, com o Conde de Barcellos. Quando D. Henrique acabava de render Bragança, e outros Lugares na Provincia de Tras-os-Montes, foi aviſado da perda, e deſtruiçaõ da importante Praça de Algezira pelo Rei de Granada, que ſe ſervia da ſua auſencia para avançar conſideraveis as conquiſtas.

Era vulg.

Eſ-

Era vulg. 1370

Esta noticia desconcertou as medidas de D. Henrique, que houve de abandonar a empreza de Portugal para resistir á diversaõ de Granada. O movimento naõ esperado desta retirada fez lembrar ao Rei D. Fernando, que as armas de Castella naõ consentiaõ divisaõ, e por isso devia elle continuar a guerra com vigor na fronteira, e fazer declarar a D. Pedro de Aragaõ pela sua. Para o primeiro designio augmentou o número dos Officiaes, e das trópas; pedio soccorros a Inglaterra, que lhe foraõ mandados com o Conde de Cambrix por Commandante, mais a destruir, que a ser proveitosos a Portugal; e apresstou huma grossa armada de 30 náos, e 32 galés para atacar as costas de Andaluzia.

Para o segundo projecto mandou a Aragaõ os Bispos D. Martinho de Evora, D. Joaõ de Sylves, Fr. Martinho, Abbade de Alcobaça, e o Conde de Barcellos D. Joaõ Telo de Menezes com huma esquadra de galés, e presentes, que tudo respirava grandeza,

za, e magnificencia, para ajustarem o casamento com a Infante D. Leonor, e a conduzirem a Portugal. Foi este o primeiro malogrado casamento de D. Fernando, que justo, e celebrado com todo o prazer do Rei D. Pedro, Pai da Infante, supposta a dispensa, que para elle havia conceder o Papa; sem se encher esta condiçaõ, naõ conveio o Aragonez na partida de sua filha para Portugal, que anciosamente a desejava.

Era vulg.

Accendeo-se a guerra por todas as nossas Provincias para desaggravarem com muitos golpes a hum tempo, os que deixáraõ de dar os braços ociosos na campanha passada. Pela do Alem-Téjo entráraõ os Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, que arrazáraõ todas as obras exteriores de Badajoz. Pela mesma parte penetrou a terra com 500 homens o bravo Gil Fernandes, fazendo huma preza taõ consideravel, que occupava huma legoa de terreno. Para disfarçar o seu pouco poder, e salvar a preza sem o perigo de o virem reconhecer, fingio-se, e se fez tratar pelo Infante

D.

Era vulg. D. Joaõ, eſpalhando a voz dás grandes forças, que o ſeguiaõ. Eſtratagema, que conteve os Caſtelhanos, e que lhe ſervia para introduzir no Reino toda a preza ſem algum ſuſto. Os Senhores da Familia de Caſtro em Galliza ſuſtentavaõ as noſſas Praças naquelle Reino, e naõ davaõ deſcanço ás armas dos inimigos. Pela Beira comprio os ſeus deveres o Fronteiro Lourenço Gomes do Avelar com as conquiſtas de Cerralvo, S. Felices, e Inojoſa.

No rio de Sevilha entrou a noſſa armada das galés, aonde eſteve muito tempo ſurta ſem acçaõ. Determinou o Rei de Caſtella ſurprendella pela fome, que já principiava a ſentir, e mandou ao ſeu Almirante D. Ambroſio Bocca-Negra com huma groſſa eſquadra a impedir-lhe a ſahida para render a noſſa ſem peleija. Nós nos viamos em eſtado de naõ poder combater, nem ſubſiſtir, e esforçamos as induſtrias para nos ſalvar. Como a eſquadra inimiga formava huma linha, que tomava toda a bocca do rio, eſperámos hu-

huma noite efcura: poftámos as galés em ala com a proa de cada huma fobre a popa da outra: a chufma com os remos promptos a efperar o final para a voga: accendemos o fogo em dous navios carregados de azeite, alcatraõ, e outras materias combuftiveis: deitamollos ao tom da corrente rápida, que defcia, e foraõ as galés em voga furda, feguindo-os no movimento: hiaõ elles cahindo fobre a armada Caftelhana, que temerofa do perigo, abrio pelo centro para dar paffo aos brulotes, que já eraõ dous incendios. Entaõ os noffos, apertando os punhos, a toda a força da voga arrancada, em pouco efpaço fahíraõ pela abertura ao mar, e fe pozeraõ em falvo.

Era vulg.

Dous fitios defta campanha foraõ as acções mais gloriofas de toda ella. Sobre Cidade Rodrigo veio o Rei de Caftella em peffoa com exercito poderofo, publicando que efta empreza era digna do feu caracter. Em dous mezes de ataque vigorofo achou fempre taõ prompta a refiftencia, que

por

Era vulg. por naõ arriſcar as forças, aonde amolgava a opiniaõ, teve de levantar o ſitio, ſervindo-lhe as incommodidades do Inverno de pretexto para esfriar no conceito dos homens o ardor da noſſa corage. Moſtrárаõ os ſucceſſos, que naõ os acaſos, mas o esforço ſuſtentou Cidade Rodrigo na noſſa obediencia até ao Tratado da paz, em que por convençaõ a cedemos. A retirada do Caſtelhano deſconcertou as medidas do Rei D. Fernando, que ſe fazia preſtes pára o inveſtir no campo. Por naõ eſtarem ocioſas as armas, que tinha juntas, dividio o exercito em tres corpos para entrar em Caſtella por partes differentes. Os eſtragos foraõ inſeparaveis deſtas invasões; mas dellas naõ ſe recolhêraõ outros intereſſes, que derramar o terror nas terras, que ſeguiaõ a voz de D. Henrique.

Sua mulher a Rainha D. Joana foi a authora do ſegundo ſitio; e emula da gloria do marido, a quiz adquirir na conquiſta de Carmona, que depois de lhe dar a eſtimaçaõ de Heroina,

na, ella julgava o meio mais efficaz para o reſtabelecimento dos negocios do Reino. Na téſta das ſuas trópas, a que dobrava os alentos a façanhoſa preſença mulheril, mandava ella obſervar tantas formalidades militares, e avançar combates taõ vigoroſos, que naõ ſe podiaõ conceber o vigor, e a dexteridade. Mas era Commandante deſta Praça por Portugal o bravo D. Martim Lopes, Graõ-Meſtre da Ordem de Calatrava, chamado por outros D. Affonſo Lopes de Texeda, que na formoſura da defenſa obrou gentilezas taõ cheias de heroicidade, que a todas as memorias fizeraõ o ſeu nome reſpeitavel. Naõ entendeo a vaidade da Rainha, que reſiſtencia ſemelhante ſe atreveſſe á ſua face, ſenaõ macillenta pelo medo, já vermelha pela colera, que lhe accendia a confiança. Ella propoem a D. Martinho, que ſe renda, antes que o furor das armas o obriguem a hum arrependimento a que ſerá inexoravel a clemencia. O Heróe, que ſabia dar lugar á civilidade na maior fortaleza do ardor,

Era vulg.

Era vulg. dor, lhe reſpondeo: Que o reſpeito, naõ os ſuſtos, lhe movia os deſejos de obſervar as ſuas ordens; mas que hum embaraço taõ conſideravel, como era a honra da fidelidade promettida ao Rei de Portugal, que elle reconhecia legitimo de Caſtella, lhe prendia o paſſo para o dar em outro ſerviço, que naõ foſſe o daquelle Principe: Que lhe concedeſſe tempo para o aviſar das ſuas pretençóes, na certeza, de que naõ faltaria á execuçaõ das determinaçóes, que recebeſſe.

Condeſcendeo a Rainha com a propoſta de D. Martinho, pedindo dous de ſeus filhos em refens, que o General politico naõ duvidou entregar á delicadeza da fé de huma Princeza, que ſe intitulava Rainha. Immediatamente deſpachou aviſos a D. Fernando do eſtado de Carmona; da reſoluçaõ das trópas em a defender até a ultima extremidade; mas que era neceſſario Sua Alteza naõ lhe demorar os ſoccorros, que ſem elles, a conſtancia da ſitiante renderia inuteis os esforços dos ſitiados. D. Fernando,

que

que tinha o exercito prompto, e devia marchar ſem demora a huma acçaõ taõ importante, gaſtou o tempo em conſelhos ſem deliberaçaõ; contentando-ſe de mandar reforçar a Praça com 70 homens. Se elle quiz aſſim perſuadir aos inimigos, que os deſprezava, a ſua facilidade o enganou, e de nada lhe valeo a conſtancia paſmoſa com que a politica de D. Martinho preſumio remediar a mal advertida do Rei D. Fernando.

Era vulg.

A Rainha, impaciente, por concluir huma empreza, que olhava como obra toda ſua, apenas eſpirou o prazo concedido a D. Martinho lhe requereo a entrega de Carmona. O bravo Heróe, que media pela ſua intrepidez a de toda a guarniçaõ; que tinha firmado na idéa deixar ao mundo hum exemplo immortal de fidelidade, reſpondeo á Rainha, que elle já mais concebêra penſamentos de ſe render, ſempre reſoluto em ſuſtentar huma defenſa com ſuperioridade infinita ao valor, com que foſſe atacado. A fereza deſta reſpoſta foi hum eſtrago da

Era vulg. moderaçaõ da Rainha, que ſem outras lembranças, ſenaõ as deſte aggravo, o concebeo em tal tom de injurioſo, que lhe arraſtou o animo inteiro para a vingança a qualquer cuſto. Ella manda conduzir á viſta de D. Martinho os dous filhos, que elle lhe mandára em refens, bem longe de imaginar, que huma mulher havia ſer authora da atrocidade, que vou a referir. Ella o faz notificar, que eleja, ou a entrega de Carmona, ou ſer teſtemunha da morte, que a punhaladas manda dar na ſua face aos dous pedaços tenros da ſua natureza. Fluctuaõ em D. Martinho a fidelidade ao Rei, e o amor dos filhos; a reputaçaõ, e o ſangue; quanto ha de mais nobre, e mais ſenſivel. Com poucos intervallos de indeciſaõ prevalece o generoſo ao delicado; e diz D. Martinho lhe degolem ſeus filhos, que elle eſtá prompto para ver a execuçaõ com a indifferença de huma montanha.

Eſta reſiſtencia mais ſublime, que a de quantas defenſas ha heroicas, ſe havia aballar o peito de D. Joana para

ra

ra ſe render piedoſa; ella a enfureceo para ſe conduzir atroz; ordenando, que entre a Praça, e o exercito os dous innocentes Fidalgos foſſem deſpedaçados. Morte deshumana, que tiſna a gloria de huma Princeza com mancha inapagavel: Morte barbara, que eſtimula os eſpiritos de hum pai para vender cada pedra dos muros de Carmona pelo preço de muitas vidas. He horror quanto daqui em diante obrárao a cólera, e a deſeſperaçaõ, a corage, e o furor. Mas o Heróe, que da ſenſibilidade da dor naõ apartava a obſervancia das maximas da prudencia. Vendo Carmona em eſtado de naõ poder mais defender-ſe, para poupar vidas importantes de homens, que naõ eraõ ſeus filhos por natureza, ainda que até entaõ o foſſem da diſciplina, elle capitula, e ſe entrega.

Era vulg.

Já neſtes tempos parece que tinha ſequito no mundo a maxima perniciosa, e abominavel, que enſina: Como os juramentos naõ tem nada de bom, ſenaõ em quanto ſervem de

Era vulg. meio para enganar os homens. Juráraõ os Reis de Castella, e promettêraõ a D. Martinho Lopes, que elle, e a sua guarniçaõ sahissem de Carmona para onde quizessem, salvas as vidas, e as fazendas. A execuçaõ desmentio a promessa, e o juramento; menos estimaveis aos Reis, que a perda da liberdade de D. Martinho, e que a posse dos muitos dinheiros, que se guardavaõ em Carmona, como lugar de segurança. Tudo foi apprehendido, D. Martinho preso, porque o Rei D. Fernando assim o quiz; e como a authoridade, e reputaçaõ deste grande homem faziaõ aos Reis huma sombra, que lhes naõ era toleravel; D. Henrique, raras vezes exacto, e sempre politico, naõ escrupulisou com o juramento, e promessa para mandar tirar no carcere a vida a D. Martinho Lopes.

Entendeo D. Fernando, que como elle naõ teve a gloria de dar a D. Henrique a batalha para que o desafiou, quando esteve sobre Cidade Rodrigo, que ficára dispensado para soc-

cor-

correr Carmona, aonde os eccos desta reputaçaõ imaginaria baſtaria para derrotar as ideas dos inimigos. Agora que os ſucceſſos moſtráraõ o erro dos diſcurſos, para ſoldar a québra da inacçaõ, mandou ao Almirante Lançarote Peçanha com a eſquadra Portugueza atacar a Caſtelhana; mas como eſta tinha ordem para ſe deſviar do combate, reduzio-ſe a expediçaõ a fazer varios deſembarques ſem fructo na cóſta de Cadiz, e voltar a armada para os portos donde ſahíra.

O clamor deſta guerra ferio os ouvidos do Papa Gregorio XI. que temia ſe approveitaſſem della os Mouros de Africa, para, amparados á ſombra do Rei de Granada, entrarem no projecto da reconquiſta de Heſpanha. Receio taõ bem fundado o obrigou a empenhar em officios promptos, e efficazes os principaes Prelados de Caſtella, e Portugal para diſporem os animos dos ſeus Principes a ajuſtes razoaveis, que elle mandaria concluir pelo Cardeal Agapeto Colona, já nomeado para vir aos dous Reinos in-

Era vulg. indicar as ſuas boas intençóes; de que logo veremos os effeitos.

CAPITULO III.

Ajuſta-ſe a paz com Caſtella, e ſegundo caſamento para D. Fernando com a ſua Infante D. Leonor a deſprazer da Leonor de Aragaõ, e ſe trataõ outros acontecimentos.

1371 A CHEGADA dos Legados Pontificios á Heſpanha fez mudar o ſemblante a tantos ſucceſſos triſtes: Faceis em admittirem as propoſtas de paz, D. Henrique pela neceſſidade, que della tinha para ſe ſuſtentar no Throno, e domar a ferocidade de vaſſallos teimoſos; D. Fernando pela volubilidade natural, que lhe fazia difficultoſa a permanencia. D. Henrique nomeou Plenipotenciario a D. Affonſo Peres de Guſmaõ, Alcaide Mór de Sevilha, e D. Fernando ao Conde de Barcellos D. Joaõ Affonſo de Menezes, que já ſe havia recolhido de Aragaõ a Portugal ſem a Infante D. Leonor,

nor, que fora conduzir. Destinou-se a Villa de Alcoutim no Algarve, fronteira a S. Lucar do Guadiana, para lugar das conferencias, que principiáraõ em Dezembro do anno passado de 1370. Reduziraõ-se estes ajustes á mutua entrega das Praças conquistadas: á liberdade plena dos Castelhanos, que quizessem ficar em Portugal, e os Portuguezes em Castella: á promessa de casamento de D. Fernando com a Infante D. Leonor, filha do Rei D. Henrique com os dotes arbitrados, que se escusaõ nomear como circunstancias de hum matrimonio, que naõ se chegou a concluir.

Era vulg.

O Rei de Aragaõ, que naõ foi incluido neste Tratado, se queixou altamente de D. Fernando, assim pela paz com Castella, como pelo ajuste do casamento com a sua Infante, sem attençaõ aos esponsaes antes contraidos com sua filha. A difficuldade de impedir huma, e outra negociaçaõ, estimulou os desejos de algum resentimento, que honestamente se pudesse pretextar. Os primeiros impul-

Em vulg. pulſos foraõ de prender os Embaixadores, que na ſua Corte deixára o Conde de Barcellos, eſperando a diſpenſa do Papa; mas como appoderarſe de 2151 marcos de ouro, que o Rei de Portugal tinha promptos em Barcelona para as deſpezas do caſamento, era lance mais conveniente: Publicando os muitos gaſtos, que D. Fernando o obrigára a fazer, e que de alguma ſorte os havia reſarcir, eſta perſuaſaõ córou o pouco eſcrupulo de ſe utiliſar do alheio.

Como tanta profuſaõ, mercês, e gratificaçőes, que o Rei fez na occaſiaõ deſta guerra inconſiderada, diminuíraõ huma grande parte das Rendas Reaes; elle ſe quiz compenſar augmentando o valor dos generos: Idéa fatal aos Eſtados, que ſobre provocar a murmuraçaõ, a impaciencia dos Póvos; obriga os Eſtrangeiros a que levem no cambio dos contratos o dinheiro corrente em lugar das eſpecies do Paiz; que no avance dos preços lhes derrotaõ o Commercio. Clamou o Reino com a careſtia dos viveres;

com

com o augmento do valor da moeda, Era vulg.
e os Ecclesiasticos, que pelas Leis precedentes estavaõ impedidos para possuirem bens de raiz, e as contravinhaõ por meio das Doações, que eu deixo dito: Agora acompanháraõ o Povo no desprazer, quando víraõ, que o Rei lhes atalhava o passo com a obrigaçaõ imposta aos Taballiães de naõ fazerem as Cartas de Doaçaõ; e que para os Ecclesiasticos, que dalli em diante comprassem com licença sua, ou dos Reis futuros, houvesse hum livro de Chancellaria, em que se resistassem as licenças; que á celebraçaõ da venda assistissem o Almoxarife Real, e o Escrivaõ da terra para impedirem, que o valor da compra naõ excedesse a quantia concedida na licença. Esta providencia foi derrogada pelo Rei D. Affonso V. que concedeo faculdade aos córpos de Maõ morta para possuirem bens de raiz com as formalidades, e restricções, que se contem nas suas Leis.

Já tinhaõ espirado os cinco mezes taixados na paz de Alcoutim para

Era vulg. 1372

o Rei celebrar o ſeu caſamento com a Infante D. Leonor de Caſtella: Alliança, que entranhavelmente deſejavaõ ambos os Reinos, como meio de fazerem firme a concordia. D. Fernando, porém, com a meſma facilidade que teve em lançar dos ſeus intereſſes a D. Pedro de Aragaõ, com a meſma muda de ſentimentos, e arroja delles a D. Henrique de Caſtella. Havia na ſua Corte outra Leonor, nome para eſte Rei terrivel, por naſcimento ſua vaſſalla; mas com dotes da natureza, que lhe deraõ a preferencia no concurſo com duas Infantes, filhas dos maiores Soberanos de Heſpanha. Era Dama da Infante D. Brites, irmã do Rei, D. Maria Telles de Menezes, viuva de Alvaro Dias de Souſa, e filha de Martim Affonſo Tello de Menezes. Ella tinha outra irmã caſada na Beira com Joaõ Lourenço da Cunha, chamada D. Leonor Telles, que veio viſitar D. Maria ao Paço, aonde ficou hoſpeda, e entrou Cometa, que arraſtou, e eſcureceo o primeiro Aſtro. D. Fernando a vio, e perdeo-ſe: chegou

gôu o tempo della voltar para seu marido, o amor a prende, o poder lhe detem o passo.

Declarou-se o Rei com D. Maria, e logo lhe persuadio, que o seu ardor naõ era lavareda de amante; mas intençaõ de esposo: que como tal fazia a D. Leonor a fineza de abandonar a Infante de Hespanha para ella só ter lugar no thalamo, e no Throno: que o seu matrimonio com Joaõ Lourenço estava nullo por serem parentes naõ dispensados: que elle tomava á sua conta romper todos os laços, tirar todos os tropeços, que a elle lhe podiaõ impedir o gosto, a D. Leonor a fortuna. Soube D. Maria fingir lances de honra, affectar difficuldades no escandalo, propôr receios dos vassallos; mas de tudo cedeo facilmente; que promessas de huma Coroa saõ taõ attractivas, que mal lhe podia resistir hum peito fragil, quando ellas fazem baquear os mais constantes. Ver huma irmã vassalla Rainha de golpe era bataria, que naõ havia deixar de abrir brecha. D. Leonor se rendeo ao primei-

Era vulg. meiro tiro, e já sem lembrança de João Lourenço da Cunha, entra a estimar-se mulher do Rei D. Fernando de Portugal.

Para se effeituar o casamento, era necessario que Roma declarasse a nullidade do primeiro, como fez pela proximidade do parentesco, que naõ tinha sido dispensado. Esta acçaõ em si mesma odiosa, causou no Reino infelicidades, nos Póvos revoluções, especialmente no de Lisboa, que se sublevou contra o Rei, e tomou as armas. Elle pôz na sua testa a Fernaõ Vasques, hum homem da plebe desembaraçado, e fallador, para representar por todos o escandalo, que recebiaõ em huma desordem digna de se atalhar a todo o custo. Nas advertencias que elle fez ao Rei, mas com as armas na maõ, lhe rogou olhasse mais pela sua reputaçaõ, que pelo seu amor; mais pelo interesse dos seus vassallos, que pela paixaõ a huma mulher alheia, que elle naõ podia fazer propria, nem os seus vassallos haviaõ consentir. A politica do Rei negou

to-

toda a verdade das ſuas intenções, e Era vulg.
para ſocegar a inquietaçaõ, ordenou
ao Povo, que na manhã ſeguinte ſe
achaſſe na Igreja de S. Domingos,
aonde elle ſem reſerva lhe declararia
tudo em peſſoa. Acreditou Fernaõ
Vaſques a palavra Real, como deve-
ra, e fez que todos ſe recolheſſem
para no outro dia ouvirem no lugar
deſtinado a reſoluçaõ do Rei.

Elle ſe aproveitou da noite para
ſe retirar com D. Leonor, paſſarem a
Santarem, dahi á Provincia do Mi-
nho, aonde a recebeo por mulher no
Moſteiro de Leça. Daqui emanáraõ
pelo Reino ordens bem eſtranhas á
eſperança da credulidade do Povo de
Lisboa, que vio convertidas em amea-
ças as primeiras doçuras; as promeſ-
ſas benignas em execuções rigoroſas.
Julgou o Rei delinquentes a todos os
que ſe opunhaõ ao ſeu goſto, ou no-
tavaõ de ligeira a ſua reſoluçaõ. En-
taõ o zelo, o amor, a fidelidade ſen-
tíraõ as penas de inconfidentes na con-
fiſcaçaõ dos bens, nas mãos, e pés
cortados, como entaõ ſe uſava, e ſe
fez

Era vulg. fez o uſo mais vulgar por hum crime novo. Eſtas execuções rigoroſas, que tinhaõ origem em hum amor tenro, aſſombráraõ os mais intrépidos, igualmente ſenſiveis ao ſeu terror, e á magoa de verem andar o ſeu Rei pelo Reino, de terra em terra, moſtrando ao lado como Rainha a ſenhora, que elles ſó reconheciaõ mulher de Joaõ Lourenço da Cunha.

Diogo Lopes Pacheco, o matador de D. Inez de Caſtro, e parente muito chegado daquelle Fidalgo, naõ teve valor para ver duas acções, que julgava indignidades; huma no Rei, que a fazia, outra no ſeu parente, que a ſopportava; e ſem matar a D. Leonor, como matou a D. Inez, tornou a fugir para Caſtella, naõ ſuccedeſſe pagar na vida de huma a morte da outra. Elle era muito obrigado ao Rei D. Henrique, que o amparou em França; ſervio-o nas batalhas de Naxera, e Montiel, e neſta occaſiaõ buſcou o refugio da ſua Corte, donde pouco depois o acompanhou armado contra a Patria. Joaõ Lourenço

ço da Cunha lhe ſeguio os paſſos, e conforme a opiniaõ de Manoel de Faria, ſe elle ſentio o caſo foi no interior, que quanto nas demonſtrações públicas, elle o fez materia de hum entremez na Deviſa, que pendurou no chapeo para ſe dar a conhecer pelo que era.

Era vulg.

A nobreza, que via ao ſeu Rei conduzir a Dama como em triunfo, ſentia que a paixaõ vehemente lhe encheſſe todas as medidas, que ſe deviaõ occupar da razaõ, e da gloria. Ella acabou de ficar atonita, quando no Lugar do Eixo lhe mandou o Rei beijaſſe a maõ a D. Leonor como Rainha. Entaõ lembrou o ſacrificio, que o ſeu amor para com ella fazia das Infantes de Caſtella, e Aragaõ; o Sceptro, que lhe offerecia; o coraçaõ, que lhe cativava; os Eſtados conſideraveis, que lhe conferia: tudo próvas de exceſſos, que chamavaõ por outros muitos. Eſte temor fez dobrar o joelho ao Infante D. Joaõ, e a ſeu irmaõ o Meſtre de Aviz, que tomáraõ a maõ a D. Leonor, a beijáraõ co-

Era vulg. como vaſſallos, e ella os recebeo Rainha. O Infante D. Diniz naõ ſe quiz moſtrar medroſo, nem politico, e reſpondeo reſoluto: Que elle naõ beijava a maõ de peſſoa, que devia beijar-lhe a ſua. Deſprezo taõ declarado moveo tal deſeſperaçaõ no Rei, que o atraveſſára com hum punhal, ſe Ayres Gomes da Silva naõ deſviára o golpe. O Infante fugio, e paſſou para Caſtella, aonde veremos os ſeus ſucceſſos tragicos, e os do Infante D. Joaõ, que depois buſcou o meſmo refugio.

Todo o mundo eſtranhou eſtes exceſſos, que ſe fazem notados naquelles homens, que vem ao mundo para ſe moſtrarem nelle humas Idéas puras ſem paixões. O Rei de Caſtella ſe ſorprendeo dos expedientes do de Portugal para com elle, muito mais a reſpeito da Infante ſua filha, que elle dizia fora deſprezada em razaõ de huma adultera; por eſte crime infame indigna da vida, quanto mais de hum throno. Elle quizera, que na vingança naõ houveſſe demora, e que as reſ-

pi-

piraçōes do ſeu furor foſſem incendios; mas o eſtado dos ſeus negocios houve entaõ de cobrir as brazas com cinza. D. Fernando, que naõ ignorava o tom groſſeiro, por que D. Henrique ſe explicava, fez-ſe deſentendido, ou naõ ſabedor; mandando á ſua Corte hum Enviado com deſculpas ſimplices, que nada ſignificavaõ, e o Rei colerico naõ quiz attender. Como os males ſem remedio naõ tem outro além do ſoffrimento, houve Portugal de ſe acommodar ao ſeu deſtino, e os Reis cuidarem em ſe ſegurar na boa fé dos vaſſallos. Elles o conſeguíraõ; D. Fernando amontoando mercês, e beneficencias depois dos rigores, e caſtigos; D. Leonor derramando agrados, e civilidades para attrahir veneraçóes, e obſequios.

Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Trata-se da segunda guerra do Rei D. Fernando com D. Henrique de Castella.

1372

EM seu vigor observava o Rei D. Henrique de Castella religiosamente o Tratado de Alcoutim, quando Joaõ, Duque de Lancastro, filho segundo de Duarte III. Rei de Inglaterra, intentou disputar-lhe o Throno, que dizia ser de sua mulher D. Constança, filha do Rei D. Pedro o morto em Montiel. O primeiro passo do Duque foi fazer D. Henrique odioso aos seus vassallos com aquelles pretextos, que se sabem expender ao largo, quando se buscaõ occasiões para romper. Mas como para se obter hum Estado, que outro possue, e naõ quer largar, naõ bastaõ boas razões, nem o direito bem fundado, se faltaõ as forças para o fazer valer: O Duque de Lancastro sollicitou para isso a alliança do Rei D. Fernando, que naõ recusou a pro-

Era vulg.

proposta sem o embaraçar a fé do dito Tratado. Ignorava D. Henrique estes ajustes, intimamente desejava a conservaçaõ da paz, e sem D. Fernando estar prevenido para a guerra, foi informado da represalia, que elle mandára fazer nos navios Castelhanos por todos os seus portos.

Diogo Lopes Pacheco, desejoso de se vingar do seu Rei, já sabedor da alliança feita com o Duque de Lancastro, aconselha a D. Henrique, que sem perda de tempo, e antes que D. Fernando se arme, entre a fogo, e sangue por Portugal, aonde achará ao seu lado todos os Portuguezes, por causa de D. Leonor desgostosos com o seu Rei. O animo pacifico de D. Henrique naõ quiz estar por este parecer sem esgotar todos os meios de persuadir a concordia. Para isso mandou a Portugal o Bispo de Siguença D. Joaõ Garcia Manrique, que naõ sendo nelle attendido, assegurou ao seu Rei lhe era inevitavel a guerra. Este proceder, taõ opposto ás boas formalidades do Rei de Castella, o irri-

Era vulg. ritáraõ tanto, que entrou a fazer vêr nos apreſtos, que ſe preparava, naõ para a rotura; mas para a vingança. Os Fidalgos Portuguezes, que tinha no ſeu Reino, ſobre todos o Infante D. Diniz, completamente o inſtruem no eſtado dos negocios de Portugal, que lhe alentaõ os deſignios de marchar ſobre Lisboa para deſcarregar o golpe da indignaçaõ na cabeça do Eſtado.

1373 O politico D. Henrique para ficarem deſculpados todos os exceſſos, que meditava, deo alto caracter de injurioſa á rotura do caſamento de ſua filha; á liga, que no meio da paz fizera contra elle D. Fernando; a haver admittido no Reino muitos dos ſeus vaſſallos deſcontentes, que naõ ceſſavaõ de mover revoltas em Caſtella. Antes que D. Fernando ſe preparaſſe para a execuçaõ dos deſignios premeditados, elle entra com hum exercito formidavel por Portugal, e manda pelo Almirante Boccanegra occupar o Téjo com a ſua armada. Com o naſcimento da Infante D. Brites princi-

cipiou a guerra : presagio infeliz das muitas, de que ella havia ser causa. Penetrou D. Henrique a fronteira do Estado desprevenido, que intentava ser o aggressor, e foi levando sobre a marcha, entre horror, e estragos, Almeida, Pinhel, Cerolico, Linhares, até se postar sobre Coimbra. Chegou elle a esta Cidade, quando D. Leonor dava á luz a Infante D. Brites. O Rei valeroso fez aqui ostentaçaõ da sua politica, naõ atacando a Praça, e demorando-se nella pouco em attençaõ á Infante, e por naõ assustar a Mãi: idéa delicada do Rei Magnifico, que naõ deve ser esquecida.

Era vulg.

Veio o Infante D. Diniz incorporar-se com o exercito de Castella; e como o conselho de Diogo Lopes Pacheco o levára a este Reino, elle se desnaturalizou, e fez vassallo de D. Henrique; sendo causa de perder o dominio de Portugal o voto do mesmo homem, que da cabeça de sua Mãi arranca a Coroa. O Rei com o Infante Conde de Gijon foraõ talando os campos até Torres-Novas, e fazen-

do

Era vulg. do caminho á vista de Santarem, aonde estava D. Fernando, elle naõ alterou a sua indifferença, mal aconselhado por Fidalgos, que promoviaõ os seus interesses a troco da reputaçaõ do Principe. Assim chegáraõ até Lisboa, donde foi o Infante Conde D. Affonso investir Cascaes, e outros Lugares, que achando-os sem resistencia, saqueou a todos. Lisboa foi atacada com todo o vigor por mar, e terra. A sua defensa a arbitrio da paizanage, que se armou voluntaria, sem ordem, sem regra, falta de Commandantes, foi de pouca duraçaõ, e rendeo-se Lisboa com entrega ao inimigo de quanto na Cidade, e no Reino estava de estimavel.

Golpes semelhantes, que parecia eraõ sensiveis ás pedras, naõ despertáraõ ao Rei do lethargo, em que o tinha sepultado o frenesi amoroso por D. Leonor Telles. Elle se consolava em Santarem com a esperança da armada, que havia vir, e naõ acabava de chegar de Inglaterra. Os mares se lhe pozeraõ intractaveis para naõ vir

a

a Lisboa no tempo, em que havia ser- Era vulg.
vir á maior necessidade. Nesta occa-
sião D. Nuno Alvares Pereira, manda-
do por seu Pai, que zelava a honra da
Nação, explorar as forças do inimi-
go; na idade de treze annos se por-
tou de modo nos tyrocinios de solda-
do, que todos entendêrão não tardaria
muito em se fazer Heróe. Depois de
informar a seu Pai do que víra, foi
dar conta ao Rei a Santarem, e pedio
fosse servido dar-lhe algumas trópas,
que elle queria combater o campo dos
Castelhanos, e o faria com vantagem
pela situação, em que os observára.
Este impeto de generosidade no Mo-
ço, que acabava de largar o cóllo da
ama, foi tão geralmente applaudido,
que o Rei o armou Cavalleiro, e elle
soube em todas as idades remunerar a
mercê com a reputação estrondosa,
que deo á Patria.

Atonito estava Portugal contem-
plando a inacção do seu Rei na face
das mais tristes ruinas, de hum peri-
go eminente; e de todas as Provin-
cias se offerecião os fidelissimos Por-
tu-

Era vulg.

tuguezes para impedirem os progreſſos dos Caſtelhanos a troco das ſuas vidas, e do ſeu ſangue. Entre todos o mais inſoffrido foi Joaõ Sanches, moço de baixa ſórte, como filho que era de hum lacaio do Rei D. Pedro. Eſte moſtrando o ſeu zelo igual á ſua firmeza, clamava aos Póvos, que era huma inſania eſtar vendo eſtragar a Patria, e naõ lhe acodir por naõ faltar a huma obediencia, que naõ tinha merecimento: que para todos era mais glorioſo ir morrer debaixo das ordens de qualquer homem, que os quizeſſe guiar, que na falta das do Rei D. Fernando conſentir, que os Caſtelhanos ſe fizeſſem ſenhores de Portugal. Elle concluia, que os Portuguezes tinhaõ os meſmos eſpiritos para fazerem em pó os ſeus contrarios; que ſó lhes faltava quem os conduziſſe; e para iſſo ou haviaõ inſtar ao Rei olhaſſe por ſi, e por todos, ou elles deviaõ buſcar peſſoa, que contra os inimigos os governaſſe.

Sentio o Rei como era razaõ, que ſemelhante homem tiveſſe inten-

tos

tos de divertir os vassallos da sua obediencia, e metter-se a interprete dos motivos, que elle tinha para o seu modo de conduzir-se. Elle o mandou vir á sua presença, e depois de lhe estranhar o espirito de revolta, que o transportava, o castigou com o desprezo de mal nascido, chamando-lhe Moço de mulas, que tinha sido o officio de seu pai. Tudo Joaõ Sanches ouvio attento; mas como a virtude, e o valor, o zelo, e amor da Patria haviaõ reparado nelle os defeitos do seu nascimento, respondeo respeitoso, e intrepido: Senhor eu conheço, que assim he quanto dizeis; mas se vós tivesses muitos Moços de mulas como este, os Castelhanos vossos inimigos naõ se atreveriaõ tanto a vós, e ao vosso Reino. A resposta naõ foi tomada como offensiva do respeito, mas a voz commua da lisonja a notou de temeraria. Outras acções gloriosas com caracter de sublimidade sem defeito nos offerece a Historia neste tempo, que naõ devem ficar sepultadas no silencio.

Em vulg.

Quan-

Era vulg.

Quando o Rei D. Henrique marchava de Coimbra para o ſitio de Lisboa, chegou com todo o exercito a Torres-Novas; Praça, que defendia Gil Paes como ſeu Alcaide Mór, que foi notificado para a entregar ſem ſe expôr ao perigo, que lhe ameaçava hum exercito victorioſo, e formidavel. Reſpondeo Gil Paes, que elle ſó tinha medo de faltar ás obrigações da honra, e que para cumprir com ellas eſtava reſoluto a defender a Praça até a ultima extremidade contra o poder do mundo. Os primeiros repelões, aſſim nas ſahidas ao campo, como no ataque dos muros, moſtrárão ao Rei de Caſtella, que Gil Paes fallára devéras. Como elle eſtava impaciente por chegar a Lisbóa, e obſervou na defenſa de Torres a perda do tempo; mandou levar á frente dos muros a hum filho de Gil Paes, que tinha priſioneiro, ordenando-lhe entregaſſe a Praça ſenaõ queria vêr enforcar ſeu filho. Reſpondeo o Alcaide Mór: Que ſeu filho eſtava em ſeu poder, e elle tinha acçaõ para fazer delle

le o que quizesse; mas que a Praça, ainda que estava nas suas mãos, era do *Rei* seu Senhor, e elle naõ tinha poder para a entregar sem offender a sua honra. Com barbaridade indigna foi o filho enforcado á vista de seu pai, só tocado dos seus deveres, ao sentimento natural como immovel; mas elle teve a gloria de ver levantar o sitio, e arvorar o seu Castello os trofeos, que entaõ deixáraõ arrastar as Cidades mais fortes de Portugal, sobre todas a sua Corte.

Era vulg.

Com muitas trópas de Galliza entráraõ por Entre-Douro e Minho os Fronteiros Pedro Rodrigues Sarmiento, e Joaõ Rodrigues de Biedma, derramando a consternaçaõ pelos seus Póvos indefensos. Quizeraõ oppôr-se aos inimigos alguns Fidalgos das Provincias com a gente, que podêraõ ajuntar, e com valor desesperado atacáraõ os Castelhanos, que levavaõ de vencida; mas como o partido era muito desigual, e elles cahíraõ em huma cilada, que de repente os envestio pelas espaldas, naõ podendo sustentar

es-

ra vulg. este ataque dobrado, muitos foraõ mortos, e os mais se salváraõ como podéraõ, entre estes D. Henrique Manoel, e D. Fernando de Castro. Acodia a unir-se com este destacamento a gente do Porto, que fazia caminho pelo Castello de Faria pouco distante da Villa de Barcellos. O seu Alcaide Mór o Grande Nuno Gonçalves, que a vio passar, quiz ser participante do feito honrado, que se esperava; e deixando o Castello encarregado a seu filho, a acompanhou com algumas lanças. Quando chegou esta trópa ao lugar, que havia ser do combate, e já era da victoria dos Castelhanos, ella quiz retirar-se, e naõ o pode fazer sem a perda da liberdade de muitos cavalleiros, em que entrou o grande Nuno Gonçalves.

Temeo este Heróe, que chegando os Castelhanos triunfantes ao seu Castello, o filho que havia defendello, o entregasse, e pedio aos que o prendêraõ quizessem conduzillo ao mesmo Castello para fallar a seu filho, e lhe persuadir a entrega; graça, que fa-

Era vulg.

facilmente lhe foi concedida na certeza, de que pela liberdade do pai a nada o filho se escusaria. Mas a linguagem com que lhe fallou este Capitaõ bravo, tronco illustre dos descendentes do appellido de Faria, mostrou bem quanto as suas intenções eraõ differentes da promessa. Elle lhe disse com a energia, que faz sahir da alma os sentimentos heroicos, se lembrasse: Que aquelle Castello lhe fora entregue pelo Rei D. Fernando para o defender com a honra propria do seu nascimento: que supposto estar preso, e impossibilitado para o cumprimento dos seus deveres, sob pena da sua maldiçaõ lhe ordenava, que em quanto naõ perdesse a vida sustentasse o Castello, ainda que visse ser elle alli mesmo feito em pedaços ás mãos dos Castelhanos, que o ouviaõ. Mais quizera fallar o Heróe, se as espadas dos inimigos, escandalizados da zombaria, naõ lhe cortassem o tecido da oraçaõ com os fios da vida. Passado de muitas estocadas, duas vezes illustre morreo no leito da honra o grande Nuno

Gon-

Era vulg. Gonçalves de Faria ; mas ſeu filho, em quem a morte do pai fez menos impreſſaõ aos olhos, que harmonia as ſuas vozes aos ouvidos, pelas meſmas medidas de intrepidez, que o pai talhou o deſprezo da morte, o filho medio as do valor, com que ſe lançou aos Caſtelhanos, lhes arrancou das mãos a preza, e os obrigou a reſpeitar as paredes do ſeu Caſtello.

Huma acçaõ juſtamente merecedora da memoria, o Rei D. Fernando para a perpetuar, deo por Armas aos deſcendentes de Nuno Gonçalves hum Caſtello em campo de purpura, que fazia alluſaõ ao ſangue do Heróe, derramado, com a porta, e janellas de preto ; ao pé delle hum homem morto, que foi tirado, quando as Leis da Armaria prohibíraõ figuras humanas nos Eſcudos. Nuno Gonçalves foi caſado com D. Thereſa de Meira, filha de Gonçalo Paes de Meira, ſenhor de Colares, e outras muitas terras. Teve della dous filhos, que foraõ Gonçalo Nunes de Faria, Chéfe do Caſtello, e vingador da morte de ſeu

Era vulg.

ſeu pai, que depois foi Clerigo, Abbade de Rio Covo; e Alvaro de Faria, Senhor da caſa, e armado cavalleiro na batalha de Aljubarrota em premio das muitas gentilezas, que nella obrou no ſerviço do Rei D. Joaõ I. o ſeu valor herdado.

Por outra parte as trópas do Rei de Caſtella, que haviaõ pilhado Lisboa, depois que ſe apoderáraõ della, faria laſtimoſa a ruina deſta Capital, e ſeus contornos, ſenaõ occorrêra ao meſmo tempo a mediaçaõ do Papa Gregorio XI. que enviou ao Cardeal de Bolonha com o caracter de Legado para mediar a paz entre os dous Reis belligerantes. Ambos os animos achou elle diſpoſtos para facilmente ſe ſubmetterem ás determinaçóes paternaes do Pontifice; hum porque conhecia a ſem razaõ com que rompeo a guerra, e lhe ſentia os eſtragos; o outro porque ſe quiz moſtrar obediente, e ceder dos ſeus triunfos á inſinuaçaõ do Santo Padre; como D. Fernando eſtava deſarmado, muitas Praças do Reino rendidas, o inimigo entra-

Era vulg. tranhado nelle, com eſtas realidades de vencido, naõ podia eſperar Tratado muito vantajoſo. Elle foi obrigado a abandonar a alliança do Duque de Lancaſtro; a ligar-ſe com Caſtella, e França; a lançar de Portugal os Caſtelhanos, antes rebeldes a D. Henriquo; mas as Praças todas lhe foraõ reſtituidas.

O Rei de Caſtella, que eſtava eſcarmentado da pouca duraçaõ das pazes de Alcoutim, quiz ſegurar eſtas com refens de terras, e peſſoas conſideraveis, que realmente ſe lhe entregáraõ. As Praças foraõ Viſeo, Miranda, Pinhel, Almeida, Cerolico, Linhares, e ſegura. As peſſoas eraõ o Conde D. Joaõ Affonſo, irmaõ da Rainha D. Leonor; D. Joaõ, Conde de Viana; D. Rodrigo Alvares Pereira, filho do Prior do Crato; o Almirante Lançarote Peçanha; ſeis filhos de outros tantos Cidadãos nobres de Lisboa; quatro do Porto, e quatro de Santarem, que haviaõ eſtar em Caſtella tres annos por Garantes da palavra Real do ſeu Soberano. O Cardeal

deal Legado cheio de prazer pelo bom successo, e brevidade da sua negociaçaõ, para estreitar mais a uniaõ entre os Reis, depois de fallar a D. Henrique em Lisboa, passou a Santarem a persuadir D. Fernando para se avistarem ambos, e tratarem amigavelmente dos seus interesses. Foi determinado, que quando D. Henrique se recolhesse para Castella, o primeiro encontro fosse no Téjo.

Era vulg.

Quizeraõ os Castelhanos divertillo com o escrupulo de qual dos Reis havia fallar primeiro; pertendendo, que D. Fernando rompesse o silencio, por ser Rei de Estado mais pequeno, e mais moderno, que o de Castella. D. Henrique atalhou a dúvida, e disse, que como elle nada perdia das regalias Reaes em ser primeiro, ou ultimo em fallar, que saudaria a D. Fernando, antes que elle o fizésse. Chegou D. Henrique com o seu exercito à Vallada, pouco distante de Santarem, aonde embarcou em hum escaler brilhante, o Cardeal Legado em outro, e appareceo D. Fernando em hu-

Era vulg. huma falùa magnifica, mandada por hum Cavalleiro de gentil presença. Quando o Rei de Castella o avistou, disse para os seus: Formoso Rei, formosa barca, formoso Arrais. O modo da abordage foi, postando-se nos lados os escaleres Reaes, e no centro o Cardeal Legado, que naõ podia disfarçar a sua complacencia em occasiaõ de tanto gosto, que era obra sua. D. Henrique cumprio o que promettêra, fallando primeiro, e dizendo a D. Fernando: *Dios os mantenga, Señor; mucho estimo el veros, por ser la cosa, que yo mas deseava.* Praticados os actos da civilidade mais delicada, os dous Soberanos juráraõ a paz, e entre vozes de alvoroço, desembarcáraõ em Santarem.

Aconteceo neste encontro o que raras vezes se tem visto no mundo, que foi ficarem os dous Reis taõ mutuamente affeiçoados, que o resto das suas vidas se tratáraõ com amizade religiosa, e effectiva. Para elles a apertarem em laços mais estreitos, ajustáraõ os casamentos do Infante D. Sancho,

cho, Conde de Albuquerque, e irmaõ de D. Henrique, com a Infante D. Brites, irmã de D. Fernando; e o de D. Affonſo, Conde de Gijon, filho do meſmo D. Henrique, com D. Iſabel, filha de D. Fernando, ambos baſtardos: Caſamento taõ pouco agradavel ao Conde D. Affonſo, que lhe originou os grandes trabalhos já referidos. Os prazeres, o goſto, as feſtas, que neſta occaſiaõ ſe celebráraõ em Santarem, fizeraõ eſquecer as ruinas da guerra; e miſturados Portuguezes com Caſtelhanos pareciaõ as duas Nações emulas hum ſó Póvo concorde.

Era vulg.

Da paz de D. Fernando com Caſtella, da rotura da liga com o Duque de Lancaſtro, reſultáraõ os deſejos de moſtrar ao Rei D. Pedro IV. de Aragaõ o ſentimento, que naõ podia digerir na retençaõ do dinheiro reſervado em Barcelona para o infeliz caſamento com ſua filha. Eſta reſoluçaõ, que naõ paſſou de idéa, e lhe pareceo motivo baſtante para huma rotura, o obrigou a ajuſtar nova alliança

1374

Era vulg. contra Aragaõ com Luiz, Duque de Anjou, irmaõ de Carlos V. Rei de França. De parte a parte se mandáraõ Embaixadores os dous Principes contratantes, que nada do que ajustáraõ

1375 emprehendêraõ. Em quanto estas cousas se tratavaõ, D. Fernando naõ esquecia os actos da sua liberalidade, nem tambem os da sua justiça. O fatal Diogo Lopes Pacheco, que em virtude da paz, ficára na Corte, agora convencido, de que com Joaõ Lourenço da Cunha conspirava para matar o Rei com veneno, terceira vez foi confiscado, e proscripto.

Outro fructo da paz, proprio da magnanimidade do Rei contra a esperança de todos, veio a ser a grande obra dos muros de Lisboa, que lançando-se a primeira pedra no ultimo de Setembro de 1373 se víraõ concluidos em Julho de 1375. Depois fortificou Santarem, Obidos, Ponte de Lima, e Viana, Almada, Torres-Vedras, e Leiria. Com a mesma profusaõ fez muitas mercês a varias Igrejas, e Mosteiros, que ainda hoje lhes con-

conservaõ o explendor. Fez Cortes para promulgar Leis favoraveis ao Commercio, sempre ambicioso de fornecer aos seus vassallos os meios de ser felices. Entaõ foraõ vantajosos os progressos da Religiaõ de S. Jeronymo neste Reino, que se illustra com o magnifico Mosteiro de Belém, hum dos Padrões immortaes da piedade dos nossos Soberanos.

Era vulg.

1377

CAPITULO V.

Modos delicados com que se conduz a Rainha D. Leonor, successos do Infante D. Joaõ, Scisma do Anti-Papa Pedro de Luna, e nova guerra com Castella.

A VARIEDADE do tempo, a serie de tantos negocios naõ alteravaõ no Rei os primeiros vigorosos extremos de amor para com a Rainha: paixaõ, que crescia ao passo que a reprovaçaõ do Povo se augmentava. Ella de espirito penetrante para prevenir os successos futuros, viessem elles da maõ do

Era vulg. do Rei, ou do desprazer dos vassallos, qualquer delles bastante para lhe destruir a grandeza insubsistente se hum dos dous sopros a agitasse; preparou o espirito para a applicaçaõ dos meios, que naõ só apartassem della os máos succesos; mas até os sustos. Ella applica todas as dexteridades, em quanto no Rei presistem os extremos, para fazer creaturas da sua maõ, que ainda na falta de D. Fernando lhe firmem a authoridade. A muita que ella tinha de presente, no seu espirito lhe dava plena segurança, hum direito firme para fazer o que quizesse, sem temer, que nada se lhe recusasse.

Como a sua politica naõ era taõ grosseira, que deixasse de saber, que havia pegar na occasiaõ pelos cabellos; ella cuidou em fazer poderosos a todos os seus, que haviaõ respeitalla como cousa sua. Por isso fez conferir o governo do Castello de Lisboa a seu tio D. Joaõ Affonso Telles, Conde de Barcellos, que já era Mordomo Mór. Seu irmaõ D. Joaõ Affon-

fon-

fonſo Telles já era Almirante; agora fez criar Conde de Neiva a D. Gonçalo Telles, outro de ſeus irmãos: Conde de Cea a ſeu cunhado D. Henrique: a D. Lopo Dias de Souſa ſeu ſobrinho Graõ-Meſtre da Ordem de Chriſto: ao meſmo D. Henrique de Albuquerque da Ordem de Sant-Iago. e a ſua irmã natural D. Joanna Telles, que caſou com Joaõ Affonſo Pimentel, ſe lhe deo o Senhorio de Bragança: a Gonçalo Vaſques de Azevedo, que determinava caſar com a filha de hum dos ſeus validos, procurou o Vice-Almirantado; e deſte modo os parentes de D. Leonor Telles ficáraõ occupando os primeiros cargos da Corte, ſendo elles os conductores das funções mais conſideraveis da Monarquia.

Em vulg.

Ganhar a Nobreza, e attrahir a devoçaõ do Povo eraõ outros dous paſſos, que naõ fugiaõ á perſpicacia de D. Leonor, nem lhe eſcapavaõ as maneiras inſinuantes de os conduzir com vantagem. De hum, e outro corpo ella ſe declarou protectora para fazer

zer

Era vulg. zer a ambos officios taõ conformes; que bem parecesse se arrogava a natureza do mais principal dos seus membros. Os Fidalgos para qualquer graça, que pertendessem, naõ necessitavaõ mais diligencias, que apresentar-lhe hum Memorial. O menos que os obrigava era o despacho, que ainda sendo grande, perdia o vulto á vista dos modos benevolos, com que elle era conferido. O povo se sollicitava immunidades, dons, privilegios, e isenções, encontrava a Rainha na sua tésta como canal, que da maõ do Rei fazia correr tudo com affluencia, muitas vezes maior, que os desejos. Tudo isto era necessario para satisfazer a tantos descontentes de a verem no Throno; mas tudo era parto de huma politica corrupta, que naõ podia ter por muito tempo cobertos a impiedade, e o odio, que o coraçaõ de D. Leonor reconcentrava a todas as pessoas, de que se podia temer, sem excepçaõ do seu mesmo sangue. Huma fé apparente disfarçava a perfidia, que naõ tardou em mostrar nos

es-

escandalos, que o Sceptro estava violento, e a Coroa fora do seu lugar. Era vulg.

O successo sem exemplar do Infante D. Joaõ he próva evidente destas verdades. Clandestinamente havia o Infante casado com D. Maria Telles, irmã da Rainha, sendo viuva de D. Alvaro Dias de Sousa; que estas senhoras na elegancia da sua gentileza tiveraõ dote sobrado para darem as mãos a Principes. O mesmo foi a Rainha penetrar o casamento occulto, que dar-lhe saltos o coraçaõ para naõ guardar medida ás industrías. Ella se deixou occupar do temor da morte prevista de D. Fernando, que promettia pouca duraçaõ por viver achacado, e já lhe parecia estar vendo o Infante, e sua irmã assentados no Throno na falta de filho varaõ, que nelle lhe succedesse. Sem perda de tempo entra a derramar palavras mysteriosas, que lisongeavaõ o Infante nas esperanças de o casar com sua filha a Infante D. Brites: Princeza a tantos promettida para ser o raio fatal, que ateou na Monarquia incendios

Era vulg. dios vorazes. Para fazer a D. Joaõ crivel este projecto, o capacita, que sua irmã D. Maria lhe falta á fé de esposa; he huma adultera, e que elle deve olhar pela sua honra. D. Joaõ naõ duvida cumprir com ella se o crime for verdadeiro. A Rainha, que naõ queria deixar a sua obra imperfeita, teceo a mentira com tantos apparatos de verdade, que o Infante a creo, e affegurou a D. Leonor, que elle sem mais exame matava a mulher.

Sem dar resposta ouvio D. Leonor esta resoluçaõ do Infante: Silencio abominavel, que o confirmou nella, arrastado pela ambiçaõ de pegar no Sceptro com as mãos pingando sangue. A morte violenta de D. Maria Telles traçada com semelhantes intrigas, que todas se imputavaõ ao Infante, fez-se enorme; naõ ha bocca, que deixe de fallar, todos se queixaõ. Teme a Rainha, que o Infante confesse o crime, e a declare complice. Fiada no seu poder, intenta conseguir do Rei se ponha silencio na causa,

pa-

pāra o fazer crêr, que as ſuas atten- Era vulg.
çōes pelo Infante ſaõ nella mais efficazes, que os impulſos com que o ſangue a inſta a promover a vingança. Neſtas meſmas propoſtas conſeguio a arte os intentos do infeliz Infante, que por eſta morte entendeo abria o caminho ao Throno, fugir para Caſtella, deſamparar o Reino, deixar nelle ſepultadas as eſperanças da Coroa.

A Rainha contente por conſeguir as idéas deteſtaveis a expenſas da alma propria, e da vida da irmã innocente, agora lhe chorava a morte, quando a recreava a ruina do Infante, como meio unico da firmeza da ſua authoridade. Porém a Providencia Divina, que cheia de equidade confunde em ſi meſmas as idéas injuſtas dos homens; naõ ſó á Rainha, mas aos outros Co-Reos do crime deteſtavel fez no mundo huns eſpectaculos da execuçaõ da ſua juſtiça. Na Rainha deſcarregou o golpe da infamia na meſma culpa, que ella falſamente imputára a ſua irmã, e a arrojou a Caſtella ſem dominio, aonde foi viver pobre,

Era vulg. bre, preza, e acabar aborrecida. O Infante teve igual deſtino no meſmo Reino, e quando ſe vio opprimido dos ferros, entaõ conheceo, que a morte da mulher, forjada pela ambiçaõ de reinar, ella era a unica cauſa de perder a Coroa, que a natureza lhe deſtinára, ſe a crueldade naõ a perdêra. O Conde D. Joaõ Affonſo, depois de ſupportar os revezes da fortuna, foi morto miſeravelmente na batalha de Aljubarrota. Em todas as idades tem ſido politica inalteravel do preſcrutador das intenções humanas, que os authores das Tragedias, no ultimo auto, lavem o theatro com o ſeu ſangue.

Os peccados de eſcandalo, que neſtes tempos ſe amontoavaõ no mundo, enfurecêraõ o Deos das piedades, que permitio em caſtigo delles na ſua Igreja huma das roturas mais enormes, que ella tinha experimentado em mui-
1378 tos ſeculos. Morreo o Papa Gregorio XI.: perda para Portugal ſenſivel, que tantas próvas recebêra da ſua affeiçaõ paternal. Foi eleito Urbano VI.

pa-

Era vulg.

para ser testemunha da tempestade, que combateo a Náo da Igreja, e perturbou o animo dos Fieis com o Scisma de tres Papas, sem ser facil distinguir o verdadeiro dos falsos: tudo confusões, que arrastavaõ os homens mais sabios para dizerem mal do bem, e bem do mal, para pôrem trévas nas lûzes, e luzes nas trévas, para gostarem o doce no amargo, é o amargo no doce. Ao Pontifice legitimo Urbano VI. oppozeraõ os Francezes o Anti-Papa Clemente VII. que com alguns Cardeaes veio para Avinhaõ, primeira origem do scisma, que durou 50 annos. Entaõ foraõ continuas as desordens nos Estados vacillantes, e muito maiores as dos dous Chéfes legitimo, e intruso, que entráraõ a fulminar anathemas frequentes de Roma contra Avinhaõ, de Avinhaõ contra Roma.

Naõ mudou Clemente de estylo com Bonifacio IX. que succedeo a Urbano, nem elle de condiçaõ a respeito de Clemente. Quando se esperava, que com a morte dos dous conten-

Era vulg. tendores espirasse o scisma, e reinasse pacifico Innocencio VII. canonicamente eleito, contra elle se levantou Pedro de Luna, que se quiz chamar Bento XIII., e collocado no Solio de Avinhaõ, resistio com tenacidade abominavel á Cadeira de S. Pedro em Romá. Castella, Aragaõ, e Navarra sempre seguíraõ os Anti-Papas. De Portugal dizem o mesmo o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, Manoel de Faria, e Duarte Nunes, affirmando, que o Rei cahíra no erro, ainda que depois se retratára, sem esperar as decisões do Concilio de Constança, como os tres Soberanos de Hespanha acima ditos. Aquelles Authores taõ illuminados se enganáraõ, ou de huns a outros se communicou o engano de algum delles em ponto taõ essencial, que forneceo fundamentos sólidos para se sustentar o direito do Mestre de Aviz contra o pertendido da Rainha D. Brites de Castella sobre Portugal. Isto supposto, sem eu me embaraçar nos modos por que se conduziraõ na occasiaõ deste scisma os Reis daquella

la

la Corôa D. Henrique, que viveo pouco depois delle, e D. Joaõ I. que lhe succedeo, por ser historia alheia, eu passo a referir o que nos pertence.

Era vulg.

Presumem os tres Authores citados, que o Rei D. Fernando seguíra os Reis de Hespanha no reconhecimento dos Anti-Papas de Avinhaõ, e que se retratára persuadido dos Inglezes seus alliados, quando vieraõ ajudallo na guerra, que teve depois com D. Joaõ I. de Castella. Esta nota geral ao Rei, e Reino nasce de hum engano parcial bebido na quéda de hum só Prelado com alguma parte do seu Povo, que sem discernimento illuminado, marchou rebanho rude apôz os vestigios do seu Pastor. Foi este o Bispo de Silves no Algarve D. Martinho de Samora, que como era de Naçaõ Castelhano, naõ quiz separar-se dos sentimentos dos seus Patricios, e á sua imitaçaõ se declarou scismatico. Todos os Escritores Ecclesiasticos nos daõ próvas destas divisões arbitrarias dos Bispos dentro de hum mesmo

Es-

Era vulg. Estado Soberano, e naõ nos deve fazer especie esta singularidade do Bispo de Silves, contraria ao commum sentir do Reino de Portugal, e de muita parte do do Algarve. Deos sabe se o erro de D. Martinho foi a causa de o matarem sem escrupulo como a hum scismatico, quando elle já estava promovido a Bispo de Lisboa na revolta do Mestre de Aviz.

O Rei, e Reino de Portugal reconhecêraõ logo a Urbano VI. por Papa legitimo: Resoluçaõ, que com huma Carta pomposa pertendêraõ transtornar os Cardeaes seus oppostos. Mas chegando ao mésmo tempo de Italia o célebre Joaõ das Regras bem instruido pelo seu Mestre Baldo na legitimidade de Urbano: elle a persuadio com tanta força de razões, e sensibilidade de evidencias, que a Carta dos Cardeas foi desprezada, e os Portuguezes se sustentáraõ firmes na obediencia aos verdadeiros Successores de S. Pedro, sem que depois tivessem nada que innovar, nem de que se arrepender á vista da decisaõ do Concilio Constan-

cien-

ciense. Pedro de Luna, já Cardeal, veio a Hespanha vivendo ainda Henrique II., e naõ nos consta, que entre nós publicasse a sua missaõ diabolica, que tanto quiz prevalecer contra a Igreja de Deos. Dous annos depois recebemos a sua visita em Santarem, aonde o Rei D. Fernando lhe ouvio hum estirado discurso, taõ cheio de pompas, ornatos, e delicadezas, que era capaz de se insinuar nos coraçoes mais duros. O Rei lhe respondeo, que como o assumpto da sua falla continha pontos de Doutrina, que naõ eraõ da sua profissaõ secular; que elle ouviria os Prelados do seu Reino para se resolver.

Era vulg. 1379

Nós devemos a Authores Estrangeiros, especialmente a Rainaldo nos seus Annaes, dar-nos noticia desta Junta de Santarem. Elle nos diz: Que os Prelados de Portugal com argumentos sólidos jarretáraõ os sofisticos, e intrigantes do Anti-Cardeal Pedro de Luna. Depois trata ao largo os mesmos argumentos de convicçaõ no anno de 1381, número 34, e conclue: Que

Era vulg. os sentimentos dos Prelados confirmáraõ aos Portuguezes na obediencia aos verdadeiros Papas: que elles cobríraõ de affrontas, e desprezos ao Seductor, que se retirou envergonhado, e depois se queixou aos Padres seus amigos do Concilio de Constança desta pouca attençaõ dos Portuguezes: que estes, entre os outros Reinos das Hespanhas, eraõ os mais dignos de louvor, como os mais obsequiosos á Santa Sé; desprezadores constantes dos lisonjeiros, e rochedos immoveis, aonde davaõ, e retrocediaõ sem os abalar as ondas furiosas da seducçaõ dos scismaticos.

1380 Quando principiava este scisma a tomar as maiores forças, acabou a vida o Magnifico Henrique II. Rei de Castella, e entráraõ novas afflicções a opprimir o espirito da ambiciosa Rainha de Portugal D. Leonor para se segurar na mudança dos interesses, que naõ podia deixar de sobrevir. Com a morte de D. Henrique se desfez o casamento ajustado entre seu filho o Duque de Benavente Fredrico, e a nossa Infante D. Brites, que se estimava her-

dei-

Era vulg.

deira do Reino; e a continuaçaõ das molestias de seu Pai fazia temer a brevidade da sua perda. Este susto, e aquelle successo obrigáraõ a Rainha a esforçar-se nas diligencias de buscar hum protector poderoso, que a titulo de marido futuro da Infante sua filha a sustentasse sem mudança na authoridade presente. Neste anno nasceo o menino Henrique, filho primogenito do novo Rei D. Joaõ I. de Castella, e a Rainha o entendeo esposo proprio; pelos muitos annos, que podia esperar, para a Infante, que naõ gostaria como herdeira de ter tanta paciencia. Ella o propôz a D. Fernando, que como era gosto da mulher, naõ podia duvidar; e mandados Embaixadores reciprocos, se ajustou com o recem nascido o casamento, que estava destinado para seu Pai.

O Conde de Ourem, e Gonçalo Vasques de Azevedo foraõ os Ministros mandados a este ajuste, que mostráraõ a seu Amo concluido, e nas duas Monarquias se fez público com a condiçaõ plausivel, de que as Coroas

Era vulg. de Portugal, e Castella se veriaõ reunidas na frente do primeiro Principe, que nascesse do inaugurado matrimonio. Interessante era a Portugal, e muito mais á Rainha, ir-se nutrindo esta idéa pelos mesmos vagares, com que o Infante de Castella se criava; mas o Rei D. Fernando, que em tudo tinha caracter singular, do ajuste fez huma fabula; rompeo a alliança, e para mostrar, que a amizade com D. Henrique era mais naõ poder, declarou o odio contra a pessoa do filho; sem motivo algum torna a ligar-se com o Duque de Lancastro sobre as pretenções á Coroa de Castella, e degenera o Tratado do casamento em huma formal declaraçaõ de guerra, que trataremos no Livro seguinte.

LI-

LIVRO XIX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da guerra do Rei D. Fernando com D. João I. de Castella, e outros succes- sos, que della foraõ resulta.

Era vulg. 1380

DETERMINOU o Rei D. Fernando descobrir ao mundo, que a amizade contrahida com D. Henrique nas vistas de Santarem era huma apparencia exterior, que occultava no fundo do animo a dor dos estragos na guerra passada; a emulaçaõ da sua fortuna para elle taõ contraria; os desejos da vingança na primeira conjunctura favoravel para ella. Tudo elle assim concebe, explica em proprios termos ao Conselho de Estado, que convocou para lhe ouvir os votos sobre o modo de fazer a guerra. Todo elle ficou atonito, quando ouvio a proposta do Rei, que sup-

Era vulg. suppunha ligado com os vinculos da mais perduravel paz. Naõ houve esforço a que elle pendesse, para divertir o Rei de semelhantes intentos, que depois do ajuste do casamento dos Principes das duas Coroas, o mundo olharia para as suas negociações como para huma especie de illusaõ, que zombava das Magestades. Nada moveo a D. Fernando para mudar de dictame; e servindo-se de Joaõ Fernandes Andeiro, hum dos Fidalgos Castelhanos, que em virtude da paz de Santarem sahio de Portugal, e estava em Londres; por seu meio ajustou a liga com Inglaterra, e elle veio occulto a Portugal dar parte dos Artigos da negociaçaõ.

Consistiaõ elles, em que o Duque de Lancastro mandaria a este Reino a seu irmaõ o Conde Edmundo com as maiores forças, que lhe fosse possivel para ajudar na guerra ao Rei D. Fernando: que o Conde traria comsigo o Principe D. Duarte, filho do Duque, e neto do Rei D. Pedro de Castella, para casar com a Infante D. Bri-

tes,

tes, e ferem ambos herdeiros dos dous Reinos de Caſtella, e Portugal, que a cada hum tocavaõ; e outras diſpoſiçõ̃es a reſpeito do pagamento das trópas. Naõ ſe occultou ao Rei de Caſtella a negociaçaõ das duas partes contratantes; e para melhor obſervar os movimentos de Portugal, veio para Salamanca, aonde principiáraõ a afflígillo idéas triſtes. A noticia da morte da Rainha D. Joanna ſua Mãi foi acompanhada dos aviſos de vinte galés, e quatro grandes náos, que ſe preparavaõ no Téjo; dos da grande armada Ingleza, que nelle ſe eſperava; do das muitas trópas, que ſe levantavaõ, e praças, que ſe guarneciaõ em Portugal; de que ſeu irmaõ o Conde de Gijon ſollicitava esta guerra, reſoluto a unir as forças proprias com as de ſeu ſogro o Rei D. Fernando.

Era vulg.

Tantos preparativos confirmáraõ a certeza da guerra ao Rei, que religioſamente obſervava os Tratados de paz, e naõ pode deixar de aſſuſtar-ſe com a vinda dos Inglezes a Heſpanha, acompanhados do direito do Principe

D.

Era vulg.

D. Duarte á sua Coroa, e com a promessa da de Portugal pela esposa futura: interesses taõ importantes, que era impossivel deixarem de obrigar Inglaterra a fazer os ultimos esforços. Porém a resulta destes pensamentos no Rei D. Joaõ foi resolver-se a defender animoso a sua Coroa contra todos aquelles, que intentassem aballala. Como dilatou o coraçaõ, elle se deo taõ pouco a sentir da renovaçaõ da liga, que a ninguem pedio soccorro, nem a visinhos, nem a amigos. Tudo fiou das suas disposiçoẽs; deo ordens effectivas para a armada, e o exercito estarem promptos a sahir ao mar, e mover-se ao primeiro som de caixa. Em quanto naõ marchava para a fronteira, foi fazer huma visita aos Estados de seu irmaõ o Conde de Gijon, que ainda naõ esperava por ella, e teve de se refugiar nas montanhas de Oviedo. D. Joaõ o foi seguindo, e o cercou nesta Cidade, que naõ pode defender, e rendido com humildade, reconheceo em seu irmaõ a soberania, de que se jurou fiel vassallo.

Com

Com a vantagem importante deste passo declinou elle a marcha para o Riba-Coa, e cercou a Praça de Almeida, que depois de hum mez de sitio, se rendeo por capitulaçaõ. Os Mestres de Alcantara, e Sant-Iago entráraõ por Elvas, e saqueáraõ os campos das Villas do Cano, Sousel, e Vieiros. Ao mesmo tempo sahio a armada de Sevilha ás ordens do bravo D. Fernando Sanches de Toar, que fez varias irrupções pela cósta do Algarve. Ainda o Rei se naõ movia, esperando a chegada dos Inglezes para principiar as operações da campanha; mas vendo os inimigos senhores das de mar, e terra, acodio primeiro á defensa das Praças, e encarregou Elvas a D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayolos; Olivença, Campo-Maior, e Arronches ao Mestre de Aviz D. Joaõ; Portalegre ao Prior do Crato D. Pedro Alvares Pereira; Villa-Viçosa ao Conde de Viana; Béja ao Mestre de Sant-Iago; e as das outras Provincias aos seus Alcaides Móres. Nomeou para Almirante da Armada ao

Era vulg. 1381

Con-

Era vulg. Conde D. Joaõ Affonſo Tello, irmaõ da Rainha; primeiro preſagio da ſua infeliçidade pela ignorancia do Chéfe nas manobras de mar, e guerra, que tudo hia aprender da diſciplina de hum Cabo ſugeito ás ordens do Conde.

O de Arrayolos em Elvas quiz deſpicar a injuria, que nos fizeraõ os Meſtres de Alcantara, e Sant-Iago, talando a campanha de Badajóz. Elle convidou para a empreza ao memoravel Gil Fernandes, que depois da occaſiaõ, em que ſe fingio o Infante D. Joaõ, os Caſtelhanos ouviaõ o ſeu nome com reſpeito. As trópas avançadas foraõ logo inveſtidas pela cavallaria de Badajóz, que fez parar o Conde para ver como os ſeus ſe retiravaõ. Gil Fernandes o inſtava para que ſe avançaſſe ſobre os inimigos; mas o Chéfe biſonho ficou immovel ſem ſaber determinar-ſe. O bravo Gil, naõ podendo ſoffrer a affronta á ſua viſta, com vinte de Cavallo ſe lançou aos inimigos como hum raio, e depois de matizar o campo de ſangue, os metteo ás lançadas pelas portas de Badajóz,

józ, donde se recolheo com a reputa- Era vulg.
çaõ renovada, cheio de gloria.

Penetrou-se o Rei D. Fernando da frouxidaõ do Conde de Arrayolos, e ordenou a D. Nuno Alvares Pereira, que na idade de 20 annos se fazia recommendavel entre os homens, deixasse a Provincia do Minho, e fosse servir em Portalegre ás ordens de seu irmaõ o Prior do Crato para se achar com Gonçallo Vasques de Azevedo na invasaõ, que o mandava fazer no Paiz inimigo, em ordem a reparar a quebra do Conde. Já as trópas destinadas para a empreza estavaõ em marcha, e houveraõ de suspendella pela noticia, de que o Infante D. Joaõ de Portugal, que servia em Castella, chegára com exercito poderoso a Badajóz para se unir a D. Fernando Osores, Mestre de Sant-Iago, e formarem ambos o sitio de Elvas, destinado para a abertura da campanha. No principio de Julho apparecêraõ elles á vista da Praça com grande sentimento do Rei D. Fernando, que tinha determinado ser o primeiro em sitiar

Ba-

Era vulg. Badajóz; mas se este pesar o affligia, elle necessitou de todo o esforço do espirito para ouvir a nova infeliz da perda da sua armada.

Embarcáraõ nella seis mil homens de tripulaçaõ com muitos Fidalgos da primeira distinçaõ do Reino, ambiciosos de honra, que foraõ perder debaixo do commandamento de hum homem, que fiava os bons successos da vaidade de ser irmaõ da Raínha D. Leonor. Fernaõ Lopes lhe córta os elogios pelas medidas do merecimento. Elle se naõ embaraçou com a falta de déz galés, que deixou divertidas em ver pescar os maritimos do Algarve; e dando assim a superioridade aos inimigos, que o esperavaõ surtos; sem ordem, nem fórma de batalha, os investio. O destro D. Fernando Sanches de Toar foi sustentando o impeto dos nossos, que soldados, e chéfes de si mesmos, mostravaõ que eraõ Portuguezes. Quando observou a confusaõ opportuna aos designios, atacou-nos com toda a força, e sem perda de vidas, mas com muitos feridos, tomou

to-

todas as galés com o Conde Almirante, que conduzio a Sevilha. Gil Lourenço do Porto, que governava huma galé, vendo a desordem com que o Conde envestia, a vantagem dos Castelhanos, a confusaõ da batalha, e tudo perdido; voltou a prôa, e veio a Lisboa dar a infausta noticia para impedir a sahida das náos, que se faziaõ prestes para reforçar a armada. Eq'vulg.

Huma perda taõ consideravel encheo de furor os Póvos do Reino, que clamavaõ contra a injustiça da guerra; pela lastima dos Lavradores, que metteraõ forçados na chusma da armada; contra os parentes da Rainha, que sem talentos, nem capacidade os punhaõ nos empregos para perderem o Reino; e outras vozes semelhantes, que detestavaõ a guerra como effeito da veleidade de hum animo, que dava precedencias ao seu gosto com desprezo dos interesses da Monarquia. O Rei disfarçou o sentimento na perda de tantos vassallos, e de desanove galés com a chegada de 48 náos Inglezas ao porto de Lisboa, em que vinhaõ

Era vulg.

nhaõ o Conde, e Condeça de Cambrix, e seu sobrinho o Principe D. Duarte, de seis annos de idade, que se desposou com a Infante D. Brites, que contava dez; mas como as palavras eraõ de futuro, sobrevieraõ os contingentes, que com facilidade alteráraõ o contrato, como mostraráõ os successos. Com tanta tranquillidade, e magnificencia se fez esta ceremonia, como se o Reino estivesse gozando a aura benigna da paz: porém os prazeres mudáraõ a face com tanta pressa, quanta foi a fealdade no semblante da guerra.

O Rei de Castella, que estava na Beira, tinha tomado Almeida, e os seus Generaes sitiavaõ Elvas, e Miranda, que se rendeo; com a noticia da chegada dos Inglezes, mandou levantar o cerco de Elvas, ajuntar as trópas, e pôr-se prompto a observar os nossos movimentos. Para mostrar aos Inglezes, que naõ os temia, escreveo ao Conde de Cambrix huma carta de desafio, em que se obrigava a buscallo duas jornadas den-

tro

tro de Portugal para igualarem o trabalho das marchas, e achar-se em proporçaõ conforme para a batalha. Naõ respondeo o Conde; mas o Rei mais picado, mandou ao Almirante Toar, que com a armada sahisse de Sevilha, e a todo o risco entrasse no porto de Lisboa, e queimasse, ou fizesse prisioneira a Frota Ingleza. Hum dos dous destinos lhe dera Toar se ella naõ se recolhesse no rio de Sacavem, que foi defendido por duas grossas cadeas na sua bocca, muitas vezes envestidas pelo Almirante Castelhano; mas como naõ as pode romper, elle se recolheo a Sevilha, e a armada para Inglaterra, deixando entre nós, nos Inglezes, inimigos muito mais crueis, que os Castelhanos.

Era vulg. 1

Naõ se cançaõ os nossos Chronistas de encarecer as atrocidades, que estas trópas auxiliares cometteraõ em todos os terrenos de Portugal, por onde andáraõ. O Povo afflicto se contemplava atacado por duas guerras, mais intoleravel a dos Inglezes por contínua, sem gloria, nem resistencia.

cia.

Era vulg. 1382

cia. Preparava-se a campanha futura, e D. João, Mestre de Aviz, com os Inglezes fez huma entrada por Castella com ruina dos Lugares de Lobon, e Cortijo. D. João de Castella pensava descarregar o golpe com mais força, e para elle lhe deo occasião a marcha do Rei para a Provincia do Alem-Téjo, com desconsolação extrema dos moradores de Lisboa, que olhavão esta retirada como huma fugida, que os deixava expostos a soffrer os tratamentos mais duros dos Castelhanos. Virão elles entrar pela barra as duas armadas de Sevilha, e Biscaia compostas de oitenta vasos, que fazião huma perspectiva apparatosa, e guerreira. Derão fundo, e sem resistencia do Governador Gonçalo Mendes de Vasconcelos, parente, e criatura da Rainha, desembarcavão; passeavão affoutos pelo campo de Santa Clara, e forão pondo fogo a tudo desde os Paços de Xabregas até Villa-Nova da Rainha, sem que o ecco de tantas ruinas despertassem o Governador do seu lethargo.

In-

Era vulg.

Informado D. Fernando dos damnos, que os inimigos faziaõ em Lisboa, mandou depôr do Governo ao insensivel Gonçalo Mendes, e substituillo pelo Prior do Crato, que marchou de Evora com seus bravos irmãos D. Rodrigo, D. Fernando, D. Joaõ, e D. Nuno Alvares Pereira, que entaõ mostrou nas gentilezas do seu espirito as muitas, que os Castelhanos podiaõ esperar delle em todas as occasiões. Já os desembarques naõ eraõ taõ frequentes, depois que o Prior fez em postas huma partida, que fora saquear Sintra. Seu irmaõ D. Nuno fez na armada mais vulgar o terror, quando no choque de Alcantara, com poucos cavalleiros, elle cahido com o cavallo em terra, forçou hum corpo de trópas muitas vezes dobrado a embarcar-se fugindo; deixando no campo muitos mortos, e presos: Primeira acçaõ façanhosa de D. Nuno, que o encheo de reputaçaõ, e foi presagio feliz das muitas, para que os fados o guardavaõ, e hoje saõ hum pregaõ illustre da fa-

 ma,

Era vulg. ma, que anima o decóro dos Faſtos de Portugal.

Quando em Lisboa ſuccediaõ eſtas couſas, os dous Reis em peſſoa eſtavaõ com as ſuas forças ſobre a fronteira de Elvas, e Badajóz; eſperando-ſe a cada inſtante ouvir a noticia de huma batalha. Face á face ſe achavaõ os dous Rivaes com ſemblante de inveſtir-ſe, quando de repente, ſem a intervençaõ de Miniſtros, ſem que até hoje ſe ſaiba quem a rogou, a paz ſe ajuſta entre ambos os Reis. Os campos, preſtes a combater, ficáraõ paſmados; os Inglezes atonitos; e como elles eraõ os mais prejudicados nos ajuſtes, ſe os ſoffrêraõ pacientes com o temor de quem eſtava em caſa alheia, naõ os podêraõ levar callados, e hum ſuçurró vago arguia de leveza a reſoluçaõ, que derrotava as promeſſas precedentes. Publicou-ſe a paz, e ouviraõ os Inglezes a primeira condiçaõ, que era o caſamento da Infante D. Brites, já deſpoſada com o ſeu Principe Duarte, agora novamente promettida a Henri-

rique, filho do Rei de Castella. As mais condições foraõ a entrega das Praças; a restituiçaõ das galés tomadas na batalha, que fica referida; a liberdade dos prisioneiros; e fornecer o Rei de Castella as náos necessarias, que conduziraõ os Inglezes ao seu Reino com a grande gloria, que tiráraõ desta empreza.

Era vulg.

Parece ter pouca dúvida, que o Rei de Castella naõ perdoou a diligencia para conseguir esta paz, para elle mais vantajosa, que muitas victorias, se continuasse a guerra. Elle justamente devia temer a proclamaçaõ do Duque de Lancastro ao Throno de Castella, que fora feita no meio de hum exercito, e a que elle naõ podia prevêr as consequencias. Os mais Artigos, especialmente o do casamento da Infante herdeira, todos se faziaõ respeitosos. Porque assim o conheceo o Mestre de Sant-Iago, quando vio o Rei duvidoso em assinar o Tratado com a clausula da restituiçaõ das galés, e que os Ministros Portuguezes o ameaçavaõ com a continuaçaõ da guerra

Era vulg. ſe nella naõ convinha : O Meſtre lhe diſſe reſoluto : Que reparaes , Senhor, por vinte e duas galés em eſtado de naõ ſervir , que nada valem, e por naõ dares cinco náos de tranſporte aos Inglezes , quereis perder a importancia deſta paz. Tal naõ fareis ; que ſe iſſo he por evitares as deſpezas, a minha Ordem as pagará. Fallando aſſim , reſpeitoſo , tomou a maõ do Rei, como quem o forçava a aſſinar o Tratado , que com effeito aſſinou.

CAPITULO II.

Valimento de Joaõ Fernandes Andeiro com a Rainha, e perſeguiçaõ contra D. Joaõ, Meſtre de Aviz, que o repróva.

HUM anno havia que Joaõ Fernandes Andeiro eſtava occulto em Eſtremoz no meſmo Palacio , aonde ſe hoſpedavaõ os Reis. Aqui eraõ frequentes as occaſiões para a muita converſaçaõ ; que ſobre ſer cauſa do menos apreço , ordinariamente avança

as

as facilidades notaveis, e notadas, que costumaõ ter consequencias funestas. A Rainha D. Leonor conversou muito com João Fernandes Andeiro: Conversações notadas, notaveis, e muitas, origem da facilidade com que se dizia, que a maõ de Deos descarregára a pena de Taliaõ em D. Leonor, permittindo na sua pessoa com verdade o crime, que ella falsamente imputára a sua irmã a infeliz D. Maria. Como a mina em tomando fogo naõ pode deixar de vaporar incendios; a Rainha quiz, que Joaõ Fernandes Andeiro parecesse em público, como moço galhardo, e gentil-homem, que era. Tudo quanto pertendeo conseguio do Rei, que já entaõ, pelos seus muitos achaques, parecia cadaver; hum homem todo da morte. Á liberdade de ser visto ajuntou a Rainha a honra de o fazer Conde de Ourem, que estava vago pela morte de seu irmaõ.

Era vulg.

Gonçallo Vasques de Azevedo, que por sua mulher, Camareira da Rainha, foi informado das conversações

Era vulg. ções da meſma Senhora com Joaõ Fernandes: Fiado na authoridade de parente, cahio na imprudencia de lhe fazer advertencias por meio de humas ironias, que ſe no ſeu juiſo eraõ delicadas, para o goſto da Rainha tiveraõ muito de groſſeiras. Ella lhe prometteo logo, que lhe cuſtariaõ caro os conſelhos, que ſe mettia a dar de graça; e porque temeo, que Gonçalo Vaſques deſcobriſſe o que ſabia ao generoſo Meſtre de Aviz, que incapaz de ſoffrer injurias de muito menos porte, ou elle as deſaffrontária, ou as participaria ao Rei para as vingar: Ella ſe determinou a perdel-los. Os meios verdadeiros, que para eſte fim traçou a iniquidade, os ſeus authores o ſaberiaõ; mas a fama pública ſuſtentava, que foraõ duas Cartas fabricadas pela Rainha, e Andeiro, que provάraõ na preſença do Rei, como o Meſtre, e Gonçalo Vaſques eraõ dous traidores, que tratavaõ intrigas em Caſtella contra o Rei, e o Eſtado.

El-

Era vulg.

Ella, cheia de complacencia, persuade ao incauto Principe a felicidade, e destreza com que o seu cuidado pode haver á maõ as ditas Cartas: quanto se deviaõ recear os dous inconfidentes, que emprendiaõ idéas temerarias fiados nos Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, irmãos do Mestre, retirados em Castella: que devia segurar as pessoas dos traidores para delles se fazer justiça correspondente ao merecimento da causa. Como ainda durava a guerra quando isto aconteceo, facilmente se capacitou o Rei de quanto lhe quiz introduzir a Rainha; e sem mais exame, mandou a Gonçalo Vasques Coutinho, genro de Gonçalo Vasques de Azevedo, que ao Mestre, e a seu sogro os levasse do Paço, aonde estavaõ, para o Castello da Cidade, que era a de Evora. Vasco Martins de Mello, Alcaide Mór da Cidade, tratou os presos conforme as ordens, que recebêra; mas advertido, e prudente, elle soube guardar o Deposito, que a Providencia amparava para honra, e liberdade de Portugal, quan-

Era vulg. quando o desacordo de huma mulher furiosa o queria fazer victima da sua indecencia.

Na mesma noite da prisaõ foi ao Castello hum criado da Rainha, e apresentou a Vasco Martins hum Decreto falso, em que o Rei mandava, que logo, sem demora se cortassem as cabeças aos dous presos. Vasco Martins, que desconfiou do Decreto, e do mensageiro, respondeo, que executaria as ordens. Passadas poucas horas voltou o mesmo emissario a saber se as execuções estavaõ feitas, e informado, que naõ; tirou por outro Decreto mais forte, que apressadamente as ordenava, e o emissario com vivas persuasões as requeria. Vasco Martins o despedio, dizendo: Que era meia noite, hora incompetente de fazer justiça: que naquelles Decretos poderia haver paixaõ, e queria, que o Rei désse lugar á ira: que pela manhã o informaria do que passava, e entaõ executaria as ordens, quando da Pessoa do Rei as recebesse. Assim derrotou o sabio Vasco Martins as in-

intrigas malvadas, que assombrárão o Rei., quando vio furtadas as suas firmas; mas com o assombro se satisfez, e foi-se para o Vimieiro deixando os innocentes presos em Evora. Era vulg.

A Rainha que ponderava frustradas as suas idéas, e temia que os presos brevemente serião soltos, quiz fazer seu este negocio para obrigar o Mestre; tratou, conseguio a soltura, e na ausencia do Rei deo hum dia de jantar ao Mestre. Elle se approveitou da conjuntura para lhe perguntar a causa da sua prisão, que a Rainha não teve dúvida de imputar a Vasco Porcalho pelo aleive, que lhe levantára na presença do Rei, assegurando as suas correspondencias em Castella, e a guerra que com os Infantes seus irmãos tratava de fazer a Portugal; mas que D. Fernando estava informado da falsidade de Porcalho. Outros presumem, que a Rainha em nada contribuíra para a liberdade dos presos, antes chegára aos pontos da ultima desesperação, quando os vio soltos; e não sabendo a que attribuisse esta re-

Era vulg. resoluçaõ do Rei, ajuntou á violencia do seu segredo a simulaçaõ da sua politica.

Naõ faltáraõ ao Mestre criados zelosos, e valentes, que quizessem tirar a vida ao Commendador Mór de Aviz Vasco Porcalho pelo testemunho, que a Rainha assegurava tinha levantado a seu Amo: mas elle, que conhecia a duplicidade daquella Senhora, os deteve, e persuadio guardassem o seu valor para o empregarem em occasiaõ mais justa. Com tudo, este espirito sublime, occupado da injustiça que se lhe acabava de fazer, vivamente se queixou ao Rei, e em público pedio lhe dissesse a causa da sua prisaõ. D. Fernando, que naõ tinha alguma com que a cohonestar, e ainda que já conhecia o caracter da Rainha, o amor naõ lhe dava lugar a arguilla, voltou ao Mestre em tom magestoso: Que elle tivera por conveniente obrar assim com a sua pessoa, para que conhecesse o mundo o poder, que tinha sobre elle. O Mestre, que sentio, mas naõ se perturbou com es-

esta incoherencia, respondeo retirando-se: Desde que vos reconheci por meu Rei, Eu creio que he assim o que me dizeis.

Era vulg.

Ainda naõ satisfeito o heroico Mestre com estas diligencias, que fizera para soldar a quebra da sua honra offendida; pelas esquinas das ruas de Lisboa amanhecêraõ muitos carteis, em que desafiava a todos aquelles, que sem respeito á sua alta qualidade, tiveraõ o atrevimento de dizer, que elle havia faltado aos deveres da sua fidelidade, e á veneraçaõ que consagrava ao Rei seu irmaõ. Como a grande Dignidade deste Principe punha a todos os seus inimigos fóra da classe de responderem a estes carteis para medirem as espadas: Os Officiaes da sua casa fixáraõ huma Carta gerál de desafio, em que se offereciaõ a bater-se com quantos ousassem a macular a integridade dos procedimentos de seu Amo. Naõ houve pessoa, que tirasse a cara a estes arrestos, tanto do Mestre, como dos seus criados; porque D. Leonor, sobre ser Rainha, era

Era vulg. era mulher, que naõ podia ſahir a campo, e eſte ſem combate ficou livre ao Meſtre para celebrar a victoria.

Dous mezes depois deſte ſucceſſo chegou a Portugal a noticia da morte da Rainha D. Leonor de Caſtella, Infante de Aragaõ, a primeira Senhora deſte nome fatal ajuſtada a caſar com o Rei D. Fernando: ſucceſſo, que pôz em inquietaçaõ o eſpirito dos noſſos Soberanos; o do Rei com hum objecto novo para o exercicio da ſua variedade; o da Rainha penſando no Pai genro mais poderoſo, que o filho para ſe ſuſtentar na authoridade depois da morte do marido, que para ella corria accelerado. O meſmo foi conceber-ſe a idéa, que reſolver-ſe os Reis á execuçaõ della, ſem duvidarem na rotura do Tratado freſco, nem em offerecer a Infante ao Rei viuvo, que podia naõ ſe lembrar de pedir para eſpoſa a Princeza, que acabava de ajuſtar para nora. O favorecido Joaõ Fernandes Andeiro, Conde de Ourem, foi nomeado para Embaixador Extraor-

ordinario de huma commissaõ, que por lhe ser taõ vantajosa aos intentos, a *havia* trabalhar com os maiores esforços.

Era vulg.

Sahio este homem de Portugal com metade da Corte lisongeira, formando-lhe huma equipage taõ soberba, e magnifica, que entaõ se dizia em ambos os Reinos a altas vozes: Que Andeiro marchava em Rei, e que o Rei ficava Andeiro. A despeza excessiva, que D. Fernando fez nesta occasiaõ para o Ministro apparecer pomposo em Castella, foi no Reino assumpto da geral murmuraçaõ, que se nutria com a lembrança de outras profusões indiscretas, e rematavaõ com a presente o vulto de huma prodigalidade sem medida. No lugar do Pinto junto a Toledo fez Andeiro ao Rei D. Joaõ as propostas, de que hia encarregado. Ellas adoçáraõ bem promptamente a tristeza, que o Rei mostrava ter concebido pela morte da Rainha sua esposa. Elle nomeou para seu Embaixador á nossa Corte a D. Joaõ Garcia Manrique, Arcebispo de Compos-

1383

Era vulg. postella, que foi esperado em Almeida, e conduzido a Lisboa pelo seu Bispo D. Martinho; e como naõ se ignorava o negocio a que vinha o Arcebispo teve audiencia prompta.

As condições do novo casamento foraõ ajustadas nas primeiras deliberações, porque a vehemencia dos desejos mutuos naõ davaõ lugar a demoras longas. Por este Tratado foi concluido: Que se o Rei D. Fernando fallecesse sem filho varaõ, que a Infante D. Brites seria Rainha de Portugal: Que o filho primogenito, que della nascesse, lhe succederia na posse deste Reino; Que se ella naõ tivesse successaõ, seu marido herdaria Portugal para si depois da morte de seu sogro D. Fernando: Que tambem este seria Rei de Castella na falta dos filhos, que D. Joaõ já tinha da primeira mulher, dos que podia ter da presente, e das outras futuras, se mais vezes casasse. Em fim, esta infeliz Infante, depois de ser promettida a D. Fredirico, irmaõ de Henrique de Castella, a D. Henrique, e D. Fernando, filhos do

do Rei actual do mesmo Reino, a D. Duarte, filho do Duque de Lancastro, veio a casar com o viuvo D. Joaõ I. para carretar a Portugal trabalhos, que se a Providencia quiz fazer gloriosos, os meios de lhes colher os fructos foraõ taõ asperos, que se fariaõ intoleraveis a outra qualquer Naçaõ, que naõ fosse a Portugueza. Era vulg.

No dia 30 de Abril se celebráraõ as vodas na Capella Real, e se determinou o da partida, a que naõ pode assistir o Rei, já neste tempo em estado lastimoso, que lhe prognosticava a brevidade da morte. A Rainha com toda a Corte marchou para a fronteira de Elvas, aonde se havia fazer a entrega da nova Rainha de Castella a seu marido, que mandou a seu filho o Infante D. Fernando para aquella Praça em refens á Rainha de Portugal, em quanto naõ consummava o matrimonio. Nos planos entre Badajóz, e Elvas se armáraõ tendas magnificas de campanha, aonde haviaõ assistir as duas Cortes na funçaõ da entrega. Neste lugar deo o Rei o juramento, que

Era vulg.

que entaõ se costumava, sobre huma Hostia consagrada de guardar todas as condições estipuladas no Contrato matrimonial: ceremonia, que D. Fernando já tinha cumprido da sua parte. Depois veio o Rei receber as Rainhas ás portas de Elvas, por onde ellas sahíraõ a cavallo, e acompanhadas de ambas as Cortes, chegáraõ ao campo, aonde jantáraõ.

Aqui succedeo hum caso memoravel, que qualificou de ousada a corage inimitavel de D. Nuno Alvares Pereira. Comêraõ os Reis com o Mestre de Aviz a huma meza. Os Senhores tinhaõ preparada outra em frente das dos Principes, que foi occupada pelos Grandes das duas Cortes, sem se lembrarem de D. Nuno, e de seu irmaõ, que passeavaõ na tenda, e ficáraõ sem lugar. D. Nuno incapaz de tomar esta desatençaõ por casual, disse ao Prior seu irmaõ, que se recolhessem; mas que antes queria mostrar a Portuguezes, e Castelhanos, que os homens como elle naõ soffríaõ descortezias. Dissimulado foi continuando

o

o passeio por junto da meza, e quando esteve em proporçaõ, de hum encontro deo com ella em terra. Todos os assistentes se perturbáraõ, nenhum se moveo, e D. Nuno sem alterar o passeio, foi sahindo com seu irmaõ. O Rei, que ao grande estrondo da quédá, reparou na meza cahida; vio o socego com que D. Nuno se retirava; cheio de perturbaçaõ perguntou, que homem era aquelle. Informado de todos, que era D. Nuno Alvares Pereira; do motivo, que em acto taõ respeitavel o obrigára a tomar huma satisfaçaõ taõ estranha, disse: Elles vaõ muito bem vingados; e homem que na minha presença tem ousadia semelhante em desaggravo da sua honra, he digno de louvor, porque tem coraçaõ para muito. Os successos posteriores mostráraõ a este Principe, que elle profetisára sobre a cabeça propria. Naõ teve mais consequencia esta temeridade de D. Nuno, que algum dia seria lembrada do Rei de Castella com o arrependimento de naõ lhe levar nesta occasiaõ a cabeça espetada

Era vulg.

Era vulg. na ponta da lança, para impedir as muitas dos vassallos proprios, que elle cortou com a sua espada.

Os prazeres desta festa correspondêraõ á grandeza precedente, que os preparára; e acabada a funçaõ, o Rei de Castella acompanhou a Rainha de Portugal até Elvas, donde voltou para conduzir a esposa a Badajóz. Eraõ soberbos os preparos, que na Cidade se tinhaõ feito para este recebimento. Nella quiz o Rei, que fossem dadas com assistencia dos Bispos Portuguezes, e Castelhanos as bençãos nupciaes á Rainha. Sahio o Rei do Paço a cavallo, e a Rainha em huma haquenea magnificamente aderaçada, que levavaõ de rédea ao seu lado esquerdo Leaõ V. Rei da Armenia, que tinha vindo a Hespanha da sua prisaõ de Babylonia; ao esquerdo D. Joaõ Mestre de Aviz, seguidos aos mesmos lados do Infante de Navarra D. Carlos, e de hum Grande de Castella, todos a pé. Feita a funçaõ, o Rei de Castella distribuio gratificações copiosas pelos Fidalgos Portuguezes, que sentindo serem che-

ga-

gadas as vesperas do seu Reino recahir na dominaçaõ Castelhana, já lhe choravaõ as exequias nas liberalidades profusas mandadas fazer pelo Rei D. Fernando aos Castelhanos, que deixavaõ esgotados os espiritos do Estado. As suas medidas se podem córtar só pelas que nesta occasiaõ recebeo D. Affonso Moxica, que levou da nossa para a sua casa 30 mil marcos de baixella de prata, 30 marcos de ouro, 30 cavallos, e 30 machos preciosamente ajaezados, excellentes tapessarias, e a propriedade da Villa de Torres Vedras.

Era vulg.

Cessáraõ as liberalidades de D. Fernando poucos dias antes da sua morte: teve fim o trabalhoso negocio do casamento de sua filha, e quando hum fogo lento lhe hia consummindo a vida, outro mais ardente lhe atiçou voraz o do odio contra o descomedido Joaõ Fernandes Andeiro, objecto do escandalo geral do Povo. Determina o Rei descartar-se deste phantasma estrangeiro, que submettia ao medo tantos espiritos heroicos,

Era vulg. e para a façanha de lhe dar a morte; só entende com desembaraço a seu irmaõ o Mestre de Aviz. Elle lhe escreve, e dá as razões, que o obrigaõ a pedir-lhe, que humas mãos taõ honradas como as suas, sejaõ o instrumento do seu desaggravo, lavando-as no sangue de Andeiro. O Secretario confidente, que fez a Carta, antes de a fechar lhe representa: Que pondere as qualidades do espirito sublime do Mestre, que se já era amado do Povo, por esta occasiaõ, em que elle o mettia, ficaria adorado: Que as resultas poderiaõ ser funestas, naõ havendo no Reino Successor varaõ, e por isso se deviaõ prevenir as contingencias futuras. Produzíraõ estas lembranças os seus effeitos; queimou-se a Carta, e tanto na consideraçaõ do Rei, como no juiso do vassallo pesou menos a publicidade da affronta, que dar huma occasiaõ ao Mestre de se fazer espectavel. Porém a vingança a que o Rei o escusou na vida, elle saberá tomalla honrado depois da sua morte.

Era vulg.

CAPITULO III.

Caracter do Rei D. Fernando, sua morte, e sepultura.

BEM ao largo trataõ os nossos Chronistas os defeitos humanos do Rei D. Fernando, e todos fazem á sua memoria a injustiça de passar em silencio as suas boas qualidades, com especialidade a bella ordem, que elle estabeleceo no interior do Reino. Digaõ que elle foi hum prodigo, incerto nas resoluções, com variedade, e ainda fraqueza nos modos de se conduzir; mas naõ se esqueça, que elle reprimio o luxo, a demasia do trem, que já entaõ começava a arruinar as casas, e o Estado. Os jogos, que saõ outra peste das Repúblicas, elle os abollio por meio de penas severas. Os vagamundos eraõ o seu rancor; castigava a huns; fazia trabalhar os outros, e os que eraõ verdadeiramente invalidos, os sustentava de sua fazenda para naõ importunarem os Póvos com

Era vulg. com os clamores da mendicidade. Zeloſo pela conſervaçaõ do Eſtado, que ſentia o exceſſo das acquiſiçőes das Ordens Regulares, publicou hum Edito, que as taixaſſe, antes que a ſua liberdade em poſſuir o deſpojaſſe dos meios para ſe conſervar.

Com a meſma idéa regulou as diſpoſiçőes teſtamentarias, para que contribuia mais a prevençaõ, e maximas dos intrigantes, que a vontade dos moribundos; forçados huns, outros perſuadidos a que a vida, que ſe lhes acabava, elles a eternizaſſem na memoria das paredes de hum Moſteiro, que lhes ſerviria de Padraõ immortal, ainda que os parentes mais chegados ficaſſem reduzidos ao eſtado triſte da pobreza, que riſca na alma os caracteres da honra; ou ſe alguma couſa lhes deixavaõ, em lugar de huma ſucceſſaõ proveitoſa, eraõ muitos pleitos impertinentes. Aſſim taixou a juſtiça limites á cubiça daquelles, que devem eſtimar a pobreza Evangelica pelo ſeu theſouro; daquelles a quem o deſprezo do mundo coube em parti-

tilha, e escolhêraõ a nudez por galla da sua virtude. Era vulg.

Porém o Rei attento a este genero de pobres, que a vocaçaõ, ou a eleiçaõ despojou dos teres, e haveres do seculo, do amor ás frias vozes meu, e teu; como a sua equidade natural nos seus juisos parecia dar huma nova força á authoridade Real: Elle permittio, que os testadores podessem dispôr de huma tal porçaõ de dinheiro a favor das Casas Regulares, por naõ ser justo, que ellas sentissem hum prejuiso continuado no esquecimento perpetuo, nem os Christãos fossem privados do merecimento de deixar os seus legados, que saõ huns meios approvados por Deos para a expiaçaõ das culpas. A estas disposições saudaveis se seguíraõ outras respectivas ao commercio, á Navegaçaõ, á Agricultura, que fizeraõ o Reino florescente, e fornecêraõ meios ao Rei para exercitar as liberalidades monstruosas, que viraõ em todas as occasiões Portugal, Castella, e Aragaõ.

De-

Era vulg.

Depois de tantas acções brilhantes nada mais faltava a D. Fernando para completar huma grande obra, que reparar as Praças consideraveis da Monarquia. Elle o conseguio venturosamente com muitas, em que despendeo thesouros com largueza igual ao gosto. Nas muralhas de Lisboa, Evora, e Santarem se conservaõ as memorias do seu nome, e os vestigios magnificos da sua liberalidade. Como a sua Capital elle a queria, naõ só forte como já fora, mas respeitavel, e formosa como a sua grandeza pedia, a nada perdoou para o conseguir. Em Evora, se se lhe nota, que arrazou a fortificaçaõ dos Romanos, que defendia a Cidade com o respeito, para levantar a sua: nos ultimos tempos, de nada serviria o respeito da dos Romanos, se a fortaleza da sua naõ fizesse Evora tantas vezes respeitavel aos nossos inimigos. Os trabalhos de Santarem, e de Coimbra naõ merecêraõ menos de exactidaõ, e de cuidado. Mas o que sobre tudo assombra he, que obras taõ grandes,

taõ

taõ uteis aos Póvos, taõ gloriosas pa- Era vulg.
ra o Reino, que pediaõ espaços taõ
longos, como eraõ immensas as despezas, ellas foraõ acabadas no termo
breve de dous annos.

Huma ordem taõ bella, que D. Fernando estabelecia no seu Reino, naõ só lhe adquirio a felicidade de ser geralmente amado; mas nós a devemos entender pela próva mais decisiva do desejo, que elle mostrou de reparar no fim da vida os defeitos, que naõ ignorava lhe eraõ notados desde os principios do seu Governo. Demonstraçaõ alguma de sensibilidade sobre elles occultou este Principe á vista dos seus vassallos. A mais indifferente das suas acçöes a propunha á idéa taõ cheia de enormidade, que gradualmente lhe fosse elevando o pesar a respeito das outras, que necessitavaõ na realidade de compunçaõ mais viva para fazer efficaz o arrependimento. No burel do habito de S. Francisco, que naõ despio em todo o resto dos seus dias, e decurso da doença, tinha huma fé taõ forte, e huma devoçaõ taõ

ar-

Era vulg.

ardente, que o regava com lágrimas de ternura, que fazem fructos dignos de penitencia. Nada havia em que naõ encontrasse delicadezas de violencia hum Rei, que com a sua bondade igualava a Religaõ com as boas intenções.

Sobre muitas virtudes sublimes remontou D. Fernando à da constancia heróica com que supportou os ataques da sua longa molestia, a acerbidade das dores, as visinhanças da morte. Algum dia bastava vêr D. Fernando entre os homens para se conhecer, que era Rei. Agora as queixas o reduzíraõ a estado, que até a figura de homem destruíraõ; mudada a especiosidade em lastima; imagem humana, que passou com a figura do mundo, que voa. Nesta situaçaõ triste o Rei D. Fernando naõ se esqueceo de dispôr a beneficio dos Officiaes da sua Casa, como bom Pai de Familias, que nas recompensas dá outros tantos testemunhos de generosidade a respeito daquelles, que bem o servíraõ. Elle arbitrou a cada hum fundos

pro-

proporcionados, que para o resto da vida lhes produzisse o necessario para os commodos da passagem, sem o esperarem na demora das mercês futuras que pela maõ do novo Amo poderiaõ naõ ser promptas.

Era vulg.

Engraveceo o mal estando o Rei em Lisboa. Elle cuidou em se preparar para a morte, e em ordenar na vida as suas exequias. Em quanto a estas, como D. Fernando se mettia na ordem dos Reis, que no principio dos Governos o seu Povo, o seu Estado he o seu gosto, elle recusou todas as honras, que previo se poderiaõ fazer depois da morte a huma pessoa do seu caracter. Antes de se apartar a alma, D. Fernando se partio do mundo, amortalhando-se em vida no habito do Serafico Patriarca, com o qual esperou a morte animoso. Humilde até ao profundo do abatimento, rogou aos seus vassallos o encommendassem a Deos mettido no número dos seus inimigos; porque naõ lhes merecia outro lugar hum Rei dissipador do seu Estado, sempre entregue ás leis

Era vulg. da complacencia propria; mas que nisto sería mais heróico o seu merecimento, fazendo rogativas ao Ceo pelo seu mesmo adversario.

Desta natureza foraõ os ultimos, e felices sentimentos de D. Fernando, que os acompanhou de huma innundaçaõ de lagrimas devotas, de actos de Fé sublimes, de resignaçaõ catholica no acto de receber os Sacramentos da Igreja. Assim morreo o Magnifico Rei D. Fernando em Lisboa aos 21 de Outubro, com 38 annos de idade, e nove dias, e de Reinado 16, nove mezes, e tres dias. Seu corpo foi depositado no Convento de S. Francisco de Lisboa, donde o leváraõ á sepultura, que elle mandou fazer em vida no Convento do mesmo Santo na Villa de Santarem com o Epitafio simples: Aqui jaz o mui nobre Rei D. Fernando, filho do mui nobre Rei D. Pedro, e da Infante D. Constança. A disposiçaõ natural se excedeo nelle com elegancia formosa em aspecto de Principe, em magestade evidente, em gra-

ça

ça particular, que o diſtinguiaõ entre os outros homens. Era vulg.

Com a morte de D. Fernando esqueceraõ em Portugal os ſeus desconcertos de homem, que antes ſe lhe arguiaõ; as ſuas prodigalidades indiſcretas, que deixavaõ os theſouros esgotados; as ſuas guerras ſem conſideraçaõ, que tantos damnos cauſáraõ aos Póvos; os ſeus amores inquietos com D. Leonor, que pozeraõ no Throno a huma vaſſalla deſatendidas muitas Princezas: e ſó lembravaõ as ſuas virtudes catholicas; a ſua piedade para com Deos; o ſeu reſpeito á Igreja Santa; a ſua indole benigna; o ſeu animo affavel, e brando, que ainda aos mais humildes agaſalhava; que aos deſvalidos ſoccorria; que o facilitava ao trato; que o inclinava a moſtrarſe ao Povo; que lhe deſterrava as idéas da vingança; que naõ lhe conſentia ſer avarento; que o forçava a paſſar de liberal a prodigo; e que era a origem do amor univerſal, mais neceſſario aos Principes, que as maximas de fazer-ſe temer.

Eſ-

Era vulg.

Este Rei criou de novo os dous grandes empregos de Condestavel, e Marichal na occasiaõ, em que reformou a Milicia, que ainda se conduzia pela fórma da antiga Lusitania. O segundo Condestavel foi D. Nuno Alvares Pereira, e o primeiro Marichal Gonçallo Vasques de Azevedo. Para nós darmos noticia do exercicio destes cargos, he necessario sabermos o modo do antigo Regulamento, que por elles foi reformado. Por successaõ dos nossos Lusitanos primitivos chegou até ao tempo do Rei D. Fernando o uso de chamarmos ao exercito Hoste; á sua vá-guarda Dianteira; á sua retaguarda Çaga; aos dous lados Costaneiras. Quando o Rei naõ estava presente, o Alferes Mór commandava toda a Hoste; mas quando assistia o Rei, o Alferes cobria, e governava só a Dianteira. A Hoste se compunha da gente de pé, e cavallo, que combatia com differentes generos de armas de ferro, páo, fundas, béstas, virotões, e outras de arremeço, que entaõ chamavaõ armatoste. Os movimen-

mentos eraõ á proporçaõ do modo dos combatentes, e as divisões dos corpos se chamavaõ mangas, que se avançavaõ conforme a necessidade o pedia.

Era vulg.

D. Fernando mudou os nomes, e fórma militar com pouca differença do que hoje se pratica. Fez da jurisdiçaõ do Alferes Mór tres empregos distintos, todos de grande authoridade. A elle sómente o encarregou de levar, e defender a Bandeira Real; e para o governo do corpo do exercito criou os cargos de Condestavel, e Marichal com muitos subalternos, que eraõ outros tantos Auditores, e Ajudantes, estes que serviaõ de receber as ordens, os outros de fazer justiça. A Dignidade de Condestavel principiou entre os antigos Romanos, donde passou o uso ás outras Nações, e ultimamente a Portugal no anno passado de 1382, em que o Rei D. Fernando criou o primeiro, que foi D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayolos, irmaõ da Rainha D. Ignez de Castro: A este se seguio o grande D. Nuno

Al-

Era vulg. Alvares Pereira, e dahi em diante se conservou sempre o emprego nos seus Descendentes até a Acclamaçaõ do Rei D. Joaõ IV., a cuja coroaçaõ assistio com o estoque o Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello. Depois no juramento de seu filho o Infante D. Pedro para Regente, levou a mesma insignia o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira.

Esta palavra, que val tanto como dizer Conde-Estavel, significava que o Condestavel era hum homem, que assistia sempre ao lado do Rei. No exercito era a primeira pessoa depois delle, se estava presente, e na ausencia fazia todas as suas vezes. Elle podia na guerra usar de guiaõ, de maças, de heraldos, e de Estoque embainhado com a ponta para baixo, em differença do Rei, que o levava nú com a ponta para cima. As suas regalias saõ as mesmas dos Duques, o Coronel alto, o elmo direito, e dourado. Pertencia-lhe eleger Capitães, exploradores, guias, atalaias; marcar terreno ao exercito; resolver sem appellaçaõ os

ca-

casos de justiça; ter parte nas prezas, Era vulg.
e unir nos Bandos públicos a sua voz á do Rei. Nas Praças, em que este assistia, tinha o Condestavel as chaves, e elle punha os preços aos generos, que os vivandeiros traziaõ ao exercito. O exercicio do cargo de Condestavel nas cousas concernentes á guérra, o daõ hoje os Reis ao seu arbitrio, nomeando Generaes, e Chéfes das Armadas a quem lhes parece, servindo elle de hum titulo honorario.

Do Marichal diz o Livro do Rei D. Diniz, citado no Capitulo XLVIII. Livro XXII. do VIII. Tomo da Monarquia Lusitana: Que depois de Condestavel he o maior, e mais honrado officio da Hoste, porque a elle pertence fazer muitas cousas, que tangem á governança da Hoste, segundo se dirá em diante; e bem assim dos que pertencem á governança da justiça, assim como ao Condestabre, e elle lhe póde dar, ou mandar a seu Ouvidor, que lhe dê provimento com direito. Este emprego nos tempos em

Era vulg. que fallámos, era huma justiça nos exercitos, que os fazia prover de agua, e lenha: que tinha a seu cargo exercitar os soldados nas evoluções militares; Castigar-lhes os crimes: Que tinha as chaves das pórtas das Praças; rondava as sentinellas; fornecia mantimentos aos campos; examinava os pesos, e medidas; tinha inspecçaõ juntamente com o Condestavel em todos os negocios civís, e críminaes do Exercito. O primeiro Marichal de Portugal foi, como disse, Gonçalo Vasques de Azevedo, Senhor da Lourinhã, criado pelo Rei D. Fernando, e que pelo mesmo modo do Condestavel, veio a parar em titulo simples de honra, que os Reis deraõ a alguns Fidalgos; porque no exercicio lhes succedêraõ os Tenentes Generaes, que saõ as segundas pessoas dos exercitos.

Além destes empregos, e das innumeraveis mercês, e gratificações, que o Rei D. Fernando fez em sua vida, como eu deixo referido: Elle foi o primeiro, que augmentou o número-

mero, e deo fórma aos Titulos, que até entaõ eraõ raros, e tinhaõ pouca authoridade no Reino do tempo dos primeiros Reis até D. Diniz, e D. Pedro; este que fez Conde de Barcellos a D. Joaõ Affonso de Menezes; aquelle que antes deo o mesmo Condado a D. Joaõ Affonso de Albuquerque. D. Fernando porém, que naõ podia ter a liberalidade ociosa, e aquelles dous exemplos o estimulavaõ a honrar os benemeritos: Elle nomeou Conde de Neiva, e Faria a D. Gonçalo Telles de Menezes, irmaõ da Rainha: Conde de Cea, e de Sintra a seu tio D. Henrique Manoel de Vilhena, filho bastardo de seu Avô D. Joaõ Manoel, Principe de Vilhena: Conde de Barcellos, e Orense a D. Affonso Telles de Menezes, filho de D. Joaõ Affonso Telles, e porque morreo moço, deo o Condado de Barcellos a D. Joaõ Affonso Telles de Menezes, irmaõ da Rainha D. Leonor: Conde de Arrayolos, Alcaide Mór de Lisboa, e Condestavel a D. Alvaro Pires de Castro, irmaõ da Rai-

Era vulg.

Era vulg. nha D. Ignez de Castro : Conde de Ourem a Joaõ Fernandes Andeiro : Conde de Viana a D. Joaõ Affonso Telles de Menezes , filho do Conde D. Joaõ Affonso Telles , que os seus mesmos vassallos matáraõ na Villa de Penela.

Finalmente, o Gentil D. Fernando elegeo por devisa o Emblema mysterioso de huma espada, que do mesmo golpe atravessava dous corações, e por alma a letra : *Cur non Utrumque* : Se este Symbolo naõ fazia allusaõ á ferida do amor , que com a mesma estocada penetrou o seu, e o coraçaõ de D. Leonor Telles para os unir , quando os despedaçava : Com elle quereria fazer entender, que a sua penetraçaõ descobria as idéas occultas , que eraõ arcanos dos corações humanos, ainda que remontados para todo o exame , objectos de probabilidades á sua perspicacia , que teria a honesta jactancia de saber prevenir designios naõ manifestos.

LIVRO XX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Movimentos de Portugal no principio do Interregno, que se seguio á morte do Rei D. Fernando.

JÁ mais o Reino de Portugal, depois que teve Reis proprios, sentio os effeitos tristes, que a Anarquia costuma causar nos Estados. Diz o nosso Faria e Sousa com a sua costumada eloquencia nesta occasiaõ: Que filhos dos seus Reis viaõ os Portuguezes, e naõ lhes deixavaõ vêr Successores para o seu Reino as confusões, que se seguíraõ á morte do Rei D. Fernando. Pouco mais de anno e meio durou este Interregno; mas em espaço taõ curto corrêraõ aquellas confusões taõ apressadas, que alagáraõ o Reino com huma innundaçaõ de cala-

Era vulg.

la-

Era vulg. lamidades. Via-se nelle a D. Joaõ, Mestre de Áviz, além de bastardo, solemnemente professo na sua Ordem, bem longe dos pensamentos de reinar. Viaõ-se desterrados em Castella aos Infantes D. Joaõ, e D. Dinis, que se tinhaõ desnaturalizado, e tomado as armas contra a Patria. Via-se a Rainha D. Brites casada com hum Rei estranho, que levava Portugal a dominio alheio com dor intoleravel dos Portuguezes, que a contemplavaõ filha de huma mãi aborrecida, e que nascêra de hum adulterio. Todas estas meditações populares animáraõ o espirito intrigante da Rainha para se encarregar do Governo sem opposiçaõ, até que os successos corressem o véo aos mysterios, que se occultavaõ no fundo dos animos.

Quando o Rei D. Fernando fez o casamento de sua filha em Castella, a uniaõ das Coroas foi entaõ olhada como hum evento muito ao longe, e como huma entidade, que parecia quimera. Agora que o acontecimento já se via de perto, el-

elle se temeo como huma realidade existente, que perturbava os animos, e chamava pelas desgraças. Dous espiritos, que eraõ os primeiros moveis para agitaçaõ das máquinas, que naõ poderiaõ retardar os movimentos, logo, e sem demora deraõ assumpto para ser geral a inquietaçaõ. O primeiro dentro em casa, que era o da Rainha, sentio menos a morte do Rei, que a possibilidade de perder o governo do Reino, e cuidou em promover toda a sórte de meios, que entendeo proporcionados ao seu fim. O segundo espirito, que era o Rei de Castella, naõ teve paciencia para perder tempo sem representar a Portugal, que já lhe pertencia o dominio por sua mulher a Rainha D. Brites, como herdeira.

Era vulg.

No mesmo mez da morte do Rei D. Fernando mandou elle a Portugal a Affonso Lopes de Tejada, e ao Arcediago de Cea pedir a sua acclamaçaõ, e a da Rainha, que com effeito se fez em alguns lugares da fronteira; mas a Corte, e os Póvos mais prin-

ci-

Era vulg. cipaes o naõ consentíraõ ; duros em se sugeitar a huma dominaçaõ, que sobre a impedirem as Leis fundamentaes do Reino, ella era taõ opposta aos sentimentos vulgares da Naçaõ. Os nossos Chronistas, especialmente Fernaõ Lopes, trataõ ao largo o successo, que em Portugal tiveraõ estas pertenções do Rei de Castella, que informado do que nelle se passava, e resoluto a naõ perder tempo, nem a observar os Artigos do Tratado matrimonial, naõ tendo ainda successaõ da Rainha, propôz no seu Conselho: Se devia entrar logo por Portugal? Se o havia fazer pacifico, ou em tom de guerra? D. Pedro Fernandes de Velasco com os Fidalgos maduros, circunspectos, e sabios dissuadíraõ ao Rei, tanto as armas, como a entrada no Reino, em quanto senaõ enchiaõ as condições do contrato de successaõ. Os lisongeiros, moços, e inexpertos o persuadíraõ tudo ao contrario; mas o Rei, fazendo uso da prudencia á vista de dictames taõ encontrados, suspendeo por entaõ a vehemencia dos de-

desejos para dar mais lugar ás refle- Era vulg.
xões.

Esta irresoluçaõ interina se rodeou, e occupou de outras imaginações, que fomentavaõ os sustos de ser possivel ao Rei de Castella deixar de reinar em Portugal. Elle tinha presentes dous objectos, que faziaõ naõ parecerem temerarios os seus juizos. Hum era o Infante D. Joaõ, que sabendo a noticia da morte do Rei seu irmaõ, podendo a seu salvo recolher-se ao Reino, que anciosamente o desejava; foi tal a sua indolencia, que permaneceo immovel em Castella para agora ser preso, e posto em seguro, como tropeço o mais forte, que se entendeo impediria aos presumptivos Reis a sobida ao Throno. O outro foi o irmaõ do Rei D. Affonso de Noronha, Conde de Gijon, que estava casado com D. Isabel, filha bastarda do defunto D. Fernando; prendendo a ambos, e confiscando-lhes os bens, que tinhaõ em Castella, para que os Portuguezes naõ preferissem esta filha do seu Rei, e seu marido,
a

Era vulg. a elle, e a sua mulher. As mesmas cautelas se usáraõ com o Infante D. Diniz; e foraõ estas quatro victimas innocentes as primeiras, que o ciume do Rei de Castella sacrificou á injustiça da sua ambiçaõ.

Como a prisaõ dos dous Infantes, do Conde de Gijon, e sua mulher davaõ ao Rei huma especie de segurança a respeito das entreprezas, que elle entendia poderiaõ intentar a seu prejuiso: com as imaginações de herdeiro de seu Sogro D. Fernando, lhe mandou fazer honras magnificas na Igreja de Toledo, para que a pompa desta ceremonia fizesse mais acceitavel a proclamaçaõ de Rei de Portugal, que se lhe havia seguir na mesma Cidade. Para a fazer exercitando o cargo de Alferes Mór, nomeou elle a Vasco Martins de Mello, que tinha ido de Portugal em serviço da Rainha; mas o generoso Fidalgo lhe respondeo: Que elle naõ podia acceitar a mercê, que Sua Alteza lhe fazia, porque era vassallo, e Guarda Mór do Rei de Portugal, que elle ain-

Era vulg.

ainda ignoraya quem houvesse de ser; e no caso de se declarar huma guerra em Castella, e Portugal, elle por caso algum queria tomar armas contra a sua Patria. Dissimulou o Rei a magnanimidade de Vasco Martins, e entregou a bandeira Real a Joaõ Furtado de Mendoça, que sendo Castelhano, naõ duvidou acclamar Rei de Portugal ao seu Monarca, que devia ter propicio para a sua fortuna.

Entaõ succedeo o acaso do pé de vento, que rasgou a bandeira, e separou as Armas de Portugal, que estavaõ por baixo das de Castella. O suçurro do Povo foi o primeiro interprete deste prodigio, que persuadia a desuniaõ dos Reinos na rotura da insignia. O espirito da lisonja acodio com o remedio, antes que o ruido tomasse corpo, e lembrou ao Rei, que aquelle caso succedia: Porque as Armas de Portugal eraõ as chagas de Jesu Christo que inconsideradamente se poseraõ em lugar inferior ás de Castella: que se deviaõ collocar com igualdade para a reverencia evitar o destro-

ço.

Era vulg. ço. Assim se fez para continuar a acclamaçaõ, que se concluio em Toledo, e na Povoa com cortezia do vento, que respeitou na bandeira, as Armas postas no seu lugar devido, mais decente.

Feitas estas cousas em Castella, e assustado Portugal da revoluçaõ, que a seu respeito contemplava naquella Monarquia: O Mestre de Aviz D. Joaõ se servio della para pretextar o requerimento, que fez ao seu Rei; pedindo o Governo do Reino, até que elle tivesse filhos da Rainha D. Brites. Esta demanda recusada ao Mestre seria o passo mais vantajoso ao Rei de Castella se elle a concedêra. Ella lhe abriria seguro o caminho para a uniaõ da nossa Coroa com a sua; ninguem lha disputaria, e o Mestre seria o sustentaculo mais firme dos seus interesses. Mas como o Dominante Supremo dos Imperios tinha formado sobre Portugal designios, que os homens entaõ naõ chegavaõ a pensar: Elle fez conceber ao Rei de Castella hum grande temor do Mestre de Aviz, por

por ser dos Portuguezes taõ amado, como elle aborrecido: que os Póvos vendo-o com authoridade, se lhe inclinariaõ mais por gosto: que tomando-o á doçura do Governo, que elle saberia temperar, viriaõ a fazer os ultimos esforços para o possuir Rei. Estas idéas funebres tanto o occupáraõ, que nem podia ouvir fallar na pertençaõ do Mestre, julgando impossivel estar com socego na regencia de hum Principe Portuguez em Portugal, quando inteiramente lho perturbavaõ os Infantes sem acçaõ em Castella.

Era vulg.

O Mestre, escandalisado desta repugnancia, soube aproveitar-se da desinclinaçaõ dos Portuguezes ao Rei estranho para se declarar Chéfe de partido a favor do socego da Naçaõ. Elle se revestio de todas as exterioridades de doçura, de agrado, de docilidade, que sabem ganhar coraçóes para os ter favoreis nas conjunturas, que fosse dispondo a Providencia. A liberalidade das mãos se fez inseparavel das affabilidades do rosto; e inalteravel no systema de naõ dar passo,

que

Era vulg. que naõ fosse movido pelas deliberações do Conselho de Estado, attrahio os votos universaes da Corte a seu favor. Elle, que naõ podia considerar indefferente o negocio da successaõ, bem contemplava, que naõ lhe bastavaõ só os expedientes de se fazer amado, sem o concurso da audacia, do valor, da dexteridade para se oppôr a quaesquer designios, que intentasse Castella. Por outra parte alguns dos Fidalgos, especialmente D. Nuno Alvares, e seu tio Ruy Pereira, entendiaõ, que todos os projectos do Mestre haviaõ ter principio na morte, que elle devia dar ao escandaloso Conde de Ourem, objecto do odio do Povo, dos agrados da Rainha, da injuria á memoria do Rei D. Fernando. Ella ficou ajustada entre os tres; mas o Mestre considerou depois circunstancias, que entendeo o deviaõ suspender para melhor se segurar, e prevenir para o futuro mais firmeza.

Quando o Mestre laborava nesta irresoluçaõ, o veneravel velho Alvaro Paes, que fora Chanceller Mór dos

Reis

Reis D. Pedro, e D. Fernando, e que nada quiz fiar de Cartas, e de recados: com o pretexto da authoridade dos annos, e queixas da velhice, chamou o Mestre de Aviz a sua casa, e tendo-o presente lhe disse: Vós, Senhor, naõ penetrareis os motivos fórtes, que me obrigáraõ a chamar-vos a esta casa pelo Conde de Barcellos, que já está instruido das minhas intençõ̃es zelosas a vosso respeito: Eu servi com o amor, fidelidade, e candura, que sabeis ao Rei D. Pedro vosso Pai, e a vosso irmaõ D. Fernando: Quem póde sentir mais que eu as injurias, que á sua memoria faz este Joaõ Fernandes Andeiro? E de que caracter he a que vós recebestes delle, quando fostes preso em Evora, e esteve a vossa vida por hum fio? Vós pensais-vos seguro em quanto este homem viver? E em Portugal ha outra maõ, senaõ a vossa, que o tire do mundo para desaggravo da honra de vosso irmaõ, estabilidade da Monarquia, e conservaçaõ da vossa Pessoa? Morra Joaõ Fernandes Andeiro ás

Era vulg.

Era vulg. ás mãos do Meſtre de Aviz na face da Rainha D. Leonor: que eſte golpe façanhoſo deſcobrirá o amor do Povo para comvoſco, quando feita eſta morte, os voſſos criados, e os meus publicarem pelas ruas de Lisboa, que vós no Paço eſtais em grande perigo, fomentado pelo meſmo Andeiro, que vos aborrece.

Eſte diſcurſo naõ ſurprendeo o Meſtre; mas deixou-o hum pouco penſativo para conſultar o valor á prudencia; para ſe determinar em hum negocio, que confundia o ſeu intereſſe particular com o commum do Eſtado; para conhecer plenamente, que o remedio de tantos males públicos unicamente dependia da morte do Conde Andeiro; para diſpôr na idéa o modo, que ſe fizeſſe plauſivel aos moradores de Lisboa; e depois de chamar tudo á preſença prompta do ſeu eſpirito, reſpondeo reſoluto a Alvaro Paes: Eu tomo á minha conta a morte do Conde de Ourem. O velho ardente, banhado em lagrimas de complacencia, ſe abraçou com elle,

rom-

rompendo neste transporte zeloso: He verdade, filho, e Senhor, o que vós prometteis fazer? He verdade (lhe tornou o Mestre) que o sangue infame de Andeiro salpicará as mesmas aras sagradas, que profana. Entaõ o Velho Paes, soffocado em soluços, concluio dizendo: Filho, agora vejo a differença, que tem os filhos dos Reis dos outros homens: E lhe deo hum osculo amoroso.

Era vulg.

Assim se hiaõ dispondo insensivelmente as cousas a favor da fortuna do Mestre de Aviz; mas a Rainha era muito politica para deixar de temer o grande credito, que elle hia adquirindo, e demasiadamente penetrativa para naõ prevenir os designios, que elle podia conceber, ou fosse para conseguir a Regencia, ou para alcançar a Coroa. Ella, combatida de tantos movimentos estranhos, formou a idéa, de que nada lhe era taõ conveniente como ter segura a pessoa do Mestre longe da Corte: mas desejando de o fazer com huma apparencia de honra, que a ella naõ es-

Em vulg. tivesse mal, e do Mestre fosse bem recebida; o persuadio, como a situaçaõ de tantos negocios a forçavaõ a pedir-lhe se quizesse encarregar do governo da Provincia do Alem-Téjo, que necessitava de huma pessoa respeitavel aos Póvos perturbados, que os contivesse até vêr o semblante, que tomavaõ as cousas. Ou fosse que o Mestre entendeo, que nesta eleiçaõ a Rainha fazia delle huma grande confiança, ou que por naõ estar constante na fé do Povo de Lisboa, duvidava declarar as suas intençõe, e cumprir a promessa, que fizéra a Alvaro Paes; Elle acceitou o novo cargo, que lhe conferiaõ, e se dispôz para a partida.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

O Mestre de Aviz, nomeado Governador do Alem-Tejo, volta do caminho, mata ao Conde de Ourem João Fernandes Andeiro, e he acclamado Regente do Reino.

NAÕ he explicavel a complacencia, que mostráraõ a Rainha, e Andeiro da acceitaçaõ do Mestre, que se dispunha a marchar para o Alem-Téjo a occupar o governo da Provincia. No dia da partida as consciencias criminosas redobráraõ o júbilo; mas foi de pouca duraçaõ a alegria. O Mestre, que pernoutára em Santo Antonio do Tojal, naõ pode ter socego, atacado de muitas lembranças. Elle se contemplava o refugio da Corte, que deixava orfã; a palavra empenhada a Alvaro Paes, que naõ cumpríra; o segredo communicado a varias pessoas, que poderiaõ revella-lo, e elle ficar perdido: Tudo imagens funebres, que o fizeraõ deter-

Era vulg. minar a retroceder, e ſem perda de tempo tirar a vida ao Conde. Para cobrir a reſoluçaõ, mandou a Fernando Alvares de Almeida ſeu Védor vieſſe na meſma noite á Cidade, e avizaſſe a Rainha, como elle no dia ſeguinte voltava á ſua preſença por entender neceſſario pedir-lhe novos deſcachos para ſegurança das fronteiras da Provincia, ſem que nella tiveſſe mais demora. Servio a induſtria do Meſtre para naõ fazer ſuſpeitoſa a vinda á Rainha, e ao Conde, que o eſperáraõ ſem maior ſobreſalto, faceis, e credulos, como ſem remorſos.

A ſua chegada na manhã ſeguinte em companhia de alguns homens armados naõ deixou de perturbar a Rainha, que lhe perguntou o motivo de retroceder, e a cauſa de conduzir gente com armas. A ambas as perguntas reſpondeo o Meſtre com ſimulaçaõ ajuſtada, que a Rainha teve por indifferente; mas ao Conde pareceo affectada, e para evitar o que temia, mandou ás ſuas creaturas, que

que com pressa fossem a casa armar-se, e voltassem a acodir-lhe no perigo, que receava. Este desacordo facilitou a occasiaõ ao Mestre, que os mais Fidalgos foraõ deixando para a executar, por lhe perceberem a intençaõ. Entretanto os Condes de Barcellos, e Ourem disputavaõ entre si, qual havia dar naquelle dia de jantar ao Mestre; mas elle ordenando ao de Barcellos se retirasse com os mais, e o esperasse em sua casa: tomou da maõ ao de Ourem, como quem queria dizer-lhe algum segredo, e quando o teve na camara immediata ao quarto da Rainha, a hum golpe de espada lhe abrio a cabeça. Acodio Ruy Pereira; atravessou-o com hum estoque, e cahio morto o monstro da fortuna, o infeliz Joaõ Fernandes Andeiro, que pagou com o seu sangue derramado por mãos Reaes os crimes, com que profanára o sagrado da Magestade insolente, e temerario.

Era vulg.

O Mestre se retirou immediatamente a huma das varandas do Paço: mandou a alguns dos seus criados desces-

Era vulg. cessem a fechar-lhe as portas : ordenou a outros marchassem a cavallo, clamando pelas ruas até a casa de Alvaro Paes, que acodissem a seu Amo, que o queriaõ matar em Palacio. As mais pessoas, que nelle estavaõ, atonitas com o successo naõ imaginado, cuidáraõ em salvar-se fugindo, duvidosas do que lhes poderia sobrevir. A Rainha gritando a altas vozes, que lhe tinhaõ matado o criado mais benemerito, e fiel, sem merecimento para golpes taõ crueis, e deshumanos, mandou perguntar ao Mestre, se taõ bem elle tinha de morrer. Elle se justificou, ordenando se lhe dissesse: Que fora indispensavel a huma pessoa da sua qualidade tomar as armas, naõ contra huma Rainha; mas a favor do Povo para o livrar de hum Ministro odioso, que lhe tyrannizava a Patria: que se o mesmo Povo tivesse a audacia de lhe faltar com o respeito devido á sua Magestade, que elle faria huma gloria bem particular de morrer na sua defensa.

Em

Em quanto no Paço se passavaõ estas cousas, os criados do Mestre atroavaõ as ruas de Lisboa, pedindo soccorro para seu Amo, que estava chegado aos termos de perder a vida pelas sugestões da Rainha cruel ás mãos do tyranno Conde de Ourem. Assim se conduzíraõ até a casa do Velho Alvaro Paes, que recobrando espiritos com a boa nova, que esperava, montou a cavallo, e sahio fazendo as mesmas exclamações, voando a auxiliar o Mestre no figurado aperto. Naõ he crivel a comoçaõ, que esta nova causou no Povo de Lisboa, sem distinçaõ de sexo, ou idade. Todo elle correo de tropel ao lugar do imaginado perigo do seu Principe, que diziaõ fora chamado do caminho do Alem-Téjo com engano para o matarem dentro das paredes do Paço. Quando o viraõ com as portas fechadas, o furor degenerou em desesperaçaõ, suppondo o Mestre já morto, e se lançou a dar-lhes fogo para elle sobir, e abrazar quanto estivesse dentro. Entaõ se lhe mostrou o Mestre

Era vulg.

a

Era vulg. a huma janella gritando, que elle eſtava ſaõ, e ſalvo; que o morto era o Conde de Ourem; que ſe portaſſem como bons Portuguezes a favor da Patria á maneira do ſeu exemplo. Os vivas, que feriaõ os ares, foi o applauſo deſta vigoroſa acçaõ, que levou ao Meſtre em triunfo entre a Nobreza, e o Povo ao Palacio do Conde de Barcellos, irmaõ da Rainha, que o eſperava cheio de alvoroço com outros muitos Fidalgos, todos officioſos.

Poſto em ſeguro o Meſtre, continuavaõ os alaridos do Povo, que ſe faziaõ mais horroroſos com os repiques plauſiveis dos ſinos, em que a Igreja Cathedral naõ imitava as outras. Entendeo o Povo, que eſta omiſſaõ provinha do Biſpo ſer Caſtelhano, o D. Martinho Sciſmatico, que já o fora de Sylves, e por eſte tempo tinha ſido criado Cardeal em Avinhaõ pelo Anti-Papa, abertamente faccionario da Rainha. Elle, que ouvia o deſconcerto do eſtrondo, e ignorava o motivo, até ſaber a cauſa

-del

delle, fez fechar as portas do Templo; ſobio-ſe á torre, e com elle Gonçalo Vaſques, Prior de Guimarães, e hum Eſcrivaõ de Sylves, que era ſeu hoſpede. O Povo, que o conheceo no alto da torre, tranſportado de furor, porque naõ mandava repicar os ſinos em applauſo do Meſtre triunfante, ſem mais averiguaçaõ ſobio a cima Sylveſtre Eſteves, Procurador da Cidade, com mais dous, e arrojáraõ o Biſpo, o Prior, e o Eſcrivaõ da torre abaixo: Quéda myſteriosa, que permitio Deos para moſtrar caſtigo ás mãos dos Portuguezes, ainda que com indignidade, o unico Prelado, que entre elles ſuſtentou incorrigivel o eſcandaloſo Sciſma. A infima plebe deſpio o cadaver reſpeitavel, que levou de raſtos pela rua, clamando: Juſtiça, que manda fazer o Papa noſſo Senhor neſte Sciſmatico Caſtelhano por deſobediente á Santa Madre Igreja de Roma.

Era vulg.

Quando ceſſáraõ os movimentos populares, o Meſtre, acompanhado dos Condes de Barcellos, e Arrayolos,

Era vulg. los, de muitos Grandes, e dos ſeus criados armados, foi na meſma tarde ao Paço juſtificar-ſe com a Rainha do inſulto comettido na ſua preſença. Elles a encontrárao na ſua Camara coberta de luto, e a percebêrao alvoroçar-ſe com eſtá nao penſada viſita. Supprio com tudo a corage da Soberenia as evidencias covardes da natureza, e com os reſtos da Mageſtade, que ainda guardava no fundo do eſpirito, ella os recebeo como Rainha. Ao Meſtre tratou com as diſtinções devidas á ſua qualidade; aos Grandes deo ſinal para ſe aſſentarem, como elles tinhao direito de o fazer. O Meſtre ſe lançou aos ſeus pés, pedindo perdao, nao de matar ao Conde Andeiro, mas de o fazer na ſua preſença. Todos os Fidalgos animárao com inſtancias os modos inſinuantes, de que o Meſtre ſe ſervia para applacar a Rainha, e a pôr em ſituaçao de nao levar todo o tempo da viſita em ſilencio.

Em fim, eſta Princeza, que fluctuava entre a vehemencia da dor, e

os

os desejos da vingança, forçada por Era vulg.
tantos rogos, naõ pode escusar-se de
dizer ao Mestre: Que o perdaõ que
lhe pedia do attentado, que fora hum
effeito da sua liberdade, naõ admittia
formalidades, que todas eraõ inuteis
nos apertos da occasiaõ, que só
demandava applicações sérias para naõ
divertir os cuidados da segurança do
Reino: Que o Rei de Castella se fazia
prestes para entrar em Portugal
com maõ armada, trazendo na frente
do exercito o Direito indisputavel,
que lhe déra o casamento com sua filha
a Infante D. Brites. O Mestre penetrando,
que a industria só a elle o
feria, quiz ser só o que respondesse,
e sem dar intervallo á consideraçaõ,
que parecesse temor, lhe voltou prompto:
Senhora, Vossa Alteza deve
avizar ao Rei de Castella, que suspenda
a sua marcha para Portugal,
senaõ que se poem no risco de me encontrar
em parte, aonde Eu lha faça
parar, e o detenha. A Rainha, com
gesto bem pouco significante, esforçou
esta critica: Vós Principe o haveis

Era vulg. veis deter, o haveis fazer parar? Porque naõ obraſtes eſſas gentilezas nas occaſiões, que ſe offerecêraõ em vida do Rei voſſo irmaõ? O Veneravel Alvaro Paes, que notou a indiſcriçaõ por aſſumpto avançado na viſita, diſſe para o Meſtre: Senhor, ſaiamos daqui para fóra, que nós ſomos muito peſados, e por groſſeiros deſagradamos á Rainha. Aſſim o fizeraõ todos, e a deixáraõ lutando com a ſaudade, e a cólera, com a vehemencia da dor, e deſejos da vingança.

O Povo ſem ſugeiçaõ continuou nos deſatinos, que ſaõ vulgares nos Interregnos; e tranſportado do odio, que concebêra contra a infeliz Rainha, occupava em magotes as ruas, e praças públicas, diſpoſto a pilhar as caſas dos faccionarios da meſma Rainha, eſpecialmente as dos Judeos poderoſos, que ella amparava. Appareceo o Meſtre a cavallo, como Iris, a applacar eſtas turbulencias, ſervindo-ſe do nome da Rainha. O Povo lhe proteſtava, que eſta authori-

ri-

ridade naõ o abatia: que mandasse Sua Alteza em seu nome se queria ser obedecido com todo o coraçaõ, toda a alma, todas as forças do Povo de Lisboa. O mesmo lhe succedeo com o Juiz do crime Antaõ Vasques, ao qual ordenando, que em voz da Rainha mandasse deitar hum bando para pessoa alguma entrar armada no Gueto dos Judeos; elle lhe respondeo da janella abaixo, aonde o estava vendo passar rodeado da Nobreza, e Povo: Eu mando lançar o pregaõ; mas em nome de Vossa Alteza que he só a quem conhecemos por Senhor, e Defensor. Assim se fez; e á maneira do mar, que amaina de repente, quando calla o vento, o Povo se pôz em socego profundo, quando ouvio no bando a voz do Mestre, que parecia respeitar já como seu Rei.

Era vulg.

Esta acclamaçaõ ruidosa, o alvoroço de tantos corações, ainda nos indifferentes, e desinclinados, entráraõ a fazer taõ geral a comoçaõ, que todos os córpos de Lisboa pareciaõ ani-

Era vulg. animados de hum mesmo espirito. Só a Rainha sem acordo pela depressaõ da sua authoridade, cada clamor favoravel ao Mestre era hum estimulo, que lhe picava os desejos da vingança. Os dicterios públicos, e livres das mulheres tanto lhe feriaõ a alma, que dizia senaõ dava por satisfeita em quanto naõ enchesse saccos das suas linguas. Por outra parte a sua politica affectava, que nada estimaria como a paz; e porque a sua pessoa era a origem da discordia, animou a industria com se retirar para Alemquer, como quem arrancava da face dos sediciosos a causa dos tumultos. Ainda que ella foi acompanhada por seu irmaõ o Conde de Barcellos, e de outros Fidalgos de grande caracter, naõ se teve por segura em Alemquer das tentativas audaciosas do Povo de Lisboa, e negociou com Gonçalo Vasques de Azevedo, Alcaide Mór de Santarem, ser admittida naquella Villa. Assim foraõ principiando os grandes trabalhos da prodigiosa mulher D. Leonor Telles de Menezes, que chegou

gou a ſer Rainha de Portugal; agora hum objecto laſtimoſo da ſórte. Era vulg.

A retirada furtiva deſta Senhora para Alemquer naõ podia deixar de perturbar o eſpirito do Meſtre, que ſe perſuadio traçava ella a ſua ruina por meio de alguns parciaes, que occultos em Lisboa attentariaõ contra a ſua vida. Para elle ſe ſegurar na fidelidade dos que o ſeguiaõ, e deſarmar o partido, que lhe poderia ſer contrario, entendeo a ſua magnanimidade, que devia próvar as idéas ardiloſas. A primeira foi èſpalhar a voz, de que o retiro da Rainha para Alemquer ſe terminava a perdello; e que elle para lhe fugir á indignaçaõ, ſe retirava para Inglaterra. Para melhor cobrir a ſimulaçaõ, mandou embarcar as ſuas equipagens. Neſte lance foi mortal a dor do Povo, que ſem concerto o hia buſcar ao ſeu Palacio, e encontrando-o na rua feria o Ceo com clamores, os ſeus ouvidos com rogos, forçando-o a reſponder-lhe. O Meſtre, que via o effeito deſejado dos ſeus intentos, aſſegurou ao Po-

Era vulg. vo, que focegaſſe; que elle lhe empenhava a palavra de naõ ſahir do Reino, e defendello contra quaeſquer uſurpadores da ſua liberdade até dar a vida.

Quando o Meſtre aſſim fazia hum partido de corações officioſos, o da Rainha naõ reſpirava mais que vingança. Ella ſe tranſportou de goſto com a noticia da retirada do Meſtre para Inglaterra; e reſoluta a abyſmallo, ganhou o Capitaõ do navio para ſaltar com a tripulaçaõ em alguma praia, e deixar o vaſo á deſcriçaõ das ondas; mandando ao meſmo tempo poſtar còm cautela gentes da ſua facçaõ pela cóſta, para que varando a náo, mataſſem o Meſtre, e os ſeus criados. Eſtas diſpoſições da Rainha naſciaõ da ignorancia dos extremos paticados em Lisboa pelo Povo, a que deo a ultima maõ o nobre particular Alvaro Vaſques, que buſcou o Meſtre; e em nome da Naçaõ ſe reſolveo a fallar-lhe aſſim: Que injuſtiça he eſta, que quereis praticar ſobre nós? Abandonar hum Reino, que

que vos reconhece, e vos estima por seu Protector? Que vos obriga a esta temeridade? O furor de huma mulher? Que mais póde ella fazer, que ameaçar? E ameaças de huma maõ fragil haõ de causar temor ao vosso peito viril, rodeado de hum Povo fiel, que espera em pouco tempo ver-vos reinar? Estes saõ os sentimentos de todos os bons Portuguezes. Os vossos ém nada devem ser dessemelhantes.

Era vulg.

O Mestre de Aviz acaba de se confirmar no affecto de que he devedor ao Povo; mas com o desejo de entreter a Rainha, que na repugnancia ao perdaõ da morte de Andeiro, mostrava, que a dor, e a vingança lhe faziaõ aborrecidos os Portuguezes, e o Mestre: Elle com huma traça nova intenta oppôr á paixaõ do odio a contrária da ternura. Declarase o Mestre amante da Rainha, e com todo o segredo lhe manda fallar a Alemquer em casamento, que conseguido lhe segura o Throno, e repugnando-lhe justifica as acções. A

Era vulg. Rainha, que ou percebeo a idéa, ou naõ pode vencer o rancor para dar o lado ao matador do ſeu valido, reſpondeo á propoſta com termos ultrajantes, que o capituláraõ por huma temeridade, por huma affronta da ſua ſoberania; como ſe o filho baſtardo do Rei D. Pedro, naõ foſſe marido competente para a mulher, que a qualidade particular fez eſpoſa de Joaõ Lourenço, e a inclinaçaõ do amor frenetico elevou ao Throno de D. Fernando.

Conheceo o Povo de Lisboa, que a Rainha naõ ſe occupava de mais penſamentos, que os de eſcogitar os meios para tirar a vida ao Meſtre, unica eſperança da Pátria afflicta; e ſem mais demora todos os fieis Portuguezes á força de rogos, lagrimas, e perſuaſões na Igreja de S. Domingos conſeguíraõ, que elle conſentiſſe ſer acclamado Regente, e Defenſor do Reino, até que o Rei de Caſtella tiveſſe filhos da Rainha D. Brites. Os partidarios da Rainha, os que duvidáraõ, que o Meſtre podeſſe conſer-

var-

Era vulg.

var-se na Regencia, abandonáraõ Lisboa. Naõ se perturbou o seu espirito: antes, como se estivesse vendo a gloria dos successos futuros, com toda a tranquillidade formou o Conselho das pessoas mais habeis da Corte, entre ellas os seus fieis servidores Joaõ das Regras, e o memoravel Alvaro Paes, resuscitado á occupaçaõ do seu antigo cargo. Entaõ lhe disse este Heróe magnanimo: Senhor, fazei amigos, dando o que naõ he vosso, promettendo o que naõ tendes: Quiz dizer nisto o Aulico experimentado ao Mestre D. Joaõ, que confiscasse os bens dos traidores, e os désse aos fieis, e que promettesse para o futuro os da Coroa, que ainda naõ possuia, e poderiaõ ser seus.

Todos estes successos, que ficaõ referidos, e succedêraõ immediatos á morte do Rei D. Fernando, especialmente esta proclamaçaõ de D. Joaõ, Mestre de Aviz, para Regente: elles fizeraõ no Reino huma comoçaõ geral, que punha attentos os animos para olharem os interesses da Patria;

Era vulg. e entrando por Castella o seu estrondo, rompeo os ferros da prisaõ, que detinha ao Infante D. Joaõ, Successor verdadeiro de Portugal, como filho varaõ legitimo do Rei D. Pedro, e da Rainha D. Ignez de Castro, que se lisongeou dos seus éccos. Elle escreveo ao Mestre seu irmaõ com as palavras mais expressivas do gosto, que lhe causava a sua eleiçaõ para Regente, de que lhe dava os parabens: que ficava certo, de que elle naõ perdoaria a meio algum, que podesse contribuir para a conservaçaõ do Reino, que muito lhe recommendava por puro amor da Patria, quando elle se via fóra de toda a esperança de a poder gozar, e offerecer o sangue em seu obsequio. A Rainha D. Leonor, até agora animosa, com esta naõ pensada resoluçaõ do Estado, temeo a sua assistencia em Alemquer, e tratou com o Alcaide Mór de Santarem a negociaçaõ de ser admittida nesta Villa, que se lhe fazia suspeitosa pela repugnancia, que teve em reconhecer Rainha a sua filha D. Brites.

El-

Ella conseguio este intento, como eu já disse, e em Santarem a deixaremos traçando as novas máquinas para a sua conservaçaõ, que foraõ as mesmas da sua ruina, para nos entretermos com o que se passava em Castella, e como Portugal se dispunha para lhe rebater os projectos, que ella pelas configurações concebia faceis.

Era vulg

CAPITULO III.

O Rei D. Joaõ I. de Castella entra em Portugal; o que lhe succede nesta invasaõ, especialmente com a Rainha.

TANTOS movimentos, e taõ consideraveis em Portugal, ainda naõ faziaõ alterar a indifferença do Rei D. Joaõ, que vacillava se devia, ou naõ entrar pelas nossas terras com armas. Achava-se entaõ em Castella o perfido Bispo da Guarda D. Affonso Correa, que mais arrastado dos interesses proprios, que advertido ao amor da liberdade da Patria, aconselhou ao

Rei

Era vulg. Rei marchasse com elle a Capital do seu Bispado, que elle lhe assegurava na sua devoçaõ; que sendo ella huma das Praças mais importantes, as das Provincias visinhas seguiriaõ o seu exemplo; e que com elle hiria avançando a sujeiçaõ do resto do Reino, que reconhecia o direito da Rainha sua esposa. Foi abraçado este parecer; entrou o Rei com trinta criados na Cidade da Guarda; pouco depois vieraõ para ella desfilando trópas; mas o Alcaide Mór Gil Cabral estava no Castello vendo estas manobras immovel, como senaõ fosse hum Rei, e taõ poderoso, quem lhe entrára na Praça. Vasco Martins de Mello, o fiel Portuguez que naõ quiz acceitar em Toledo a bandeira Real, tambem veio á Guarda no serviço da Rainha, que ainda naõ era tempo de abandonar pelos interesses da Patria.

Com grande desprazer deste filho chegou seu Pai Martim Affonso de Mello, e outros Fidalgos dos lugares visinhos beijar a maõ aos Reis, e reconhecellos como taes, ainda que pro-

protestáraõ o faziaõ, cheias que fossem as condições do casamento. O Rei, que se estimulava da pouca attençaõ do Alcaide Cabral, servio-se de Martim Affonso para o persuadir, que debaixo do seguro da palavra Real viesse á sua presença. Naõ duvidou fazello o Alcaide Mór; mas o Rei vio diante de si huma montanha de constancia, em quem as promessas, e ameaças fizeraõ a mesma impressaõ, que podiaõ causar em huma penha. Vasco Martins, que tanto estranhára a acçaõ do Pai, como applaudíra esta do Cabral, lhe mandou dizer ao Castello por seu filho Martim Affonso: Que entendia naõ lhe poria el Rei cerco; mas que se o fizesse, elle, seus filhos, e criados no mesmo instante o hiaõ ajudar a defender-se até dar as vidas para sustentarem a liberdade.

Era vulg.

A este mesmo tempo succedeo a mudança da Rainha D. Leonor de Alemquer para Santarem: e como no seu espirito ardente cresciaõ os desejos de vingança ao passo, que a-

au-

Era vulg. authoridade do Regente ſe avançava: ella eſcreveo aos Reis de Caſtella, para que da Guarda vieſſem a Santarem: que ſó na preſença poderia deſaffogar os eſtimulos da ſua dor: que os exceſſos do Meſtre de Aviz, e do Povo de Lisboa pediaõ hum prompto remedio: que os aggravos feitos á ſua Real peſſoa excediaõ todas as medidas: que a ſua depoſiçaõ da Regencia até elles terem geraçaõ, a deviaõ olhar como hum attentado para caſtigarem a ſoberba dos que aſſim ſe conduzíraõ com huma Rainha, que era ſua Mãi.

Já o bravo D. Nuno Alvares Pereira com outros filhos da ſua fidelidade, e valor, havia vindo de Santarem offerecer-ſe no ſerviço do Meſtre Regente, ainda que com o deſgoſto de naõ poder reduzir ſeu irmaõ o Prior D. Pedro Alvares, que ſe retirou para o Crato, donde paſſou ao ſerviço de Caſtella. Foi indizivel o alvoroço do Regente com a chegada de D. Nuno, dous corações taõ ſympaticamente unidos, que re-

ſuſ-

Era vulg.

ſuſcitáraõ as idades de David e Jonathas, de Pilades e Oreſtes, em nada deſſemelhantes D. Joaõ, e D. Nuno. Quiz o Regente celebrar a vinda do ſeu amigo com a tomada do Caſtello de Lisboa, que tinha em nome do Conde de Barcellos o ſeu Tenente Martim Affonſo Valente, que o Conde mandou reforçar de Alemquer por Affonſo Annes Nogueira ſeu eſcudeiro. Naõ pareceo juſto a D. Nuno tingir com o ſangue da Patria a primeira acçaõ do novo Principe, e conſeguio por meio da perſuaſaõ a entrega do Caſtello, que foi imitada pelo de Almada, e eſtes os ultimos ſucceſſos do memoravel anno de 1383.

1384

Como no fim delle havia o Rei de Caſtella chegado á Cidade da Guarda, e a Rainha D. Leonor mudado a ſua reſidencia, e convidando-o para vir a Santarem: entráraõ a dividir-ſe os ſentimentos na face do perigo, que ſe temia. A nobreza do Reino olhava o projecto do Regente como huma temeridade, que ſe arro-

Era vulg. rojava á perder a Patria na resistencia a hum Rei taõ poderoso. Os Povos naõ soportavaõ a consideraçaõ, de que Portugal houvesse de se sugeitar a Castella. Tanto vacillava o corpo dos Nobres, que sabendo Iria Gonçalves do Carvalhal, que seu filho D. Nuno Alveres Pereira tomára o partido do Regente, veio do Alem-Téjo a Lisboa a dissuadillo desta inconsideraçaõ; mas encontrou o Heróe taõ firme, que naõ só lhe approvou a resoluçaõ, senaõ que ordenou a Fernaõ Pereira seguisse em tudo os passos de seu irmaõ D. Nuno.

Pelo contrario os Póvos, que tocados do exemplo do de Lisboa, alvoroçados com o rendimento do seu Castello, e entrega do de Almada, motejavaõ a Nobreza de covarde, de pouco amante da Patria, e davaõ todas as demonstrações de acclamar o Regente com voz unanime. A Rainha, que o receava, e temeo, que á imitaçaõ de Lisboa, e Almada, os Alcaides Móres das outras Praças fizessem o mesmo; escreveo a todos re-

representando-lhes o empenho do Mestre como huma loucura, e a fidelidade, que elles haviaõ jurado á Rainha de Castella sua filha. Ao mesmo tempo foraõ apparecendo pelas Provincias as primeiras Cartas do Regente com expressões contrarias, que como todas respiravaõ zelo, fé, ardor de liberdade: Elle foi mais feliz nos seus intentos, que a Rainha. As Cidades de Evora, Béja, Porto, e a maior parte dos Governadores das outras Praças do Reino naõ recusáraõ entrar no seu partido, se menos seguro, mais honrado. Aquelles que assim o naõ fizeraõ, pagáraõ a sua rebelliaõ, e resistencia a duro preço, já na altura das vozes descompostas, já na maõ baixa, que nelles descarregava o Povo, como sobre homens faccionarios, e traidores.

Era vulg.

A entrada intempestiva do Rei de Castella em Portugal com contravençaõ manifesta do ultimo Tratado, foi o lance mais feliz para os interesses do Regente pela declaraçaõ da maior parte das Praças, e dos animos ao seu

Era vulg. seu partido. Elle, que se considerava já em estado de poder resistir, cuidou em formar exercito, e mandou pedir a Ricardo II. Rei de Inglaterra armas, e licença para a gente, que a seu soldo o quizesse vir servir a Portugal. O Povo de Lisboa, que era a fonte donde corriaõ as idéas da liberdade: que considerava a apertada situaçaõ, em que os negocios se achavaõ: que via os thesouros reaes esgotados pelas prodigalidades do Rei D. Fernando: por hum acto voluntario do seu amor para com a Patria, os homens levavaõ as baixellas da sua Casa, as Damas as joias preciosas do seu ornato, e juntos os corações ao cabedal, tudo pozéraõ aos pés do Regente para despender nos gastos da guerra eminente. Semelhante oblaçaõ fez o Clero da prata das Igrejas, que deixou espoliadas para servirem o Estado.

Com dor entranhavel dos espiritos foi visto mover-se o Rei de Castella da Guarda para Santarem, chamado pela Rainha D. Leonor, que abra-

abrazada no odio do Regente, ardendo pela vingança da morte do Conde de Ourem, nada mais lhe fazia especie no cotejo com estes objectos. Chegou elle a Coimbra; mas teve de lhe respeitar as paredes, e passar de largo; porque D. Gonçalo Telles, irmaõ da Rainha D. Leonor, que era seu Alcaide Mór, fez-se desentendido á passagem destes honrados hospedes pelo seu destricto. Justamente entendiaõ os Reis, que esta Praça seria a primeira, que com tal Commandante lhe abrisse as portas; mas D. Gonçalo, esquecendo as razões, que tinha com as duas Rainhas, só lembrado de que era Portuguez com honra, preferio os interesses públicos, que defendia o Regente, aos movimentos do sangue, que o unira aos Reis em particular alliança. O mesmo lhes succedeo em Thomar com o Mestre da Ordem de Christo D. Lopo Dias de Sousa, filho da infeliz D. Maria, irmã da Rainha, que sem os querer ver, se retirou para o Pombal, e pouco depois seguio a voz do Regente.

Era vulg.

A

Era vulg. A chegada dos Reis a Santarem, e o modo por que haviaõ ser recebidos, deo naõ pouco que pensar á Rainha, ambiciosa pelo governo, ardendo pela vingança. Nem sahir, nem dar entrada no Castello aos Reis ella queria: Modo bem estranho de receber os filhos pela sua mesma pessoa convidados. Como sustentar ambas as imaginações parecia huma quimera, determinou a sua politica escolher hum meio, que foi o de lhes fallar na ponte levadiça da fortificaçaõ. Se ella até entaõ sustentou o proprio sentimente contra os rógos submissos dos mais condescendentes ás suas resoluções; agora naõ pode resistir as insinuações dos Reis, que a leváraõ comsigo do Castello para o Convento de S. Domingos. Os agrados, e civilidades parece que desterravaõ da Rainha todos os receios; mas delles veio a originar-se a sua ruina. Entaõ desatou ella os diques do furor para correr a innundaçaõ de improperios, que a cólera lhe inspirava contra o Regente, de quem falla-

lava, como de hum usurpador indigno, que depois de lhe arrancar dos olhos o Valído, tinha a confiança de lhe disputar a Regencia. Era vulg.

Este mesmo tom dissonante servio ao Rei de Castella para se arrogar o governo, que elle persuadio á Rainha o habilitava para mais facilmente conseguir a vingança, que ella tanto promovia. Eis-aqui o primeiro passo, de que se servio a Providencia para auxiliar a nossa liberdade; para confundir as idéas de Castella; para voltar a setta contra a maõ, que a despedia. Quem entenderia, que á primeira proposta a Rainha havia convir no mesmo, que receava? Mas ella entendeo, que cedia de hum direito imaginario, e por acto livre, com todas as formalidades, fez demissaõ da Regencia para lhe pezar, quando já naõ podia ser fructuoso o arrependimento, nem revogar a resoluçaõ.

Vieraõ trópas de Castella, que se chegavaõ a Santarem a tempo, que o seu Rei estava já revestido de todos

Era vulg. dos os titulos neceſſarios para avançar as ſuas pretenções ſobre Portugal. Foraõ muitos os Fidalgos, e as Praças, que entaõ lhe deraõ homenage; mas de pouca duraçaõ pelo abandono, que depois fizeraõ deſte partido o maior número de humas, e dos outros para tomarem o do Regente. Santarem meſmo, que tinha dentro em ſi aos Reis de Caſtella, mandou offerecer-lhe a ſua entrega, que elle entaõ naõ teve por convéniente acceitar: muitos Fidalgos na ſua face, varios Miniſtros, e todos os eſcudeiros do Governador Gonçalo Vaſques de Azevedo vieraõ para Lisboa ſervir a Patria. O Principe Regente, ſenſivel a eſtes reconhecimentos, e attento ás novidades ſuccedidas em Santarem, applica todos os cuidados á guerra, que diſpoem com acções pequenas para ſervirem de enſaio ás façanhoſas. D. Nuno Alvares Pereira na téſta de algumas trópas marchava ſobre as Praças rebeldes a forrajar os ſeus terrenos, tomar as armas aos que encontrava, e im-

impedir-lhes a provisaõ dos mantimentos. Era vulg.

Já a harmonia dos Reis em Santarem principiava a desconcertar-se, naõ sendo toleravel ao genio grave, modesto, e malancolico de D. Joaõ o jovial, alegre, e desembaraçado da Rainha sua Sogra. Accresceo, que este espirito costumado a mandar, pedio, e naõ alcançou do Rei certos despachos, que queria em Castella para varias pessoas da sua devoçaõ. Taõ grande foi o seu desprazer neste repudio, que elle lhe inspirou o arrependimento mais vivo de quanto obrára a favor dos interesses de seu genro. A vehemencia da paixaõ a arrastou a persuadir aos Fidalgos, que até entaõ a acompanháraõ, que se fossem para Lisboa offerecer ao Regente, porque do serviço do Rei de Castella, nada tinhaõ, que esperar. Dizem, que aos Chéfes das Praças mandára ordens semelhantes, com assombro de huma mudança taõ repentina em hum caso taõ estranho. Ellas eraõ concebidas em termos taõ precisos,

Era vulg. que continhaõ as clausulas expressas de sustentar-se fieis a Regente, ainda que ella fosse em pessoa persuadir-lhes o contrario.

Quando a Rainha se conduzia, o Rei de Castella a instava, para que escrevesse a seu irmaõ D. Gonçalo Telles, Conde de Neiva, e a seu tio Gonçallo Mendes de Vasconcellos, que governavaõ Coimbra, persuadindo-os lhe entregassem a Cidade. Os Chéfes astutos, que queriaõ dar á Patria hum testemunho fiel do seu zelo, respondêraõ á Rainha, que indo ella juntamente com os Reis a Coimbra, naõ faltariaõ ao cumprimento do seu dever, se os bravos cavalleiros, que estavaõ na Praça, o naõ impedissem. Estas boas esperanças fizeraõ ao Rei dissimulavel a tristeza, que lhe causava a facilidade com que homens, e Praças, que lhe tinhaõ feito homenage, voltavaõ casaca, e huns vestiaõ a farda do Regente, outras arvoravaõ nos muros os seus Estandartes. Elle partio com as Rainhas na volta de Coimbra, que sugeita,

lhe

lhe feguraria a melhor parte das Provincias do Nórte; mas já taõ desgostado da sogra, que temendo lhe fugisse, naõ fez especie de lhe pôr sentinellas das suas trópas, como quem a fazia guardar á vista.

Era vulg.

Com violencia summa houve de soffrer esta affronta o genio senhoril costumado a naõ ter superior. Em fim, entrou a Corte, e as armas de Castella nos arrabaldes de Coimbra, que esperavaõ encontrar em alvoroço com as portas do seu Castello patentes. Nada mais se via nelle, que os muros bordados de trópas, que faziaõ scintilar as armas, sem se deixarem vêr os Commandantes. Foi notificado o Conde para a entrega. Elle respondeo, que nunca fizéra tençaõ de render aquella Praça, senaõ a quem fosse seu Senhor legitimo. Instáraõ-no pela palavra, que se continha na Carta recebida em Santarem. Elle tornou, que era aquella mesma, e que a tivessem pela decisiva a quantas propostas lhe quizessem fazer da natureza das duas primeiras. Affectou a Rainha huma cóle-

Era vulg. lera toda fogo contra o irmaõ, e tio, e tratou aviſtar-ſe com elles, diſpoſta primeiro a ſegurança das peſſoas, para conſeguir com a preſença o que ſe deſprezava por aviſos.

Em tom de Mageſtade a Rainha, fallou ao Governador de Coimbra, naõ ao Conde de Neiva ſeu irmaõ. Mandou como Soberana, ordenou Senhora entregaſſe Coimbra a ſeu dono, que eraõ os Reis de Caſtella ſeus filhos. Ameaçou viril a obſtinaçaõ á obſervancia das ſuas ordens, ſe elle differiſſe abrir as portas da Praça. Lembrou, que o exemplo de hum homem da ſua qualidade communicaria os meſmos ſentimentos a todos os outros para promoverem a rebeldia, que nelles ſe redobrava pelo caracter da ingratidaõ, de que a reveſtia. O Conde com o meſmo ar tranquillo com que ouvio os arreſtos fogoſos, reſpondeo pacato. Que elle naõ podia temer ameaças, fazer caſo de reſentimentos, nem eſperar mercês dos Reis de Caſtella, quando a ſua honra lhe impedia tudo: que a primeira obrigaçaõ de hum

hum Chéfe era a fidelidade: que a sua havia acompanhar o estado dos negocios do Reino; e que ella naõ se cançasse mais em persuadillo, porque como a Rainha naõ podia, como a irmã naõ queria obedecer-lhe.

Era vulg.

Nunca resposta taõ brusca foi taõ bem acceita como esta da Rainha, por ser a mesma que desejava. Ella era bem conforme ás ordens antes mandadas aos Governadores; mas dura de soffrer ao Rei de Castella, que sobre lhe derrotar a esperança de possuir Coimbra, lhe mostrava a qualidade de homens, que guardavaõ huma fé, e uniaõ inviolaveis á Pessoa, e interesses do Principe Regente. Ainda o Rei de Castella naõ penetrava a fundo o espirito intrigante da mulher, que tinha em seu poder. A Historia nos fornece agora hum dos acontecimentos mais conformes á sua politica, e dos mais estranhos a qualquer outra. Como esta Senhora, quando entendia, que os casos o necessitavaõ, estimava por brilhante a negra perfidia; em Coimbra ella intenta

hu-

Era vulg. huma, que em nada céde a outras, que já haviaõ ſido executadas, ou pelas ſuas ordens, ou pelo ſeu conſelho, tudo effeitos da ſua condiçaõ inconſtante.

CAPITULO IV.

Intenta a Rainha D. Leonor dar morte ao Rei de Caſtella. Deſcobre-ſe a conjuraçaõ. Succeſſos depois della.

A RAINHA D. Leonor, taõ facil em amar, como em aborrecer, havia concebido tal odio ao Rei de Caſtella, que ficava a perder de viſta o grande, de que o Meſtre de Aviz lhe era devedor. Como os deſpiques na ſua imaginaçaõ haviaõ tocar os meſmos extremos das ſuas paixões, já ella naõ traçava outro menor, que a morte violenta do meſmo Rei. O ſeu eſpirito de orgulho, que para eſtes lances tinha expedientes promptos, valeo-ſe de D. Brites de Caſtro, irmã do Conde de Arrayolos, que el-

la

la havia criado, e mandado para Caſtella com o emprego de Dama da Rainha D. Brites. Galanteava eſta Senhora como futuro noivo a D. Affonſo Henriques, irmaõ do Conde de Traſtamara D. Pedro, que ambos com outro ſeu irmaõ baſtardo tambem chamado D. Affonſo, eſtavaõ no campo de Coimbra. Era grande o caracter deſtes Senhores, porque eraõ primos do Rei D. Joaõ, filhos de ſeu tio o Infante D. Fradique, Meſtre de Sant-Iago.

Terna, choroſa, afflicta encareceo a Rainha a D. Brites o cativeiro penoſo, em que a tinha o Rei de Caſtella depois de lhe dever tantos beneficios: que deſejava eſcapar-ſe das ſuas mãos, e recolher-ſe á Cidade, aonde com o favor de ſeu irmaõ o Conde de Neiva, e dos mais parentes, que lhe acodiriaõ, poderia reentrar nas acções da ſua liberdade: que o reconhecimento da criaçaõ, que lhe tinha dado, devia eſtimulalla a empenhar os tres de Traſtamara, que ſó entendia capazes da acçaõ honroſa

de

Era vulg. de resgatar huma Rainha prisioneira: que D. Affonso Henriques, como amante, nada lhe negaria do que ella lhe insinuasse: que este facilmente attrahiria seu irmaõ o Conde, brindado com a maõ della Rainha, se o Rei de Castella morresse, e que ella podia fazer Rei de Portugal: que como todo o empenho dos Portuguezes era impedir a uniaõ das coroas, cessaria o do Mestre de Aviz, e ninguem faltaria em acclamar o Conde de Trastamara, quando o vissem marido da Rainha D. Leonor.

A Dama maviosa se deixou tocar destas expressões sensiveis, e muito mais o espirito duro do de Trastamara, que com a vista subtil empregada no scintillar da Coroa, consentio em tudo, quanto lhe foi proposto, com a vaidade de ser elle o escolhido para huma tal empreza. Passáraõ-se avisos frequentes ao Conde de Neiva do que se tratava para estar prestes a receber a Rainha, e os Parricidas dentro da Cidade. A melhor parte destes segredos se confiavaõ

vaõ de hum Frade Franciſcano, que era o menſageiro dos recados, amigo intimo do Judeo David, que por muito favorecido do Rei, e abominavel á Rainha, naõ quiz, que pereceſſe na revolta; e o aviſou ſe recolheſſe na Cidade. O Judeo, fiel ao ſeu bemfeitor, fez aviſo ao Rei antes da traiçaõ ſer executada. Suprendeo-ſe, fez-ſe incrivel ao Monarca, que em cerebros ſemelhantes ſe concebeſſem idéas para attentado taõ horroroſo, e conſultou ſobre elle a Rainha D. Brites. Fluctuou o coraçaõ da Rainha no meio da tempeſtade, que lhe movia o amor conjugal, e o materno. Ella naõ queria faltar ás ternuras de hum, nem aos deveres do outro. Conhecia as aſtucias da Rainha, que era Mãi; temia o perigo do Rei, que era eſpoſo; e ſem faltar á reverencia de filha, perſuadio a cautela com fé de eſpoſa.

Era vulg.

Seguio o Rei o parecer da Rainha, e ſe pôz prompto a obrar, quando chegaſſe a occaſiaõ de crêr, que os aviſos eraõ verdadeiros. Hum

cria-

Era vulg. criado do de Traſtamara percebeo as precauções do Rei; os movimentos do Paço; a deſconfiança dos ſemblantes; o retiro dos Reis; o reforço das guardas; a agilidade do Conde de Mayorga, a quem ellas ſe tinhaõ encarregado, e tudo participou a ſeu Amo para ſe pôr em ſeguro. A fugida repentina dos tres irmãos de Traſtamara acabou de provar os intentos perfidos. Elles foraõ bater ás portas da Cidade; mas o de Neiva, que os vio ſem a Rainha ſua irmã, temeo alguma traiçaõ urdida contra elle; naõ os admittio, e ſe foraõ ao Porto, aonde embarcáraõ para Lisboa a offerecer-ſe no ſerviço do Regente. Immediatamente mandou o Rei vir D. Leonor á ſua preſença, e da Rainha ſua filha para a inſtruir no proceſſo do golpe mortal, que ſobre elle intentava deſcarregar a ſua impiedade. Reprehendeo-lhe o abominavel attentado preſente, e os mais da ſua vida paſſada. Pôz-lhe á face o Judeo, que a convenceo delle, e das ordens, que mandára de Santarem aos Chéfes

fes das Praças para naõ se entregarem a seu genro. Era vulg.

Porém aquelle espirito criminoso, com o maior ardor, vivacidade, e constancia, como se tivera a consciencia mais tranquilla; tudo negou; descompôz os assistentes; ameaçou o Rei com resoluçaõ tal, que naõ o fizera mais animosa se estivesse rodeada de hum exercito numeroso, e aguerrido, prompto a morrer em seu obsequio. O Rei, naõ admittindo as suas escusas, naõ fazendo caso dos seus fingimentos, lhe affirma, que a deixa com vida em attençaõ a ser huma Rainha, Mãi de sua mulher, mas que elle a recolherá em hum Mosteiro em Castella, aonde acabe os dias livre das occasiões de inquietar os Principes, e revolver os Estados. Neste lance a cólera da Rainha rompeo todos os modos honestos, que só poderiaõ applacar hum Rei taõ justamente indignado; e discorrendo, que tanta liberdade em dizer proviria da confiança nos parentes, e officiosos, que cuidariaõ em libertalla: O Rei

a

Era vulg. a entrega a Diogo Lopes Eſtunhiga, para que com huma eſcólta de gente eſcolhida a leve ſegura a Tordeſilhas, aonde em hum convento paſſou triſte, e afflicta; viveo deſprezada, e pobre; acabou infeliz, e aborrecida, quando o Meſtre de Aviz já era Rei de Portugal, a 27 de Abril de 1386.

Depois da partida da Rainha D. Leonor para Caſtella, a Villa de Alemquer, ainda que governada por Vaſco Pires de Camões, Fidalgo Gallego, ſe ſubmetteo ao Regente; e o Rei, que nada tinha que eſperar dos moradores de Coimbra, voltou para Santarem. Em quanto em Caſtella ſe ajuntavaõ os apreſtos formidaveis de mar, e terra para o ſitio de Lisboa, que eſtava determinado, os Reis ſe fizeraõ ſenhores de algumas Praças viſinhas, ſendo Alemquer a primeira, que faltou á fé pouco antes jurada; de que naõ fez eſcrupulo o Cavalheiro de Galliza. O Regente naõ ſe deſcuidava da ſua parte em fornecer todos os meios preciſos para huma defenſa vigoroſa, e tra-

trabalhou em fazer alliados, e em contentar os homens. Para o primeiro fim mandou a Embaixada, que eu disse a Ricardo de Inglaterra pelo Mestre de Sant-Iago, que era D. Fernando Affonso, filho de D. Joaõ Affonso de Albuquerque o do Ataude, e neto do memoravel D. Affonso Sanches, filho amado do grande Rei D. Diniz.

Era vulg.

Para o segundo fim praticou o Conselho do velho Alvaro Paes, que fica referido; usando de huma grande liberalidade, e igual clemencia. Com esta perdoou todos os crimes precedentes: com a outra repartio todos os bens confiscados pelas pessoas benemeritas: fez mercê das Villas, que tinhaõ a voz de Castella, aos Fidalgos do seu partido, especialmente aos da Casa de seu irmaõ o Infante D. Joaõ, que vieraõ com huma bella industria, e ordem do Amo buscar o seu serviço. Estes Fidalgos vendo o Infante preso, ignorante de quanto se passava em Portugal; elles vigiados para naõ se esca-

Era vulg. caparem; sempre temerosos, e arriscados, resolvêraõ retirar-se a todo o risco; mas desejavaõ fazello saber ao Infante. Hum delles teve industria de confessar-se ao seu mesmo Confessor, e debaixo do sigillo do Sacramento communicar-lhe os movimentos do Reino, as tentativas do Rei de Castella, as desgraças da Rainha, a heroicidade de seu irmaõ o Mestre de Aviz em sustentar a liberdade: que elle, e seus companheiros, andando em Castella errantes, lhe pediaõ licença para o virem servir a Portugal. Pelo mesmo canal lhes ordenou o Infante, que sem perda de tempo fizessem jornada, e avisassem os muitos Portuguezes, que andavaõ em Castella, obrassem o mesmo: que servissem a seu irmaõ com o zelo, com que a elle o tinhaõ feito; e da sua parte lhe dissessem, que logo se aclamasse Rei, por ser o meio unico de derrotar as idéas de Castella, e delle ter liberdade.

Lisboa tinha occupadas todas attenções em se preparar para o cerco, que

que esperava. Repararaõ-se as fortificações; esquiparaõ-se galés, e navios; proveo-se a Praça de mantimentos com abundancia. O Regente, os Fidalgos, o fiel Arcebispo de Braga D. Fr. Lourenço Vicente naõ se poupavaõ á fadiga, que podesse animar o Povo com o exemplo. No meio destas manobras se recebêraõ os alegres avisos, de que as Praças mais importantes do Alem-Tejo tinhaõ despicado a perfidia de Alemquer, e Obidos, declarando-se pelo Regente. O Rei de Castella, que naõ o podia impedir, e estava impaciente pela chegada das galés para principiar o sitio de Lisboa, ordenou ao Mestre de Alcantara, e ao Conde de Niebla, que com as trópas da fronteira talassem os terrenos daquella Provincia, que devastáraõ até Portalegre. Esta irrupçaõ obrigou o Regente a separar de si o bravo D. Nuno Alvares Pereira, e conferir-lhe o Governo do Alem-Téjo, para onde partio com hum corpo de gente escolhida a dar principio ao estabele-

Era vulg.

le-

Era vulg. lecimento da ſua reputaçaõ, á gloria do Principe, á ſegurança da Patria.

Elegeo D. Nuno a Cidade de Evora para Quartel General, e ordenou que para ella desfilaſſe a gente da Provincia, que unio aos córpos com que marchára de Lisboa, poucos, e mal armados. O deſtemido Chéfe ponderou a neceſſidade, que tinha de dar á ſua alma taes diſpoſiçőes, que communicaſſe eſpiritos ardentes á materia languida, em taõ pequena quantidade, que toda delle dependia. Entaõ esforçou os actos de Religiaõ para moſtrar, que punha a ſua confiança no Deos dos exercitos. Deixou vêr a equidade natural acompanhada de hum agrado taõ indifferente, que naõ houveſſe qualidade de peſſoas a quem naõ attrahiſſe. Deſcobrio o valor taõ impavido, que ſe gloriava na imaginaçaõ de ſe vêr nos perigos mais enormes, para ſahir delles com honra ſublime. Fallava dos inimigos com reſpeito para perſuadir mais brilhante a vantagem de os vencer. Deſte modo, ſenhor

de

de si, e dos corações de todos, sabendo que o exercito dos Castelhanos, em que estava seu irmaõ o Prior do Crato, marchava a sitiar Fronteira para fazer esta diversaõ ao cerco de Lisboa: chamou os poucos filhos da sua disciplina, e com semblante que se derretia em ternura, quando derramava terror, assim lhes falla:

Em vulg.

Todos vós, senaõ fosseis Portuguezes, que estais promptos a dar a vida pela liberdade, terieis por hum empenho temerario o que eu vou a persuadir-vos. Ahi sobre Fronteira estaõ os maiores homens de Castella com forças muitas vezes superiores ás nossas, contando os seus triunfos sobre a nossa fraqueza. Que depressa os obrigaremos nós a mudar de idéa, se lhes mostrar-mos o contrario? Porque elles naõ nos esperaõ, vamos a elles; que esta primeira victoria nos abrirá o passo para outras muitas. Ao ouvir proposta semelhante naõ houve coraçaõ, que naõ palpitasse; pallida a cor, que indicava o medo no em-

Era vulg. penho de huma temeridade; mas acodindo os espiritos do valor a reanimar os alentos, que dissipára o susto, naõ se achou hum só, que duvidasse expôr-se ao perigo, que em qualquer das sórtes era honroso á Patria.

Ao som de caixas, e trombetas marchou o pequeno esquadraõ de Estremoz para Fronteira, quatro leguas distante, que já os Castelhános atacavaõ. Os seus escritores, desculpando a Naçaõ com pretextos especiosos, quando confessaõ a sua derrota, persuadem a nossa marcha feita á surdina; que naõ lhes demos tempo de se postar com vantagem, nem ainda de se formárem em batalha. Se esta ficçaõ senaõ desmentíra com a verdade, que eu vou a referir; que apparencia lhe podem dar os Castelhanos, se elles estavaõ já dentro de Portugal; se eraõ muitas vezes superiores aos Portuguezes; se a sua ordem de batalha tinha vantagens incomparaveis á nossa? Primeiramente, duas leguas antes de chegar a Frontei-

tei-

teira, esperava no caminho hum criado do Prior do Crato, que sabendo da marcha de seu irmaõ D. Nuno; lhe mandava estranhar a temeridade de se perder; que mudasse de resoluçaõ, e de serviço teria do Rei de Castella as mercês, que naõ seriaõ firmes feitas pelo Mestre de Aviz, evidentemente impossibilitado de se manter em Portugal. D. Nuno, depois de ordenar ao criado respondesse a seu irmaõ, que se o partido do Mestre era o menos forte na apparencia, que na realidade era o mais justo; que ainda no caso do Rei de Castella lograr os seus intentos, nada poderia aballar a fidelidade, que elle havia jurado ao Regente, que o Prior olhasse por si, e naõ se embaraçasse com elle: ultimamente lhe disse, que corresse até matar o cavallo para o avisar, como D. Nuno marchava a envestir os Castelhanos a todo o risco no seu mesmo campo.

Era vulg.

Com esta resposta taõ precisa, os Chéfes inimigos estimulados resolvêraõ poupar caminho a D. Nuno, e

Era vulg. marcháraõ formados ao seu encontro. Avistáraõ-se os dous campos na planicie, que chamaõ os Atoleiros, de que a batalha tomou o nome. Cada partido se occupou em tomar as suas vantagens. O nosso, como menos numeroso, que consentia poucas divisões, formou hum esquadraõ fechado com os intrepidos na vanguarda; no centro o Estandarte com o Simulacro adoravel do Crucificado; na retaguarda as milicias bisonhas. Ao contrario os Castelhanos, que cobríraõ o corpo de batalha de duas grandes allas, naõ só com o designio de fazerem parecer o exercito maior; mas destinadas a abraçar o nosso, que ficando no seu centro, seria a hum tempo atacado por todos os lados. Eraõ os inimigos mais fortes que nós, e bem se conheciaõ menos firmes, quando, superiores em número, se suspendêraõ em investir-nos, temerosos de entrar em huma acçaõ, que fosse decisiva.

O bravo D. Nuno, vendo nos semblantes dos Portuguezes, que nada

da

da mais tinha que ajuntar a ſua intrepidez, depois de adorar com o roſto em terra no Eſtandarte a Imagem de Jeſu Chriſto; de ordenar ſe deſmontáſſem os 300 Cavalleiros, que tinha, para eſperarem a pé firme nas pontas das lanças o repelaõ de mais de dous mil cavallos dos inimigos; levantou o grito de guerra Portugal, S. Jorge, que era o ſinal de avançar. Ao écco dos clamores ſe seguíraõ os golpes das armas. Os Caſtelhanos nos enveſtíraõ com vigor extremo; eſtendendo as allas para nos colherem pela retaguarda; mas a ſua cavallaria eſpetada nas lanças, deſpedia os homens, que degolava o furor, e deſcompondo os que a ſeguiaõ, foi facil introduzir a confuſaõ em todo o exercito. Como o corpo da batalha recuava, fizeraõ o meſmo as allas; e obſervando D. Nuno a boa occaſiaõ de carregar o inimigo, mandou montar os 300 Cavalleiros, que com as lanças enriſtadas atropelavaõ quanto ſe lhes punha diante. Enfraqueceo a corage Caſtelhana, já ſem acordo pa-

Era vulg.

Era vulg.

para a defensa, nem para a fugida. O seu exercito em pouco mais de meia hora de combate foi inteiramente derrotado sem perda de hum só Portuguez, e com morte de 117 cavalleiros contrarios, de muita da sua infantaria, do Mestre, e Claveiro de Alcantara, e feridos o Conde de Niebla, o Prior do Crato, e outros Fidalgos de grande qualidade.

As consequencias desta victoria principiáraõ a fazer-se consideraveis pelo terror, que ella derramou nas Praças, que seguiaõ a voz de Castella. Já parecia aos seus Commandantes, que elles tinhaõ pouca apparencia de se firmar na sua protecçaõ, e nas suas trópas. D. Nuno Alvares, que assim o pensava, no dia seguinte á victoria, para se aproveitar da consternaçaõ dos inimigos, sahio de Fronteira na tésta de hum grosso destacamento, foi insultar as suas reliquias, que se haviaõ refugiado na Villa de Monforte, donde senaõ resolvêraõ a sahir, e submetteo á obediencia do Regente os Lugares daquelles contornos.

nos. As Villas mais diſtantes com as guarnições reforçadas pelo Rei de Caſtella, e entretidas por elle com a eſperança da conquiſta de Lisboa, para que ſe diſpunha, ainda ſe conſerváraõ na ſua obediencia; mas antes que entremos na narraçaõ do ſitio daquella Capital: Sitio, para cuja defenſa concorreo o Ceo movido pela juſtiça da noſſa cauſa; entretenhamonos hum pouco nos ſucceſſos menores, e glorioſos, que lhe precedêraõ.

Era vulg.

CAPITULO V.

Varios ſucceſſos militares depois da batalha dos Atoleiros, e os mais até ao ſitio da Corte de Lisboa.

DOM Nuno Alvares Pereira, Fronteiro Entre o Téjo, e Guadiana, com as ſuas façanhas principiou a alentar os ſequazes da liberdade. Como os inimigos naõ ſe atrevêraõ a ſahir de Monforte, elle voltou para Fronteira; e porque os dias eraõ os da

Se-

Era vulg. Semana Santa, quiz mostrar ao mundo em actos de Religiaõ, que se o seu valor vencia os homens, o conforto lhe vinha do alto. Na sexta feira Maior sahio elle de Fronteira a pé descalço visitar a Igreja de Nossa Senhora do Assumar, huma legua distante, que achou cheia das indecencias immundas, que nella deixáraõ os Castelhanos, quando a fizeraõ cavalharice. Comoveo-se o coraçaõ pio do nosso Heróe, e banhado em lagrimas de ternura o rosto, que na campanha scintilava raios de ardor; elle por suas mãos varreo o Templo, com tanta acceitaçaõ do seu Habitador Divino, que nelle mesmo lhe remunerou o obsequio com o aviso dos de Arronches, que pediaõ fosse tomar entrega daquella Praça pelo Principe Regente.

No Sabado de Alleluia partio D. Nuno a tomar posse de Arronches, que o recebeo entre vivas como a triunfante. O Alcaide Mór, que era hum bravo Castelhano chamado D. Affonso Sanches, quiz fazer-se forte

no

no Castello; mas correndo a gente de D. Nuno com a do Povo, e dando fogo ás portas, entráraõ espada em maõ, e fizeraõ prisioneiro o Alcaide com toda a guarniçaõ. Ainda com as armas quentes, D. Nuno recebe outro mensageiro de Alegrete, que lhe rendia obediencia; e deixando Arronches encarregada a seu tio Martim Gonçalves do Carvalhal, se recolheo a Evora para provêr nos mais negocios da Provincia. Animados com os bons successos do Chéfe, o Commandante de Villa Viçosa Alvaro Gonçalves Coitado, e o do Landroal Pedro Rodrigues, entráraõ juntos em Castella, e talando as campanhas de Alconchel, e Villa Nova del Tresno, se recolhêraõ com huma preza importante de todo o genero de gados.

Era vulg.

Estes mesmos Cabos, zelosos no serviço do seu Principe, souberaõ por avisos particulares, que Vasco Porcalho, Commendador Mór de Aviz, aquelle homem, que a Rainha D. Leonor culpou ao Mestre da sua pri-

saõ

Era vulg. ſaõ em Evora, era infiel ao meſmo Meſtre Regente, que entaõ impedio aos ſeus criados tirar-lhe a vida. Como elle agora reſidia em Villa Viçoſa, os dous Commandantes acima ditos o prendêraõ depois de huma reſiſtencia dura. Remettido á Corte, tanto ſoube inſinuar-ſe no agrado do Principe, que ſe tivéraõ os aviſos por falſos, e elle foi reſtituido a Villa Viçoſa com as maiores demonſtrações de honra. De tudo ſe eſqueceo eſte Fidalgo para traçar o ſeu deſpique contra os dous cabos, que naõ podia effeituar ſem huma traiçaõ manifeſta, entregando a Praça aos Caſtelhanos. Elle o convencionou em Santarem com o ſeu Rei, em quanto com diſſimulaçaõ amigavel tratava a Alvaro Gonçalves, que hum dia o tomou por compadre, e no outro foi por elle prezo com ſua mulher, e filhos. Na meſma noite deo entrada na Praça a muitos Caſtelhanos, que marchâraõ de Olivença com os Commendadores Móres de Alcantara, e Calatrava, deſejoſos de expiar

piar com esta façanha a sua covardia na batalha dos Atoleiros, e no dia seguinte, com admiraçaõ do Povo, foi o Rei de Castella acclamado pór Vasco Porcalho.

Era vulg.

O Alcaide Mór do Landroal sentio em extremo a prisaõ do seu camarada Alvaro Gonçalves, de que deo parte ao Regente com a noticia da traiçaõ de Porcalho, e ao Chéfe da Provincia. O Regente conheceo o seu engano; D. Nuno disvelou-se em impedir a ruina do animoso Alvaro, e mandou hum reforço a Pedro Rodrigues, para, como bom amigo, sahir do Landroal, quando os Castelhanos conduzissem o preso a Olivença, e lho arrancasse das mãos. Elle se ensaiou para esta empreza com outra naõ menos gloriosa, que foi a derrota dos dous Commendadores Castelhanos, com trezentas lanças, que voltavaõ ricos de despojos feitos nos campos de Evora. Pedro Rodrigues os esperou com oitenta Cavalleiros, quando elles se recolhiaõ; e dando na vanguarda, que conduzia a preza,

ma-

ra vulg. matou 50, e pôz o resto em fugida. Como a victoria ficava incompleta sem o destroço da cavallaria, que cobriaõ os Commendadores; naõ reparando na desigualdade do número, o Alcaide Mór os envestio com golpes taõ pezados, que perdiaõ vidas, e terreno, até abertamente se porem em fugida para Villa Viçosa.

Lourenço Martins do Tojal, e Gonçalo Lourenço de Sampayo, dous bravos cavalleiros nossos, se conjuráraõ para a toda a brida perseguirem os Commendadores, e cada hum matar o seu. Já em grande distancia do nosso campo, elles rompêraõ pelo esquadraõ inimigo, e cada qual do seu bote de lança deitáraõ os Commendadores em terra; mas atacados por toda a sua trópa, os esforçados cavalleiros abertos em feridas perderiaõ a vida, senaõ sobreviera Pedro Rodrigues, que só com se mostrar causou tal terror nos Castelhanos, que sem acordo voltáraõ caras. Este successo animou os nossos cavalleiros para a resoluçaõ de soltar Alvaro Gonçalves

a

a todo o riſco. Elles eſpiavaõ do Landroal com diligencia, quando ſeria levado o preſo de Villa Viçoſa, e com que guarda. Informados do dia da partida, e de que os meſmos Commendadores em peſſoa o haviaõ conduzir com a eſcolta de 200 cavallos, e hum troço de infantaria; Pedro Rodrigues, e os ſeus cavalleiros ſe emboſcáraõ no pinhal, que ficava na eſtrada de Villa Viçoſa para Olivença, chamada da Corte de Oliveira. Era alta noite, quando as vigias deraõ parte de virem chegando os Caſtelhanos com pouca ordem; os Commendadores na vanguarda; immediato a elles o preſo carregado de ferros, bem deſcuidados do perigo, que os eſperava.

Era vulg.

Com grande prazer eſperou o Alcaide Mór a occaſiaõ de livrar o ſeu amigo; animou os camaradas para hum feito honrado; e apenas os inimigos abocáraõ na eſtrada do pinhal, os noſſos gritando S. Jorge, fizeraõ maõ baixa ſobre elles. Entráraõ a ſaltar cabeças pelo campo á força de valentes cutiladas; outros tiravaõ os

cor-

Era vulg. corpos das sellas espetados nas lanças; a Infantaria sem corage soffria os golpes retirando-se á sombra das matas; os Commendadores perdêraõ os cavallos, e se salváraõ a pé com o resto dos fugitivos pela fragosidade dos montes. O prezo Alvaro Gonçalves, que lhe chegava a hora de deixar de ser Coitado, para que por erro o naõ alcançasse alguma lançada, no principio da refrega se deitou abaixo da mula, que o levava, e se escondeo em huma moita para vêr com a luz da manhã o fim da tragedia. Rompeo o dia, e os nossos, que ficáraõ no campo do combate, naõ vendo nelle o preso, culpáraõ o seu desacordo em se empenharem tanto na peleija, esquecendo o principal objecto della. Alvaro Gonçalves, que conheceo a voz de Gonçalo Lourenço de Sampayo, sahio das matas arrastando as suas cadeias com grande alvoroço dos nossos, que o conduzíraõ a Estremoz, aonde estava D. Nuno.

Payo Rodrigues Marinho, Portuguez valeroso, sustentava em Campo-

po-Maior a voz do Rei de Castella. Era vulg.
Desejava o Regente attrahir este Cabo
ao seu partido, e encarregou ao va-
leroso Gil Fernandes, de quem já
tenho fallado, que o persuadisse. Com
a palavra mutua de honra se ajustá-
raõ os dous Cabos a fallar com se-
gurança fóra dos muros daquella Pra-
ça. Marchou Gil Fernandes de Elvas
ao lugar destinado, aonde o Marinho
perfido, e perjuro, o prendeo para
tirar pela sua liberdade hum avultado
resgate. Naõ era o Gil homem capaz
de soffrer esta injúria sem despique.
Vêr-se livre, e vingado foi o mesmo.
Elle talou com a gente do seu parti-
do as campanhas de Castella até Xe-
res, donde trouxe importancias do-
bradas ás do seu resgate, depois de
postrar muitos cadaveres para testemu-
nhos do seu resentimento. O Marinho
sahio com forças maiores a tomar-lhe
contas. Elle as deo taõ ajustadas, que
o Marinho lhe cahio no poder para
pagar o crime da aleivosia. O Gil fez
delle entrega a Martim Vasques para
o guardar a bom recato, em quanto
da-

Era vulg. dava alcance aos que fugiaõ. Entaõ lhe disse o fiel Portuguez : Ora Payo Rodrigues, já que sois taõ bravo, pagareis o que fizestes a Gil Fernandes, que he taõ manso. Respondeo-lhe Payo Rodrigues hum pouco livre : mas o Vasques, que usava poucas ceremonias, de hum golpe lhe levou a cabeça, que trouxe a Elvas em final do seu triunfo.

Quando no Alem-Téjo succediaõ estas aventuras, a nossa Armada de Lisboa, que fora incorporar-se com a do Porto para voltarem unidas em soccorro ao sitio, que aquella Capital esperava, marchou commandada pelo Conde de Trastamara, que ainda estava no Porto, a invadir as Praças maritimas de Galiza. Ella metteo em contribuiçaõ, e tomou muitos navios nas de Bayona, Angia, Corunha, Neida, e Betancos, donde se fez na volta do Porto a esperar as ordens de navegar para Lisboa. Esperava o Rei de Castella a sua armada de Sevilha para principiar o sitio da nossa Corte; e com a noticia de estar prestes, partio

Era vulg.

tio de Santarem na testa de 12ↀ cavallos, e grande número de infantes. Pouco depois chegou a vã-guarda da frota composta de quatorze galés, que fizeraõ caminho pelo Téjo a 40 náos grossas, que as seguiaõ. O quartel do Rei junto ao Convento de Santos brilhava pela magnificencia das suas tendas, das dos primeiros Chéfes, e Grandes da Corte. O avultado número das trópas em terra, a quantidade de navios de alto bórdo no rio faziaõ huma perspectiva, ao mesmo tempo que alegre, taõ temivel, que justamente poderiaõ desconfiar os sitiados do bom successo da defensa. A todas as exterioridades correspondia a boa ordem, e disciplina do campo, o provimento dos viveres, a corage dos soldados.

Mas aos Portuguezes, que vencer, ou morrer pela Patria o estimavaõ por acto indistincto, nada os assombrava; antes o maior apparato lhes servia de estimulo mais picante para meditarem a gloria mais sublime. Bem o mostráraõ na chegada do Rei

Era vulg. os dous irmãos Ruy Mendes, e Mem Rodrigues de Vaſconcellos, que vendo ſobre o monte de S. Gens ao deſtemido Capitaõ D. Joaõ Ramires de Arelhano com hum grande corpo de trópas inſultando os da Cidade: Elles ſahíraõ com 200 de cavallo; fizeraõ rodar os Caſtelhanos pelo monte; prendêraõ a D. Joaõ Ramires, e varrêraõ o campo com os Eſtandartes de Caſtella na face do ſeu Rei. Bem o fizeraõ vêr na meſma chegada deſte Principe, quando elle paſſava com hum groſſo de gente pelas portas de Santa Catharina, Fernando Alvares de Almeida, e outros gentiz Fidalgos, que atacados pelo Rei em peſſoa, o noſſo Regente lhes fechou as portas á retirada, para aquelle Monarca vêr diante de ſi tantas montanhas de aço, que immoveis aos repelões de huma multidaõ de lanças, o forçáraõ a deſiſtir do empenho antes de arriſcar a Mageſtade, ou perder a reputaçaõ. Bem o manifeſtou Gomes Rodrigues, quando veio defronte da meſma porta hum dos mais

alen-

alentados do exercito pedir combate particular, que elle persuadia se poderia estimar como sentença definitiva da justiça dos partidos do vencedor; e sendo Expectadores do Castelhano o seu exercito posto em armas, as nossas trópas, bordando os muros, do Portuguez: Este aos primeiros golpes deo com o Castelhano morto em terra, ficando mudo o seu campo, que teve em máo agouro o successo; alegre nas acclamações o Povo de Lisboa, que por elle se prognosticou a victoria. Em vulg.

O Principe Regente, vendo o sitio formado, despedio Ruy Pereira para o Porto a fazer expedir a armada, e escreveo a D. Nuno Alvares, que estava em Evora, marchasse com a gente, que podesse tirar da Provincia a embarcar-se nella. Os do Porto, que naõ tinhaõ Commandante, offerecêraõ a armada em tal occasiaõ ao Conde de Neiva, já declarado a favor da liberdade. Naõ duvidou elle acceitar a offerta, e partio de Coimbra a encarregar-se da commissaõ; mas tanto

Era vulg. to elle, como os mais Cabos, sabendo que D. Nuno vinha com marchas forçadas a embarcar-se: naõ querendo na sua companhia homem tamanho, que levaria toda a gloria da empreza, soltáraõ panno, e se fizéraõ na volta de Lisboa. D. Nuno, que recebeo esta noticia em Coimbra, retrocedeo para o Alem-Téjo, contente com a generosidade de ceder as Villas da Rainha D. Leonor, que o Regente lhe tinha promettido, a favor de seu irmaõ o Conde de Neiva, que sem esta condiçaõ duvidava acceitar o governo da armada, ambicioso do premio antes de fazer o serviço.

Com a noticia da vinda da armada do Porto, o Rei de Castella convocou a conselho para se resolver se a sua havia sahir a combater no mar alto, ou esperalla dentro do rio. Quando se debatia a contrariedade das opiniões, appareceo a nossa pela ponta de S. Giaõ, tremolando flamulas, e galhardetes, empavezada, e guerreira. Ella se compunha de dezasete Galés, e outro igual número de navios de

al-

alto bordo, a que fazia a vã-guarda a Não de Ruy Pereira, que com os brios do seu Apellido tomou por mais honrado o lugar do maior perigo. Ella entrou no Téjo com tanta confiança, como se navegára em triunfo, sem que os Castelhanos, chegados antes, entrassem nos deveres de lho impedir. Esta incuria, ou esta frouxidaõ causou novos alentos aos Portuguezes, que já se impacientavaõ pelo combate.

Era vulg.

Naõ teve elle muita tardança; porque várias náos nossas, destacadas para tentar o animo dos inimigos, de modo se empenháraõ, que fizeraõ em ambas as Frótas o choque geral. Todo elle foi de opiniaõ por ambas as partes; mas sensivel aos Portuguezes por hum acaso lastimoso, em que perdeo a vida Ruy Pereira fazendo as vezes de soldado intrepido, e por tres náos grossas, que nos aprisionáraõ. Já os inimigos se persuadiaõ, que este golpe nos abatêra o valor; que todas as vantagens futuras seriaõ suas; que a deste combate alistára a

for-

Era vulg. fortuna ao ſeu ſóldo, eſpecialmente quando foraõ reforçados depois delle por mais vinte e hum navios, e nos noſſos faltavaõ tres. Segunda batalha, em que nenhuma das partes cantou a victoria, lhes deſmentio as idéas; mas elles ficáraõ em eſtado, que ſe foraõ para Reſtelo reparar as ruinas, e nós bordámos a noſſa praia junto aos muros da Cidade para ſuſtentar a defenſiva, que era o que entaõ nos importava.

CAPITULO VI.

Continuaçaõ do ſitio de Lisboa com o mais que aconteceo até os Caſtelhanos o levantarem.

NA Naçaõ Portugueza o amor da Patria, que a Eſtrangeiros bem inſtruidos ouvi já notar de ſuperſticioſo, he taõ vehemente, que Diogo Lopes Pacheco, já muito avançado em annos, e ſeus filhos Joaõ, Fernando, e Lopo, que eſtavaõ em Caſtella muito reſpeitados: ſabendo o

que

que o Meſtre de Aviz obrava em Portugal pela liberdade, marcháraõ com trinta criados para ſer participantes da honra da noſſa reſoluçaõ, que em Caſtella nem era para penſada. Elles chegáraõ ao Téjo quando principiava o ſitio de Lisboa, e naõ querendo arriſcar-ſe na paſſagem, foraõ para Almada. Os ſeus eſcrupuloſos moradores, como elles vinhaõ de Caſtella, naõ houve remèdio a conſentillos dentro dos muros, e apenas os deixáraõ aquartelar nos arrabaldes. Entrou o Rei em viva cólera quando ſoube eſta retirada de Diogo Lopes, que caracteriſou pela ingratidaõ mais indigna, ſuppoſtos os grandes beneficios, que Diogo Lopes recebêra delle, e de ſeu Pai D. Henrique. Sem mais penſar mandou hum grande deſtacamento aos Arrabaldes de Almada prender Diogo Lopes, que aviſado da paſſagem dos Caſtelhanos, com ſeus filhos, criados, e parte da guarniçaõ ſahio a elles para dar próvas da fé no coraçaõ, do valor em annos velhos.

Era vulg.

Taõ

Era vulg.

Taõ rudo foi o ataque, que aos primeiros repelões cahíraõ mortos 40 Caſtelhanos; mas como o partido era muito deſigual, e Diogo Lopes teve a infelicidade de ficar priſioneiro, ſeus filhos, e a trópa cuidáraõ em retirar-ſe com honra. A viſta do veneravel Velho acabou de enfurecer o Rei, que reſolveo caſtigar a fiel Almada. Mandou elle ſitiar o Caſtello por Pedro Sarmiento, e Joaõ Rodrigues de Caſtanheda, que por eſpaço de mez e meio encontráraõ huma reſiſtencia inimitavel, e lograria os ſeus effeitos, ſe ſecca a Ciſterna, a ſede extrema, e a impoſſibilidade de lhe introduzir a agua neceſſaria naõ obrigaſſe o Principe Regente ordenar aos moradores, que ſe entregaſſem. Porém os da Villa de Ourem reparáraõ eſta perda de Almada, entregando-ſe ao Meſtre D. Lopo Dias de Souſa, que prendeo nella a dous filhos do Conde de Barcellos, antes amigo do Regente, agora declarado contra a liberdade da Patria com a irmã Rainha preza em Caſtella.

O

Era vulg.

O ſitio de Almada naõ impedia o ardor do de Lisboa, nem o ſeu rendimento esfriou o reſentimento do Rei, aſſim pelo deſprezo, que em Thomar fez D. Nuno Alvares Pereira, quando voltava de Coimbra, das vantajoſas promeſſas, com que o mandou brindar para ſeguir o ſeu partido; como porque o ſeu reconhecimento a eſta benevolencia Real foi vir com a ſua gente, perecendo de fome, atacar, vencer, e deſpojar junto a Santarem huma groſſa partida Caſtelhana para ſupprir com o valor deſta preza os gaſtos da jornada até Evora. Crimes taõ honrados eſtimuláraõ tanto ao Rei D. Joaõ, que mandou a Joaõ Rodrigues de Caſtanheda paſſaſſe logo a Badajóz, e caſtigaſſe a D. Nuno, que com a ſua chegada ao Alem-Téjo aggravára os delictos, tomando por huma ſurpreza cheia de confiança a Villa de Monçaráz. Entendeo o Caſtanheda, quẽ hum Moço de vinte e tres annos, como era D. Nuno, reſpeitaſſe hum Capitaõ antigo, qual elle ſe deixava vêr; e

Era vulg. o persuadio por hum trombeta, que mandou a Elvas, reconhecesse o seu legitimo Rei, e naõ quizesse vello da outra parte do Caya com cara de enfadado.

Respondeo-lhe D. Nuno, que para o seu Soberano ser Rei de Portugal, primeiro havia esperar, que a Rainha lhe desse hum filho para os Portuguezes o reconhecerem como tal, na fórma que elle jurou no ultimo Tratado: que lhe agradecia os seus conselhos, paixaõ dominante dos Velhos dallos aos rapazes, que lhos naõ pedem: que elle o esperava no dia seguinte, e o convidava para a sua meza, aonde o acharia com cara de riso, e semblante de désta. Apenas D. Nuno despedio o trombeta, ordenou se tocasse a pegar; e ainda o Castanheda naõ acabára de ouvir o recado, já elle estava á vista de Badajóz com 400 cavallos, e a infantaria de Elvas. Naõ convinha á honra do Castelhano deixar de acceitar o convite, que lhe vinhaõ fazer na casa propria, e sahio com todo o seu poder; mas

sen-

ſendo enveſtido com huma reſoluçaõ, Era vulg.
que ſenaõ concebe, a furia do repelaõ o metteo a golpes pelas portas de Badajóz, aonde todos ſobiraõ á muralha para verem o roſto alegre, e o animo deſenfadado com que D. Nuno levou o reſto do dia na frente della.

Eſtas noticias no campo, e na Praça de Lisboa produziaõ os encontrados effeitos, que ſaõ faceis de penſar. O Rei de Caſtella chamou a Pedro Sarmiento, e dando-lhe ordem, que com a gente do exercito, que quizeſſe levar, foſſe ajuntar-ſe com a que tinha no Crato o Prior D. Pedro Alvares Pereira; reſolveo, que havia trazer-lhe alli a D. Nuno morto, ou prezo. Vaidoſo o Sarmiento por ſer eſcolhido para reparar a fraqueza do Caſtanheda, eſcreveo do Crato a D. Nuno, que ſe achava em Evora, dizendo-lhe o eſperaſſe no campo, aonde elle hia para o açoitar á viſta de todos, como a minino. D. Nuno naõ quiz reſponder por eſcrito: Seria reſpeito, ou temor, mas nada o alterou. Dizei a meu amigo

Pe-

Era vulg. Pedro Sarmiento (foi a resposta de D. Nuno,) e aos mais Capitães, que o acompanhaõ, a promptidaõ com que lhe obedeço em buscallos: que prepare os instrumentos para os açoites, que eu levarei de boa vontade, se elle vir, que lhe vira as costas o minino, que saberá ser cortez ás suas cãs.

Ajuntou D. Nuno a gente que pode, e marchou duas leguas de Evora a esperar os inimigos, que apparecêraõ em grande número com os muitos cabos respeitaveis na sua testa. Ambos os córpos fizeraõ alto, quando se avistáraõ; D. Nuno querendo ser acomettido, os Castelhanos duvidosos se acometteriaõ. Antes de se expôr á fortuna, tentáraõ como prudentes a D. Nuno com huma mensagem nova, reiterando as persuasões de mudar casaca. Elle lhes fez responder: Que naõ viera ao campo gastar o tempo em cumprimentos, senaõ a levar os açoites: que se movessem a dallos, ou que posessem pé em terra, como elle estava, que naõ

du-

duvidava ser o mesmo que marchasse a recebellos, se condescendessem em pôr-se na acçaõ, que lhes requeria. Dous dias os esperou o valeroso Heróe sem elles se moverem, nem mudarem de postura. No terceiro se resolveo a atacallos, naõ podendo demorar mais tempo o desaggravo da injúria; mas quando amanheceo achou-se só no campo, porque os inimigos se haviaõ retirado para Lisboa com todas as apparencias de quem foge.

Era vulg.

Sentio o Rei em extremo este desar das suas armas: muito mais D. Nuno, que sobejando-lhe o valor, naõ estimou a victoria, por lhe faltar o conflicto. Naõ soffreo aquelle animo intrépido deixar de mostrar ao mundo, que naõ combatêra, porque os Castelhanos lhe fugíraõ; e arbitrando comsigo a idéa façanhosa, que havia emprehender; com a mesma trópa, que o acompanhava, foi seguindo a marcha dos inimigos, e de repente se lançou sobre a Villa de Almada. O Castanheda, que já estava nella, fugio sem acordo. Naõ pode sur-

Era vulg. surprender o Castello, que achou com as pórtas fechadas; mas saqueou a Villa, e com cólera justa as casas do Sarmiento, e Castanheda; passou á espada quantos Castelhanos apparecêraõ; e formando a sua gente em huma grande fileira com os Estandartes soltos sobre a rocha fronteira a Lisboa, deo aos moradores, que discorrêraõ quem era, huma vista bem alegre. No mesmo dia se recolheo a Palmela, aonde esteve até ao fim de Setembro, quando os Castelhanos levantáraõ o sitio.

Todas as noites mandava elle accender muitos fogos nos altos da Villa para dar sinal ao Regente, de que alli estava o mais fiel dos seus servidores, prompto a seguillo em todos os destinos. Reparou o Rei de Castella na continuaçaõ destas luminarias, e perguntou ao Sarmiento quem seria o author daquelles sinaes, a que se respondia com outros semelhantes no Palacio Real de Lisboa. Dizendo Pedro Sarmiento, que entendia ser D. Nuno Alvares Pereira: O Rei, descobrindo

dò o fundo da ſua afflicçaõ, lhe tornou, que ſe admirava, de que ſendo elle o Adiantado de Caſtella conſentiſſe, que hum Commandante de cinco potros lhes eſtiveſſe fazendo taes deſprezos na ſua face. O Sarmiento, que ſe vio neceſſitado a deſculpar a covardia propria, encarecendo o valor alheio, reſpondeo ao Rei: Que déſſe graças a Deos, ou ao Rio, que tinha na frente; que a naõ ſer elle, o Chéfe de cinco potros o viria viſitar dentro do ſeu pavilhaõ real.

Era vulg.

Muitos cuidados entráraõ daqui em diante a opprimir o eſpirito do Regente pela difficuldade do remedio. Hum delles foi a priſaõ, de que deſejava reſgatar a Diogo Lopes Pacheco, que viera de Caſtella com os filhos offerecer-ſe no ſeu ſerviço. Deſte ſe livrou elle pela troca, que fez com D. Joaõ Ramires de Arelhano, que tinha priſioneiro; e em recompenſa da ſua fidelidade reſtituio a Diogo Lopes a honra, fama, e fazenda, de que o privára o Rei D. Fernando. Outro maior foi o da traiçaõ intentada por

D.

Era vulg. D. Pedro de Caſtro, filho do Conde de Arrayolos, que guardava a pórta de Santo Agoſtinho com huma trópa de Caſtelhanos do partido antigo do meſmo Rei D. Fernando, e ajuſtou dar por ella entrada ao de Caſtella. Joaõ Lourenço da Cunha, marido da Rainha D. Leonor, que ſoube eſta conjuraçaõ, quando eſtava em artigo de morte, a revelou ao Regente, que ajuntou com a actividade de a diſſipar, a clemencia indiſivel do perdaõ, que deo a D. Pedro contra o clamor geral de todo o Povo. Sobre todos intoleravel era o cuidado de remediar a fome, que hia chegando a Cidade aos termos de ſe perder. A eſte perigo acodio Deos, que ſendo ſó quem dá, e tira Imperios, neſta occaſiaõ naõ quiz Portugal ſugeito a dominio eſtranho, e defendeo a noſſa liberdade com os esforços do ſeu braço, como ſe hirá vendo no diſcurſo deſta narraçaõ, ainda que contraida.

Principiáraõ a picar no campo queixas contagioſas acceleradamente mortaes, que pozeraõ em conſterna-

çaõ

çaõ o Rei, e os ſeus Generaes. Ellas Era vulg.
o obrigáraõ a tentar antes os meios
da negociaçaõ, que os das armas, já
prevendo que poderia reduzillo o mal
a termos de levantar o ſitio. O Regente
naõ querendo ter por indifferentes
quaeſquer propoſtas, ſe diſpôz para
ouvir as que o Rei determinava
mandar-lhe fazer. D. Pedro Fernandes
de Velaſco, Camareiro Mór, foi o
nomeado pelo Rei de Caſtella para eſta
commiſſaõ importante. Sahio o Regente
da porta de Santa Catharina a
ouvillo; e elle deſenvolveo a pertençaõ
do Rei ſeu Amo á noſſa Coroa
bem firmada no ſeu caſamento com a
Rainha D. Brites. Propôz-lhe, que ſe
quizeſſe abater as armas, ficaria com
o governo do Reino aſſociado de hum
Fidalgo Caſtelhano, que elle nomeaſſe
para eſſe effeito. Bem longe deſtas
idéas, o Principe reſpondeo ao Deputado
em termos vagos, e taõ geraes,
que nada ſignificaſſem. Derrotou a força
do caſamento pela rotura, que o
Rei fizera no ſeu Tratado; de ſórte,
que Velaſco teve de voltar como

Erà vulg. veio, ſem negociaçaõ, nem eſperança.

Como nada reſultou da conferencia, foi renovada a guerra; e o Pincipe, que ſe envergonhava, de que ſe diſſeſſe no mundo, que elle naõ ſahia ao campo, e ſoffreſſe os inſultos dos Caſtelhanos dentro dos muros de Lisboa; eſcreveo a D. Nuno Alvares marchaſſe com a gente do ſeu partído ſobre a reta-guarda dos inimigos, que elle ao meſmo tempo atacaria pela vã-guarda, para em hum dia livrarem de tantas calamidades a Capital do Reino. Aſſim diſcorriaõ os animos, quando o contagio tirando a vida aos Chéfes mais importantes do exercito, entre elles Velaſco, Sarmiento, Caſtanheda, o Conde de Mayorga, e o bravo Almirante Toar: o Principe de Navarra, cunhado do Rei de Caſtella, lhe repreſentou naõ tentaſſe a Deos, levantaſſe o ſitio, e ſe recolheſſe a Caſtella, antes que as ſuas forças ficaſſem ſepultadas nos campos de Lisboa. A confuſaõ, ou a dor do Rei foi taõ viva, quc a deſaffo-

gou

gou em gemidos; o ſeu ſentimento, Em vulg.
ou a ſua indignaçaõ taõ grande, que
a reſpirou com o proteſto de deſejar
vêr o aſſento de Lisboa lavrado a fer-
ros de arado.

A ſua triſteza, e o ſeu pejo tu-
do o Rei quizera eſconder em Santa-
rem; mas a eſperança de dominar Por-
tugal algum dia, o fez tirar a públi-
co por meio de muitas Cartas inſi-
nuantes, com que rogava aos Gover-
nadores das Praças do ſeu partido ſe
mantiveſſem nelle firmes, em quanto
voltava a Caſtella a reforçar-ſe. Oc-
cupado em fim do humor melancolico,
que lhe agitavaõ tantos eſpectaculos
triſtes, quantos encontrára em Portu-
gal naõ eſperados; elle ſe reſolveo a
ſahir do Reino, aonde viera ſer teſte-
munha do deſtroço das ſuas armas,
ſem conſeguir nada digno de qualquer
Capitaõ, quanto mais de hum Rei taõ
poderoſo ſobre hum Eſtado taõ fraco,
ainda mais debil por dividido. Elle ſe
foi; meditando, que já mais Princi-
pe marchára taõ abatido como elle
neſta ſahida de Portugal. A ſua triſte-

Era vulg. za descoberta no rosto se communicava aos Grandes, que naõ podiaõ escusar-se ao sentimento na perda dos parentes, e amigos: sentimento dobrado pela companhia dos cadaveres, que levavaõ embalsamados com sal para lhes darem sepultura nos jazigos dos seus Maiores. Nada se via nesta retirada, senaõ o ajuntamento numeroso de hum Reino grande, mais em tom de acompanhar hum enterro ceremonioso, que de conquistar huma Coroa brilhante.

Nesta figura chegou o Rei D. Joaõ a Sevilha, aonde teve por conveniente naõ desabusar a credulidade dos seus vassallos com o uso, que elle dava ao titulo de Rei de Portugal. Para melhor os entreter foi provendo em Fidalgos Portuguezes os empregos, que do tempo do Rei D. Fernando estavaõ vagos. Nestes exercicios, ainda que com mais de apparencia, que de entidade, D. Joaõ desaffogava o animo para o dispôr á continuaçaõ dos seus projectos, quando se lhe offerecesse occasiaõ mais opor-

portuna. Ora deixando nós ao Rei de Era vulg.
Castella luctando com as imaginações
tristes dos seus infortunios, levemos
a memoria a lembrar-se dos alvoroços plausiveis de Lisboa.

Viaõ os nossos dos muros, e naõ entendiaõ os movimentos dos Castelhanos no seu campo ao tempo, em que elles se dispunhaõ para levantar o sitio. Na noite os desenganou o fogo, que pozéraõ ao arrayal, e assustou a D. Nuno Alvares em Palmela, entendendo que a Cidade se abrazava. Na manhã foi completo o gosto, quando os vimos pelas costas em retirada vergonhosa. O Principe Regente transportado de hum prazer religioso, correo ao Templo seguido do Povo, para mostrar na acçaõ de graças, que hia render ao Ceo, como o levantamento do sitio era hum effeito menos da sua ambiçaõ, e da sua gloria, que da sua piedade, e da sua esperança em Deos. Os Ministros do Evangelho para nos persuadirem a grande obrigaçaõ, em que estavamos ao Dominante Supremo dos Imperios,

dé-

Era vulg. déraõ todo o tom de horribilidade ao risco, em que estivemos de supportar hum dominio estranho: Desgraça, que elles reduzíraõ a estado de muito mais odiosa, que nós naquelle tempo imaginavamos. O Povo confundia o gosto com os allaridos das festas, e dos vivas, que entoavaõ em igual ponto a clemencia do Regente, a sua fortuna, a sua gloria, o seu valor.

O fidelissimo D. Nuno Alvares Pereira, impaciente por se congratular com o seu Principe, naõ esperou que a Armada dos Castelhanos sahisse do rio para passar a Lisboa. Elle se embarcou em huma falua, e se pôz furto na bocca do Montijo até horas de meia noite, donde partio a toda a força dos remos. Quando se vio no meio da Esquadra inimiga mandou aos seus trombetas, que tocassem. Os Castelhanos confusos se pozéraõ em armas; e descobrindo a falua, de todas as náos se perguntou quem passava. Foi-lhe respondido, que o Fronteiro do Alem-Téjo D. Nuno Alva-

va-

vares Pereira. Como se o écco deste nome fosse hum trovaõ horrendo nos ouvidos dos Castelhanos, todos de repente emudecêraõ, e naõ houve quem lhe impedisse a passagem. Quando foi hora competente desembarcou, marchou em direitura ao Paço, e dado aviso ao Principe, correo a recebello á salla, aonde lhe lançou os braços, e se uniraõ os corações, que ligára o amor.

Era vulg.

A vinda de D. Nuno foi acompanhada das demonstrações da notavel inclinaçaõ, que ao Regente mostravaõ os Póvos na concurrencia de lhe offerecer cada qual quanto possuia para os gastos da guerra, se ella continuasse. Esta feliz disposiçaõ a favor do Principe era hum caminho aberto para elle ir dando passos á Coroa. D. Nuno aproveitou a occasiaõ para o persuadir: Que se os Portuguezes se lhe uniaõ por amor, que era justo ligallos mais com os vinculos da Religiaõ no sagrado do juramento solemne de fidelidade, que estimula os homens a fazer-se inseparaveis dos seus So-

Era vulg. Soberanos: Que em Lisboa estavaõ tantos honrados, que de necessidade se haviaõ dividir pelos empregos do Reino; outros ainda naõ muito firmes na conservaçaõ do partido da liberdade; que a huns, e outros era justo tellos assustados com o temor de ser perjuros: que o meio de conseguir este projecto sem reparo, elle o entendia facil na proposta do modo por que se havia continuar a guerra; para o que convocasse a Nobreza, e Povo, o Principe lha fizesse, que elle entaõ moveria o assumpto do juramento, que se lhe representava indispensavelmente necessario.

Sabia o Principe, que quanto D. Nuño fallava eraõ affectos emanados de hum coraçaõ candido; e convindo com elle, mandou convocar as gentes na Igreja de S. Domingos, aonde lhes fez esta pathetica falla: Vós sabeis, Patricios amados, e companheiros fieis, que por morte do Rei D. Fernando Eu quiz deixar o campo livre aos pertendentes da Coroa, e embarcar-me para Inglaterra, até vêr

o

o eſtado dos negocios do Reino: Vós mo impediſtes temeroſos de vos ſujeitar dominio eſtranho: vós me violentaſtes a dar palavra de naõ abandonar a Patria: vós me rogaſtes para acceitar o Governo até ſe encherem as condições do contrato do caſamento do Rei de Caſtella, com a Rainha D. Brites: Elle naõ teve paciencia para o eſperar: Rompeo a ſua ambiçaõ no deſacordo de faltar á fé de Soberano na priſaõ de meus irmãos os Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, na de ſeu meſmo irmaõ o Conde de Gijon por ſer caſado com huma filha do Rei D. Fernando: Entrou no Reino armado, e o tratou como inimigo: Vós o acabais de vêr no cerco, que pôz a eſta Corte: Eu a defendi com a força do voſſo braço: moſtraſtes, que ſois Portuguezes: Elle deixou entre nós partido grande, que nos deve ter acautelados: Elle voltará no anno futuro ao empenho, que forma na ſua idéa ſer o ponto mais eſſencial da ſua honra: Vós entendo eſtares firmes em ſuſtentar o da liberdade, para que

Era vulg.

Eu

Era vulg. Eu offereço o ſangue, e a vida: Chamei-vos para vos dizer, que ha de continuar a guerra, e que ſó de vós depende arbitrar os meios para a fazermos vigoroſa.

D. Nuno Alvares Pereira tanto que vio o paſſo franco para avançar a ſua idéa, foi o primeiro em fallar, e depois de tecer elogios correſpondentes ás boas intenções do Principe, accreſcentou: Que a primeira acçaõ com precedencia a todas as outras, devia ſer hum acto ſolemne feito no Senado da Camara, pelo qual juraſſem ſervir com fidelidade ao Principe todos os que o reconheceraõ Regente, e eſtimavaõ Protector: que para a reſoluçaõ dos mais negocios civís, e Militares, ſe convocaſſem Cortes para a Cidade de Coimbra no principio da Primavera, aonde os Póvos do Reino tomariaõ pelos ſeus Procuradores as deliberações mais conformes á manutençaõ da liberdade. Applauſo univerſal mereceo a propoſta de D. Nuno; e deſtinado o dia ſeis de Outubro para o acto do juramento, e

pa-

para lugar delle o Palacio da Alcaceva, com assistencia de muitos Prelados, de muitos Fidalgos da Corte, e do Reino, e de hum concurso numeroso, se celebrou a ceremonia augusta, presente o Principe debaixo de hum docel magnifico, que acceitou o juramento, e já com apparencias de Rei, todos lhe beijáraõ a maõ.

Era vulg.

Coroou o Regente este acto com as avultadas, e copiosas mercês, que fez a todas as pessoas, que mais se distinguíraõ na defensa da Corte, para que os premios presentes estimulassem os espiritos a obrar no futuro outras gentilezas, que os merecessem semelhantes. D. Nuno Alvares, que naõ queria perder tempo, se recolheo logo para Evora a dispôr os meios de fazer respeitavel a sua Provincia. Elle deixou aconselhado ao Principe, que sahisse de Lisboa em figura de quem hia picar a reta-guarda dos Castelhanos, e perseguillos na retirada, quando já elles iriaõ chegando a Castella; porque de se deixar ver assim ás Praças contrarias, ou indifferentes,

ra vulg. tes, poderia trazer algumas á sua devoçaõ, como depois mostráraõ os successos.

CAPITULO VII.

Das expedições que se seguiraõ depois do levantamento do sitio de Lisboa, e como foraõ convocadas as Cortes de Coimbra.

O PRINCIPE Regente na Estremadura, e D. Nuno Alvares Pereira no Alem-Téjo naõ quizeraõ, que a Patria os visse ociosos. Sahiraõ ambos ao mesmo tempo a sugeitar algumas das Praças obedientes a Castella; mas os primeiros passos do Regente, que marchava huma noite a surprender Sintra com o Arcebispo de Braga, e Conde de Neiva, foraõ detidos por huma tormenta taõ horrorosa, que o forçou a retirar sem proseguir na empreza, que lhe era importante, por estar Sintra taõ visinha de Lisboa, e a sustentar por Castella o Conde de Cea D. Henrique Manoel. O pezar que

Era vulg.

que lhe causou este infortunio, brevemente o suavisou com a restauraçaõ de Almada, que lhe abrio as portas, e mostrou o zelo, que tinha pelo seu serviço, agora preferido á conservaçaõ de vinte refens honrados, que o Rei de Castella levou da Villa por penhor da sua fidelidade. O Regente fez aos moradores as mercês, que merecia a delicadeza da que com elle usáraõ no tempo do sitio, e nesta entrega; entaõ sacrificando-se a si nos seus córpos; agora offerecendo por victima as almas nos refens dos filhos.

Elle se fazia prestes para ir sobre Torres-Vedras, quando os paizanos de Alemquer o rogáraõ quizesse em pessoa marchar áquella Villa, que elles desejavaõ pôr na sua devoçaõ. Para naõ ficar inutil a primeira resoluçaõ, dividio a gente; parte para o seguir a Alemquer; outra parte para principiar o sitio de Torres ás ordens de Joaõ Fernandes Pacheco. Naõ pode Alemquer ser levada de surpreza com o favor da paizanage, porque

che-

Era vulg. chegáraõ de dia os barcos, que conduziaõ a trópa do Regente, a que se oppôz vigoroso o Alcaide Mór Vasco Pires de Camões. Fortificou-se o Principe no campo, e mandou intimar a entrega ao Chéfe, que respondeo com a defensa gentil de seis semanas, em que se deraõ muitos, e vistosos combates. Em hum delles perdeo a vida com alentos generosos D. Affonso Henriques, irmaõ bastardo do Conde de Trastamara, que seu Pai o Infante D. Fradique tivéra da célebre Paloma, e naõ deixou geraçaõ, que pela honra de descender de hum Infante, multiplicasse a vileza de tal Mãi.

A força dos combates, e o aperto da sede reduzíraõ o Camões a capitular a entrega com os Artigos seguintes: Que lançaria do Castello a guarniçaõ Castelhana, e elle o defenderia pelo Regente em attençaõ a ter sido criatura do Rei D. Fernando, e estar casado com a filha de hum Fidalgo Portuguez: Que se voltasse ao Reino a Rainha D. Leonor sem trazer

zer Castelhanos, poderia entregar- Era vulg.
lhe a Villa, por ser pertencente aos seus Estados: Que o Regente poria no Castello guarniçaõ Portugueza, mas que o Alcaide Mór elegeria os Cabos. Com estas clausulas entregou entaõ a Praça de Alemquer o Gallego Vasco Pires Camões forçado pela necessidade, com a intençaõ pervertida; mais facil a ser ingrato ao beneficio, que perder a conjuntura de se mostrar officioso a Castella.

De Alemquer marchou o Regente para o sitio de Torres-Vedras, que se fez penoso pelo rigor do Inverno, que sobreveio. A Providencia que parece guardava no seu seio esta Reliquia do Santuario dos nossos Reis fidelissimos, a preservou de hum fim desestrado debaixo dos muros desta Praça. Ponderava o Rei de Castella a pouca apparencia de lograr os seus designios; e como via a difficuldade de os conseguir por força das armas, resolveo-se a tentallos por meio da perfidia, a todos os homens estranha, em hum Rei abominavel. Para este ef-
fei-

Era vulg. feito, elle imagina o modo de arrancar do mundo o noſſo Regente, que lhe formava o maior obſtaculo ás ſuas pertenções. Parecendo-lhe expediente ſeguro valer-ſe do meſmo traidor, que em Coimbra lhe quiz tirar a vida, e por ſe ſalvar tomou o partido do Regente, agora o perſuade a amontoar as infamias, e que mate ao Protector o homem refugiado, que quiz matar o ſeu meſmo Soberano. Eſte era o Conde de Traſtamara, entaõ aſſiſtente na Cidade do Porto, ao qual o Rei de Caſtella eſcreveo a Carta ſeguinte:

« Que elle devia lembrar-ſe, que
» além de vaſſallo, era ſeu primo ir-
» maõ; duas razões, que o obrigavaõ
» a ſervillo contra os ſeus inimigos:
» Que elle naõ ignorava, como o
» maior de todos era o Meſtre de
» Aviz, que tinha a confiança de diſ-
» putar a ſua mulher a poſſe de Por-
» tugal: Que ſe eſqueceria de tudo,
» ſe elle Conde quizeſſe matar o dito
» Meſtre, o que lhe ſeria facil por
» eſtar eſtimado confidente dos Por-

» tu-

» tuguezes : Que no mundo naõ se Era vulg.
» lhe podia fazer maior serviço, que
» executar esta morte, e por isso os
» premios seriaõ talhados pela medi-
» da da sua estatura: Que se apressas-
» se em abrir esta pórta para reen-
» trar na sua amizade, que lhe pre-
» parava a maior fortuna; porque o
» sublimaria ao primeiro homem de
» Hespanha o Rei, que nunca seria
» ingrato para deixar de confessar,
» que ao Conde de Trastamara devia
» o Reino de Portugal. » Recebida es-
ta Carta; esquecido o Conde de quèm
era; arrastado das promessas de hum
Rei injusto; lisongeado de vãs espe-
ranças, naõ se contenta só com en-
trar nas intenções do Rei de Castella,
senaõ que assegurando involver nellas
aos seus amigos, e criaturas, o poem
certo, em que nada mais falta que
buscar a occasiaõ para executar o de-
signio.

Sem perder tempo sahio o Con-
de do Porto, e chegou ao campo com
semblante, de que vinha obsequiar o
Regente, assistindo-lhe no sitio de

Era vulg. Torres. A alliança já contraida com D. Brites de Castro lhe facilitou communicar a seu irmaõ D. Pedro de Castro, já traidor no sitio de Lisboa, e benignamente perdoado, como fica dito, as intenções com que seguia o Regente. Trouxe mais á sua facçaõ a Joaõ Affonso de Baeza, Gallego favorecido do Rei D. Fernando, e ao Asturiano Garcia Gonçalves de Baldez, que era alentado Cavalleiro, mui destro no manejo dos cavallos. Estes foraõ os conjurados, que andavaõ esperando conjuntura para a sua atrocidade, que fizeraõ saber a Joaõ Duque, Alcaide Mór de Torres, por meio de escritos mettidos nas sétas, que arrojavaõ á Praça, para estar prevenido a recebellos depois de a executarem. O Regente estimava muito ao Baeza, que o acompanhava, quando sahia ao campo a cavallo, e para mostrar destreza, vinha de longe vibrando a lança até a apontar aos peitos do Principe, e entaõ com velocidade a abatia.

Depois da conjuraçaõ praticava elle estas destrezas com mais frequencia,

cia, como ensaio, para, quando tivesse occasiaõ de estar mais proximo da Praça, a metter-se de véras, e salvar-se nella. O memoravel Fernando Alvares de Almeida, que depois foi Ayo dos Infantes, fez-se-lhe intoleravel a repetencia deste brinco do Baeza, e resoluto a impedilla na primeira conjunctura, lhe cortou a carreira; com a sua lhe abateo a lança, dizendo: Reportai-vos, que este modo de insultar o meu Principe he indecente, e eu naõ vo-lo-hei de consentir. Alvoroçou-se a consciencia culpada; mas o Regente, que nada sabia, os socegou; e como aos traidores se frustrou esta idéa, cuidáraõ em inventar novos arbitrios. Elles os tinhaõ bem dispostos ao tempo, que pelo caso succedido no Castello de Gaya, o Conde de Neiva, e Ayres Gonçalves de Figueiredo se desgostáraõ de modo, que o Regente se necessitou a mandallos prender por Vasco Martins de Mello, e remettellos para Evora, aonde estiveraõ alguns annos.

Era vulg:

Era vulg.

A prisaõ repentina de taes pessoas, ignorados os motivos, causou tal medo nos conjurados, que o Conde de Trastamara sem acordo se refugiou na Praça; o Baeza, e D. Pedro de Castro fugíraõ para Santarem; o Baldez, que estava na guarda com Antaõ Vasques de Almada foi por elle preso; posto a tormento, confessou todas as circunstancias da conjuraçaõ, e á vista da Praça se lhe deo vivo fogo lento. O barbaro Alcaide Mór despicou este castigo justo, mandando cortar as mãos, e os narizes a seis prisioneiros, que tinha nossos na Villa, e pendurados estes destroços da impiedade ao pescoço de hum, o mandou ao campo com este presente. Os nossos o gratificáraõ, mettendo os Castelhanos nos instrumentos de arrojar pedras, que os arremeçavaõ á muralha, aonde se esmagavaõ: Brincos, em que se exercitava a cólera, quando se devia dar lugar á ira.

Seguíraõ-se a estes infortunios a grande invernada, que sobreveio, e impedia as operações do sitio; o despra-

prazer de Vaſco Pires de Camões tornar a levantar-ſe com a Villa de Alemquer ; o deſgoſto de Affonſo Lopes de Texeda, Commandante de Torres-Novas , com Diogo Gomes Sarmiento , que o era de Santarem , derrotarem huma partida noſſa , e prenderem o Meſtre de Chriſto D. Lopo Dias de Souſa , e o Prior do Crato Alvaro Gonçalves Camello : Motivos, que obrigavaõ o Regente a levantar o ſitio para ir ás Cortes de Coimbra , e preparar-ſe para a jornada , em que o deixaremos occupado ; porque devemos referir os ſucceſſos de D. Nuno Alvares Pereyra no Alem-Téjo , que principiando felices , pela meſma conjunctura do tempo , e dos negocios foraõ atalhados.

Era vulg.

Logo que D. Nuno chegou a Evora concebeo penſamentos de ſe fazer ſenhor dos Caſtellos de Villa-Viçoſa , e de Portel pelos terem por Caſtella dous Fidalgos ingratos ao Principe Regente : na primeira Villa o Commendador Mór Vaſco Porcalho , na ſegunda Fernaõ Gonçalves de Souſa.

Ha-

Era vulg. Havia em Portel hum Clerigo chamado Joaõ Mattheus, que soffria impaciente a infidelidade da sua Pátria, e que a guarnecessem Castelhanos. Elle se resolveo a libertalla, e tirando em cera o molde das chaves da porta principal, veio a Evora, e o offereceo a D. Nuno para se fazerem por elle novas chaves, que levou, deixando ajustada a noite para a empreza. Foi grande o gosto do nosso Chéfe na offerta do mesmo, que desejava; e sahindo de Evora, foi esperar na Torre dos Coelheiros a hora de marchar occulto. Chegados a Portel, o Clerigo que estava á lerta com os seus amigos, abrio a porta, por onde entrou D. Nuno com a sua gente; mas sendo sentido dos Castelhanos, se travou hum disputado combate, que foi vencido, e ganhada a Villa. O Sousa entregou o Castello por capitulaçaõ salvas as vidas, e permittida a passagem para Castella.

Divulgou-se esta noticia da surpreza de Portel pela Provincia, e ella fez lembrar em Villa-Viçosa o engano

no de outra ſemelhante, traçada de modo, que nella infallivelmente havia perecer D. Nuno, o objecto do odio entranhavel de Porcalho, ſe naquella noite o naõ guardára a Providencia para depois lhe dar formoſos dias. Fingio o perfido huma Carta em nome de varios viſinhos, que pediaõ a D. Nuno marchaſſe a tal hora á pórta da torre, aonde elles o eſperavaõ para lhe dar entrada. Havia da torre á pórta hum paſſadiſſo com muitas ſeteiras, por onde podiaõ ſer arrojadas grandes pedras, e aqui eſperou Porcalho os convidados bem prevenido para os eſmagar na entrada. Em quanto a noſſa gente ſe apeava, adiantáraõ-ſe Fernaõ Pereira, irmaõ de D. Nuno, com hum criado valeroſo, e o célebre Alvaro Gonçalves Coitado para examinarem a entrada da pórta. O Porcalho, que entendeo ſer D. Nuno, fez lançar tal tempeſtade de pedras, que Fernaõ Pereira, e o ſeu criado ficáraõ logo mortos, e o Coitado priſioneiro. Sentio D. Nuno a morte de ſeu irmaõ, e como naõ tinha

Era vulg.

Era vulg. nha forças para levar a Praça á efcala vifta , contentou-fe com mandar pedir o cadaver de Fernaõ Pereira, que veio enterrar no Convento de Saõ Francifco de Eftremoz.

1385 Em quanto no Alem-Téjo fuccediaõ eftas coufas, o Regente determinado a levantar o fitio de Torres-Vedras, mandou antes, que o Arcebifpo de Braga marchaffe do campo com boa parte da gente a Coimbra para elle o feguir depois com o refto fem tanta oppreffaõ dos Póvos. Tinha-fe feito avifo a D. Nuno Alvares para vir a Torres, e com a fua chegada fe determinou o dia quinze de Fevereiro para o da partida ás memoraveis Cortes de Coimbra, aonde fe decidio o negocio da noffa liberdade. Huma folemniffima prociffaõ compofta do Cabido, Clero, e Religiões fahio a receber ao Principe em triunfo, que fe fez mais plaufivel pela numerofa multidaõ de meninos, que a precedia, ferindo os ares com eftas vozes fonóras: Portugal, Portugal, viva o noffo Rei D. Joaõ, em boa

ho-

hora venha o nosso Rei. Com o acontecimento de Evora ao mesmo tempo quiz Deos mostrar-nos, que elle pozera estas palavras na boca das innocencias de Coimbra. Quando ellas assim davaõ as boas vindas ao futuro Monarca, huma menina de oito mezes, filha de Estevaõ Annes Derreado, que estava no seu berço em Evora, deitando fóra os bracinhos com movimento de alvoroço, disse em voz clara a todos perceptivel: Portugal, Portugal por el Rei D. Joaõ. E naõ fallou mais até ao tempo habil da natureza, a que entaõ elevou a ordem o seu Author Supremo.

Era vulg.

Vieraõ concorrendo a Coimbra os Tres Estados do Reino, que haviaõ formar as Cortes, e se acháraõ presentes pelo Ecclesiastico doze Prelados; grande quantidade de Nobreza, que todo se comprometteo em setenta e dous votos da sua classe; e pela do Povo cincoenta, e hum Procuradores. Antes de se entrar nas Secções, todos os Estados conferiraõ entre si, e uniformemente assentáraõ

por

Era vulg. por baze a exclusiva total dos Reis de Castella á nossa Coroa. Depois se determinou, que indisputavelmente se havia proceder á eleiçaõ de hum Principe Portuguez, que revestido da Dignidade Real se plantasse na tésta do seu Povo, lhe administrasse justiça, e o defendesse das invasões de seus inimigos. Entráraõ os partidarios a descobrir as suas inclinações até entaõ rebuçadas no temor, ou na politica. D. Nuno Alvares Pereira, que sabia usar da segunda, e naõ conhecia o primeiro, na frente dos Prelados, e da maior parte da Nobreza, sahio por elles a campo, e abertamente se declarou pelo Mestre de Aviz. Martim Vasques da Cunha, que pela sua qualidade fazia huma grande róda de parentes, sustentou com todos a voz do Infante D. Joaõ, preso em Castella, por ser filho legitimo do Rei D. Pedro, e de D. Ignez de Castro; o que supposto, naõ se devia entender o Throno vago.

Outros entendiaõ, que a eleiçaõ de Rei devia differir-se, em razaõ de fal-

faltarem Procuradores das muitas Villas, que eſtavaõ por Caſtella: que entre tanto continuaſſe o Meſtre na Regencia, até que os ſucceſſos podeſſem melhor qualificar as reſoluções. Porém eſte partido, e o de D. Nuno Alvares naõ toleravaõ, que ſe propozeſſe para Rei em contrapoſiçaõ do de Caſtella ao Infante D. Joaõ, que elle tinha preſo em ſeu poder. Elles diziaõ, que por eſte motivo valia tanto a eleiçaõ de D. Joaõ, como collocar no Throno huma farçada Mageſtade: Que eſte era o meio de fazer o Infante mais infeliz, ou pela perpetuidade da priſaõ, ou pela violencia de huma morte deshumana, que em qualquer dos caſos deixava o Reino no meſmo, ou peior eſtado. Os Procuradores de Lisboa deſcarregavaõ hum golpe, que dava em que cuidar o reparo no proteſto, que faziaõ, de que a ſua Cidade, e Senado naõ reconheceria outro Rei, ſenaõ ao Meſtre de Aviz.

Era vulg.

Eſte Principe, por todas as ſuas acções a titulo juſto chamado de Boa me-

tra vulg. memoria, já mais quiz consentir, que na sua presença se tratassem estas materias, para que o respeito della naõ perturbasse a liberdade dos que tinhaõ voto deliberativo. Elle se satisfez de comprometter todas as razões do seu direito á Eloquencia do Doutor Joaõ das Regras, Orador célebre, Jurisconsulto profundo, homem excellente, dotado de arte, e de força, bem visto nas Leis, de que se saberia valer para firmar na authoridade dellas a precisaõ justa de eleger hum Rei, que descendesse dos Principes, que antes reináraõ em Portugal. Nós vamos a ouvir a sustentaçaõ do Direito do Mestre de Aviz D. Joaõ á Coroa de Portugal nesta

ORAÇAÕ

Do Doutor Joaõ das Regras recitada na primeira Secçaõ das Cortes de Coimbra.

SENHORES, Fidalgos, honradas pessoas, que inspiradas por Deos aqui vos

vos ajuntastes, para com o seu soccorro tratarmos huma das materias mais importantes, que tem sobre Nós attentos os olhos de todo o mundo: Tratarmos de huma guerra formidavel, que nos ataca: resolvermos se por morte do Rei D. Fernando, ultimo Varaõ dos nossos Monarcas primitivos, ficou o Throno vago, saõ os dous pontos altos, que vós vindes debater, e sobre que eu espero façais a justiça de me ouvir. Eu naõ me contrairei somente a elles para os separar, e discorrer com divisaõ. Eu abraçarei em hum todo; quanto vós desejareis advertir, e da producçaõ das minhas provas tirareis taõ claras as deducções, que desterradas as dúvidas, fique facil conduzir-vos ao fim, para que vos congregastes, sem o escrupulo de teres as decisões por mal pensadas pela falta de ser advertidos.

A esses que entendem naõ seraõ válidas estas Cortes, por naõ assistirem nellas os Procuradores das Cidades, e Villas, que tomáraõ o partido de Castella: Eu devo sómente lembrar-lhes,

Era vulg. lhes, que o Conclave he legitimo, e canonica a eleiçaõ do Papa, ainda que a ella naõ eſtejaõ preſentes, nem votem todos os Cardeaes.

Que a Coroa eſteja vaga, Nós o vemos, porque ninguem a poſſue. Por iſſo a pertendem o Rei de Caſtella; ſua mulher a Infante D. Brites; os Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, pertendidos legitimos de el Rei D. Pedro, e de D. Ignez de Caſtro. Affecta o Rei de Caſtella o ſeu direito por ſer filho de D. Joana, e D. Fernando de D. Conſtança, ambas filhas de D. Joaõ Manoel, Principe de Vilhena, e elles primos com irmãos. Mas, Senhores, quem deu direito a D. Joaõ Manoel ſobre a Coroa de Portugal? Ainda que elle o tiveſſe, que juſtiça conſente, que a linha mulheril, na ſucceſſaõ de hum Reino, preceda á dos Varões, que exiſtem deſcendentes dos que antes o poſſuíaõ? Hum Reino tem a natureza de hum Morgado, e as ſucceſsões de ambos ſaõ conformes.

A

A Rainha D. Brites nos podia fazer especie, como filha do ultimo Rei D. Fernando. Mas vós naõ desterrais todas as imaginações, que ella vos póde causar, pela constante certeza de ser huma espuria, nascida de matrimonio nullo? Vós ignorais, que a Rainha D. Leonor foi casada com Joaõ Lourenço da Cunha, de quem teve huma menina, que morreo logo, e a Alvaro da Cunha, que alli está presente? Vós naõ sabeis, que ella enganou a el Rei D. Fernando; dizendo, que Alvaro da Cunha naõ era seu filho; mas da sua criada Elvira, e de Loupo Dias de Sousa: que Joaõ Lourenço nunca a conhecêra, e que o Rei como enfeitiçado se gabava, de que a achára virgem? Vós tendes alguma dúvida, que Joaõ Lourenço da Cunha, outro dia morto em Lisboa, declarou á hora da morte, que Alvaro da Cunha era seu filho, e que como tal o deixou por herdeiro de todos os seus bens? Vós naõ tendes huma sciencia certa, que sem embargo de Joaõ Lourenço ser parente de D. Leo-

Era vulg.

Era vulg. Leonor em gráo prohibido, que elles foraõ dispensados pela Sé Apostolica? Dispensa, que teve em seu poder o Conde velho tio de D. Leonor, e que muitos dos que estais presentes a vistes com os vossos olhos?

Neste caso, e consummado o matrimonio, naõ podia D. Leonor receber outro marido em vida do primeiro, e por consequencia he espuria a Rainha D. Brites, filha de D. Fernando. Além disto, ella naõ póde herdar pela rotura do Tratado matrimonial, que têm força de Lei. Ella, e seu marido promettêraõ, e juráraõ naõ entrar armados em Portugal, nem pertenderem o governo do Reino, em quanto naõ tivessem filhos: que fazendo o contrario perderiaõ o direito á herança; e se sugeitáraõ a taes penas pecuniarias, que se houvessem de as pagar, naõ o fariaõ, vendendo toda Castella duas vezes. Pois qual he de vós o que ignora, que estes Reis, antes de terem successaõ, pertendêraõ o Governo da nossa Monarquia; entráraõ nella com maõ armada, e nos fi-

fizeraõ guerra taõ cruel, como estaõ mudamente publicando as mesmas pedras das nossas Praças? Depois destas razões, ponderai se priva, ou naõ da successaõ de Portugal serem os Reis de Castella Scismaticos, Fautores do Anti-Papa, e sentenciados como taes pela Santa Sé Apostolica. Era vulg.

Os Infantes D. Joaõ, e D. Diniz saõ os vossos maiores obstaculos: vós por elles vos mostrais sensiveis; eu o creio, por que vejo em muitos de vós huma commoçaõ terna; mas ella nasce de huma preoccupaçaõ, que sendo desterrada, mudareis de sentimentos. Vós estimais estes frutos produzidos de hum matrimonio legitimo. He engano; que o Rei D. Pedro naõ recebeo por mulher a D. Ignez de Castro. Elle sim jurou o contrario; mas com providencia de quem tudo governa, que declarando o anno, disse lhe naõ lembrava o dia. Que falta de memoria taõ estranha no negocio mais importante do homem! Qual de vós, os que vos ligastes com o matrimonio, se esquece do dia do seu re-

Era vulg. recebimento ? Estevaõ Lobato, que foi huma das testemunhas, que juráraõ no Summario do Rei D. Pedro, disse, que elle se recebêra no primeiro dia de Janeiro: O dia em que o anno principia: Dia de Festa taõ solemne, unida á do dia de voda, poderia haver quem o riscasse da memoria? Em vida del Rei D. Affonso, póde attestar Diogo Lopes Pacheco, que me ouve, como mandando perguntar por elle a seu filho se estava casado com D. Ignez para a estimar por sua nora; e elle o negou constantemente.

Nem se diga, que esta negaçaõ foi em D. Pedro temor reverencial; porque depois de lhe faltar o motivo para elle na morte de seu Pai; depois de estar reconhecido Rei, quando ninguem lhe podia obstar as suas resoluções: Elle deixou passar mais de quatro annos sem fazer público o pertendido recebimento de D. Ignez de Castro. Se o Reino ignora os motivos de el Rei D. Pedro dilatar tanto esta declaraçaõ; eu vos faço saber a to-

todos, que proveio delle applicar entaõ os officios mais fortes com o Papa, para que lhe legitimasse os filhos; e porque o naõ pode conseguir, rompeo a sua paixaõ em dar o annunciado juramento. Era vulg.

Mas caso negado, que D. Pedro recebesse a D. Ignez, o matrimonio era nullo por causa do parentesco dos contrahentes em gráo prohibido. Todos vós sabeis, que el Rei D. Pedro era neto de D. Sancho IV. de Castella, e D. Ignez bisneta do mesmo Rei, filha de D. Pedro Fernandes de Castro, primo em segundo gráo do Rei D. Pedro. Depois do parentesco de consanguinidade, elles contraíraõ o de affinidade, quando D. Ignez elevou da pia bautismal hum dos filhos do Infante. Este acto pertende annullar-se com a razaõ frivola, de que D. Ignez naõ fez tençaõ de ser Madrinha. Esta escusa será boa para o foro interno; mas para o da Igreja, que he aquelle por onde se deve julgar a validade do acto; ella foi verdadeira Madrinha, e como tal deve ser jul-

Era vulg. gada. Nestes termos o nosso Throno está vago, e os Principes, que tem direito a elle, todos saõ bastardos.

Os dous Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, ainda que fossem legitimados, para nós seria duro confessar-lhes a preferencia. Elles naõ estaõ decahidos do direito á Coroa por se terem refugiado em Castella, e abandonado o Reino? Elles naõ tomáraõ as armas contra o seu Soberano, e naõ fizeraõ hostilidades sobre Nós, que conservamos a memoria bem fresca, vivo o resentimento, e a dor dos males, que elles causáraõ á Patria? A que Portuguez naõ he odioso o Infante D. Joaõ depois da morte barbara, que elle deo a sua primeira mulher D. Maria Telles de Menezes? Acçaõ indigna de hum Principe, que por dever manifestar o caracter da Religiaõ, e da honra, e conduzir-se por modo contrario: ella só bastava para dar a D. Joaõ a exclusiva da Coroa. *Acabou João das Regras de fallar a primeira vez, sem dizer palavra respectiva ao Principe Regente, e o que*

se

se seguio á sua Oraçaõ, dará materia ao Capitulo seguinte. Era vulg.

CAPITULO VIII.

Continuaçaõ das Cortes de Coimbra até ser acclamado Rei o Principe Regente D. Joaõ.

EU naõ me metterei a decidir as razões, por que hum espirito taõ illuminado como o de Joaõ das Regras, a quem nada do mais forte, e mais subtil escapou na sua Oraçaõ vasta, que eu contrahi, deixou passar huma prova de tanta importancia, como he a das Leis fundamentaes do Reino, promulgadas nas Cortes de Lamego, que o Rei Filippe II. tirou da Torre do Tombo, e levou para Castella, nas quaes diz o Rei D. Affonso Henriques. « Se a Filha do Rei despo» sar Principe, ou Senhor de huma » Naçaõ estrangeira, ella naõ será re» conhecida Rainha, porque Nós naõ » queremos, que os nossos Póvos se» jaõ obrigados a obedecer a Rei,

» que

Era vulg. » que naõ nafcer Portuguez. » Como quer que feja, a peroraçaõ de Joaõ das Regras moveo a todos para darem huma exclufiva unanime ás pertenções dos Reis de Caftella; julgarem a Joaõ Lourenço da Cunha por legitimo marido de D. Leonor Telles, e ella por Amiga do Rei D. Fernando.

Mas os applaufos com que fe celebrava a pureza, e força de razões, de que efte Orador eloquente fe fervía, naõ impedíraõ a Martim Vafques da Cunha moftrar a fua impaciencia a refpeito da exclufaõ dos Infantes D. Joaõ, e D. Diniz. A fua firmeza igualava a robuftez do feu genio, e a rectidaõ das fuas intenções. Elle fe levantou no meio da Affembléa, e fazendo acçaõ para fer ouvido, diffe de hum tom forte: Nós devemos fazer a guerra a Caftella em nome do Infante prefo: o Regente, ainda que illuftre no fangue, diftinto pelo merecimento, refpeitavel pelo valor, naõ hade fer preferido a feu irmaõ, a quem a Coroa pertence: Nós naõ podemos paffar avante fem o ouvir, nem to-

tomar a sua sahida do Reino por huma exclusiva do Throno. Que motivos, Senhores, o obrigáraõ a deixar á Patria? Aquelles que o direito concede a todos os homens; que foi escapar-se á cólera da Rainha D. Leonor. Bem instruidos estais, em que ella traçava a sua ruina, e que elle sem a retirada, naõ podia escusar a morte: Em fim, Senhores, vós podereis fazer o que quizeres; eleger Rei a quem vos parecer: Eu o servirei: Eu o ajudarei a defender o Reino: Eu darei por elle a vida: Mas, que eu consinto, que o Regente seja Rei á face de seu irmaõ, ainda que preso, e em Castella, isso naõ direi eu nunca.

Era vulg.

D. Nuno Alvares Pereira, que naõ pode conter-se sem atacar a Martim Vasques com argumentos de soldado: Porque a Secçaõ se concluia sem ficar o Regente acclamado, veio ao Paço, e o achou satisfeito pela boa intençaõ de Martim Vasques para com o Infante D. Joaõ. D. Nuno, que naõ podia tambem dissimular a sua pa-

Era vulg. para com elle, lhe disse, que louvava a dilataçaõ do seu animo Real; mas que soubesse, que nas Cortes naõ havia outro contra elle para lhe embaraçar o ser Rei, senaõ Martim Vasques da Cunha: Que elle vinha pedirlhe licença para o despachar depressa, antes que lhe fizesse mais serviços. O Regente, que nas vozes, e no semblante estava vendo o coraçaõ de D. Nuno, com ternura amorosa, e rigoroso aperto lhe impedio se embaraçasse com Martim Vasques. Farei o que me mandais, respondeo D. Nuno, se elle naõ se mostrar soberbo; que se o fizer, como hei de eu acabar com o meu coraçaõ que o soffra?

Alguns diziaõ, que Joaõ das Regras nas suas razões articulára cousas novas, que elles até entaõ naõ tinhaõ ouvido, e dellas se deviaõ dar próvas de convencer para elles se deliberarem 'a votar. Por esta razaõ tiveraõ commissaõ do Corpo das Cortes os Bispos de Evora, e do Porto para tirarem hum Summario de testemunhas sobre aquelles factos, em que juráraõ Dio-

go

go Lopes Pacheco, Vaſco Martins Era vulg.
de Souſa, Vaſco Pires Bocarro, e
Gil Martins Cochofel, que ateſtáraõ
os caſos vulgarmente naõ ſabidos, que
o Doutor Joaõ das Regras articulára.
Feita eſta diligencia, ſe procedeo a
ſegunda Aſſembléa, aonde foi lido,
e approvado o Summario, que tiráraõ
os Biſpos, e depois tornou a orar
Joaõ das Regras com eſte ſentido:

Senhores, naõ ha homem algum
no mundo, que deixe de ſer obrigado
a moſtrar-ſe parcialiſta dos dictames ingenuos
da razaõ. Eſte movel univerſal
foi o unico, que me compelio a propôr-vos,
quanto eſta Aſſembléa reſpeitavel
já teve a bondade, e me fez a
honra de ouvir. Naõ baſtou a minha
verdade, a minha ſolidez, as próvas
de convicçaõ para alguns de vós deſterrares
as imaginações da legitimidade
dos Infantes D. Joaõ, e D. Diniz, que
lhes confere o direito indiſputavel á
ſucceſſaõ do Reino. Ora, Senhores, ſabei,
que em vida de ſeu Pai, o Infante
D. Pedro (Eu vos declaro o que
naõ quizera, mas eu devo fazello,)
per-

Era vulg. pertendeo dispensa para casar com D. Ignez. Seu Pai o prevenio, escrevendo com cautela ao Arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, que entaõ estava na Curia, para que divertisse o Papa de conceder ao Infante a graça, que pedia, que com effeito lhe foi negada.

Depois de mortos o Rei D. Affonso, e D. Ignez de Castro; D. Pedro, que se entendia naõ casado, e bastardos seus filhos, desejando habilitallos para herdarem a Coroa, mandou Giraldo Esteves á Curia sollicitar do Papa Innocencio VI. a legitimaçaõ dos Infantes, em que o Papa naõ conveio. Pois se o mesmo D. Pedro teve por invalido o seu casamento com D. Ignez, e seus filhos por illegitimos, a qual de Nós he licito negar tal verdade? Como os podemos considerar habeis para levarem a Coroa por herança? Como naõ havemos declarar o Throno vago, e eleger para elle hum Principe digno?

Tambem devo desabusar aos que entendem, que ao casamento de D. Pedro com D. Ignez precedeo dispensa dos parentescos. Naõ houve mais dispen-

pensa, que aquella que impetrou D. Affonso ao Papa João XXII, para o Infante D. Pedro casar com alguma Senhora sua parenta. Eu vos corro o veo a este mysterio. A tal dispensa servio para o casamento do Infante com D. Branca. Quando depois em virtude da mesma recebeo a D. Constança, foi taõ picante o escrupulo do Arcebispo de Braga, que naõ quiz assistir ás bençãos matrimoniaes. Do remorso do Arcebispo nasceo o da consciencia de D. Pedro para naõ ter por válido o terceiro casamento, para o qual naõ tinha mais dispensa que a primeira. Por isso elle a pedio depois, e naõ a logrou; instou pela legitimaçaõ dos filhos, e naõ a conseguio. Aqui tendes neste pergaminho a instrucçaõ Real, que D. Pedro deo ao Embaixador, assignada por Gomes Paes de Azevedo, e por Mestre Affonso, ambos do seu Conselho: Vede-a, examinai-a, conferi-a, e vos desenganareis, que D. Joaõ, e D. Diniz saõ dous bastardos.

Era vulg.

Com este discurso intrépido, façanhoso, arrojado, Joaõ das Regras der-

Era vulg. derrotou entaõ a verdade constante da legitimidade dos dous Infantes. Como sentio toda a Assembléa aballada; esforçou o punho, apertou a espada; e com golpes de Eloquencia para todos os lados, fez valer sobre todos o merecimento do Mestre de Aviz Regente; entendendo talvez lhe bastavaõ dous instrumentos; a sua lingua para lhe dar a Coroa; a espada de D. Nuno Alvares Pereira para a sustentar. Esforçou-se mais ia sua dexteridade depois que toda a Assembléa, entrando Martim Vasques da Cunha com o seu partido, assignou hum acto solemne de Cortes, em que se declarava, que o Throno estava vago, e que os Estados do Reino podiaõ livremente eleger hum Rei, que os governasse. Firmado, e lido este Decreto de decisaõ sobre o ponto mais essencial, o Doutor Joaõ das Regras com espirito constante, e voz mais firme, assim continuou o seu Discurso.

Pois, Senhores, Nós temos a eleiçaõ livre; mas o Reino he hereditario, e a Coroa deve passar a hum

Prin-

Principe do ſangue Real. Já Nós démos a Regencia ao Meſtre de Aviz. Agora quem nos impede a cingir-lhe a Coroa? Além das vantagens do ſeu naſcimento auguſto, elle poſſue as de grande Capitaõ, de ſábio Governador, de que elle tem dado tantas próvas inconteſtaveis na defenſa, e na adminiſtraçaõ do Reino depois da morte de D. Fernando até agora. Em vaõ ſe nota a eſte Principe naõ ſer legitimo: Defeito, que comprehende a todos os que ſaõ pertendentes á noſſa Coroa. Eſte defeito elle naõ o tem felizmente reparado na ſua Peſſoa por huma virtude verdadeiramente real? Elle naõ o faz brilhar por huma corage geralmente reconhecida por invencivel? Elle naõ o caracteriza luminoſo por hum grande número de qualidades eminentes, de que Nós todos ſomos teſtemunhas irreprehenſiveis? Os ſerviços que elle tem feito ao Eſtado ſaõ taõ grandes, e taõ conſideraveis, que eu naõ ſei poſſaõ ter outra recompenſa, ſenaõ a Coroa. Elle he hum Principe taõ digno de a levar,

Era vulg.

co-

Era vulg. como tem ſido capaz de a defender. Eſta ſó razaõ he baſtante para nos determinar a todos a acclamallo.

Senhores, Nós neceſſitamos hum Rei para a guerra, que nos he inevitavel, e devemos ſuſtentar ſe queremos liberdade: Hum Rei do caracter do Regente, que ſabe governar em Principe prudente, féro, generoſo, e magnanimo: Hum Rei como elle, forte na guerra, ſabio na paz; naõ hum fraco, hum indeterminado, como D. Sancho II., que o Povo detronou por cauſa da ſua inſuficiencia, e pôz a ſeu irmaõ em ſeu lugar: Hum Rei incanſavel na applicaçaõ como elle; naõ outro, que imite os principios do governo de D. Affonſo IV., que ſe naõ ſe moderára na preferencia, que dava aos divertimentos da peſſoa ſobre os cuidados do Eſtado, elle teria o meſmo deſtino de D. Sancho. O Meſtre Regente tem huma qualidade para reinar, que naõ ſe encontrará em outro Principe. Elle conhece a fundo o genio dos Portuguezes, e ſabe a lingua popular: Qua-

li-

lidade neceſſaria em hum Soberano, que ha de dar audiencia aos ſeus Póvos, e mandar os ſeus ſoldados. Que gloria para Nós a de elegermos hum Rei naſcido entre nós; da noſſa Naçaõ; do noſſo Paiz; que falla a noſſa lingua; que more em Lisboa, donde a cada inſtante ſaiaõ as ordens para o reſto dos Eſtados!

Era vulg.

E quanto merece o noſſo Principe pela ſua modeſtia incomparavel! Aqui eſtaõ preſentes muitos, que dizendo-lhe depois da abertura deſtas Cortes, que elle poderia ſer Rei, reſpondeo cheio daquella equidade natural, que já mais deſmentio: Que tinha irmãos, aos quaes a Coroa pertencia mais juſtamente, que a elle, que era baſtardo, e os Infantes legitimos: Que naõ intentava aproveitar-ſe da ſua auſencia, e fazer-ſe juſtiça da iniquidade com que o Rei de Caſtella os detinha, para lhes tirar o Throno, que lhes tocava: Que bem longe de ſe fazer merecedor deſta reprehenſaõ, a troco da meſma vida, elle deſejava contribuir para o beneficio

Era vulg. cio da ſua liberdade, e reconhecellos por ſeus Soberanos, e ſeus Senhores: Que em quanto elles naõ voltavaõ ao Reino, ſe fazia hum merecimento ſublime de o defender em ſeu nome, ſem mais titulo, què o de Regente: Que a elle lhe faltavaõ todas as qualidades neceſſarias para reinar; para reſponder ao fino amor, que devia aos Portuguezes; para ſer grato ao reconhecimento da grande opiniaõ, que a Patria tinha concebido delle.

Com tanto ardor, e modos taõ inſinuantes, com tal força de termos, e nobreza de imagens proferia Joaõ das Regras eſte Diſcurſo pathetico, que a commoçaõ da Aſſembléa já parecia, que naõ tolerava a retardaçaõ de ſer proclamado Rei de Portugal D. Joaõ, Meſtre de Aviz, como deſcendente dos ſeus antigos Monarcas. Aſſim ficou determinado neſta Aſſembléa feliz, ſem dúvida, ou diſcrepancia de hum ſó voto. O Povo de Coimbra, que o percebeo, antes que os Heraldos fizeſſem a ceremonia da publicaçaõ, elle ſabia em viſtoſo tumul-

mul-

multo a moſtrar o ſeu prazer inexplicavel no clamor repetido: Viva D. Joaõ I. Rei de Portugal: Tudo effeitos da bondade com que o Principe tinha cativado o eſpiritos, ainda os do partido contrario, para que agora naõ houveſſe hum ſó, que deixaſſe de fazer communs o goſto, e o applauſo.

Era vulg.

LIVRO XXI.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Acclamaçaõ do Rei D. Joaõ I. chamado de Boa Memoria, X. Rei de Portugal.

Era vulg. Foi geral a complacencia da Naçaõ Portugueza pelo fim do Interregno, que se lhe fazia sensivel pelo descostume, e universal o gosto por vêr na sua tésta hum Rei Portuguez. Tomáraõ as Cortes de Coimbra a resoluçaõ, que acabo de referir, de elegerem por Soberano de Portugal a D. Joaõ Mestre de Aviz. Era o dia de quinta feira seis de Abril do anno de 1385 nos nossos Fastos sempre memoravel pela liberdade, e pela gloria, quando aquelle corpo veneravel veio ao Paço de Coimbra, e deo parte ao Prin-

ci-

cipe Regente, que Elle o havia nomeado, e eleito Rei. Sem alteraçaõ de animo, e de rosto ouvio a nova da felicidade, que tanto desejaõ, e arrasta os mortaes a tantos excessos, para que o seu socego fosse a próva mais catholica da sinceridade, com que respondeo á congatulaçaõ das Cortes:

Era vulg.

Que elle lhe agradecia as suas boas intenções, de que em todo o tempo daria aos Estados as evidencias mais significantes do seu reconhecimento; mas que naõ podia acceitar o cargo, que lhe conferiaõ: Que elle naõ ignorava o defeito com que nascêra, e que a todos era pública a profissaõ, que seguia, e o inhabilitava para deixar depois delle Successor á Coroa: Que na mesma guerra com Castella, impossivel de naõ continuar vigorosa, encontrava elle humas taes delicadezas, que deviaõ obstar-lhe á condescender com a vontade dos Estados; porque a fortuna das armas era jornaleira, e que se elle vencesse, ou ficasse vencido do Rei de Castella; sendo vencido no estado de Rei, o ti-

Era vulg. nha por injuriofo; fendo vencedor na condiçaõ de Regente, o eftimaria pela maior gloria: Razaõ, que o eftimulava a efperar a gloria, e evitar a injuria: Que fe refolveffem a cuidar nos meios para a guerra, e fufpendeffem por entaõ quaefquer outras qualidades de negocios.

Suftentáraõ-fe fortes os Eftados em manter a eleiçaõ, a que elle naõ fe devia efcufar, quando era credito da Patria oppor hum Rei a outro Rei, que vencedor, ou vencido fempre ficava gloriofo no motivo, que era o da liberdade: Que em quanto ao impedimento dos votos para cafar, fe pediriaõ delles difpenfa, em que naõ podia haver duvida, por fer a caufa taõ juftificada. Em fim as inftancias dos Eftados, efpecialmente do popular, foraõ taõ vivas, que o Principe teve de aceitar a Dignidade, e affiftir em publico com todas as Devifas de Rei ao Pontifical, que celebrou o Bifpo de Lamego na Sé de Coimbra. Na tarde do mefmo dia o Corpo das Cortes mandou lavrar em nome de todas

as

as peſſoas congregadas, que as formavaõ, huma Eſcritura publica para memoria deſta grande acçaõ, que livrava a Patria do cativeiro, que temia, e que para a conſervarem livre, determinavaõ expor-ſe ao furor do Rei mais poderoſo das Heſpanhas, como zeloſos Portuguezes, em todos os ſeculos fieis aos intereſſes publicos da Monarquia.

Era vulg.

Quanto até aqui fica referido neſta Hiſtoria, moſtra com evidencia, que os negocios de Portugal naõ eſtavaõ em huma tal ſituaçaõ de tranquillidade, que ſe houveſſe de gaſtar o tempo nos feſtejos públicos, que ſe coſtumaõ ſeguir a huma dominaçaõ nova. Primeiro que eſtas demonſtrações externas do alvoroço dos animos, eſtava o cuidar na ſegurança do Rei eleito no Throno pouco firme, e cobrillo ás pertenções injuſtas dos ſeus inimigos, dos ſeus concurrentes, de naõ poucos invejoſos. Eſtes ſeriaõ os motivos porque o eſpirito illuminado do novo Monarca impedio em Coimbra os exceſſos, em que rom-

Era vulg. rompe o gosto, e que com a sua pessoa se usassem as ceremonias da inauguraçaõ, que antes se practicavaõ; esperando ver o Reino vencedor para elle entaõ se estimar Rei. A todos deo elle exemplo, naõ perdendo instantes, de que a si mesmo se podesse arguir, se dilatasse a nomeaçaõ de Officiaes para a sua casa; de commandantes para as trópas, e para as Praças, que haviaõ variado de fidelidade no tempo da sua Regencia.

Naõ deixou o Rei passar o dia da sua acclamaçaõ, sem que os seus vassallos ouvissem, que elle nomeára para Mordomo Mór da sua casa, e Condestavel do Reino ao Grande D. Nuno Alvares Pereira, que nos movimentos do Interregno já mais desmentíra hum ponto da inclinaçaõ aos seus interesses, que acabára de qualificar nas presentes Cortes. Nomeou para Camareiro Mór a Joaõ Rodrigues de Sá; para Reposteiro Mór a Pedro Lourenço de Tavora; para Copeiro Mór a Joaõ Gomes da Silva; para Guarda Mór a Joaõ Fernandes Pacheco;

có; para Veador a Fernando Alvares de Almeida, com o officio de Claveiro Mór de Aviz; para Monteiro Mór a Lopo Vasques de Castello-Branco; para Falcoeiro Mór a Joaõ Gonçalves; para Porteiro Mór a Lourenço Annes; para Estribeiro Mór a Garcia Affonso; para Aposentador Mór a Payo Lourenço; para Escrivaõ da Puridade a Affonso Martins; para Escrivaõ da sua Camara a Gomes Lourenço de Gomide; para Mestre-Sala a Egas Coelho; para Paceiro a Affonso Gonçalves; para Saquiteiro a Joaõ Rodrigues; para Escrivaõ da Chancellaria do Reino a Gonçalo Pires Malafaya; para Meirinho Mór a Joaõ Freire de Andrade; para Védores da Fazenda a Joaõ Affonso de Alemquer, e a Alvaro Gonçalves de Freitas, com todos os mais empregos menores da Casa Real.

Era vulg.

O célebre Joaõ das Regras foi criado Chanceller Mór do Reino: Cargo, que mais era recompensa devida á habilidade profunda deste Magistrado, que testemunho grato do reconhe-

Era vulg. nhecimento do Rei. De todas as Dignidades, que elle tinha á ſua diſpoſiçaõ, para ſi naõ reſervou mais, que a de Meſtre da Ordem de Aviz. Para o Commandamento do exercito, depois do Condeſtavel D. Nuno, nomeou para Marichal a Alvaro Pereira; para Alferes Mór a Gil Vaſques da Cunha; para Capitaõ Mór do mar a Affonſo Furtado de Mendoça; para Almirante a Manoel Peçanha; para Anadel Mór dos béſteiros de cavallo a Alvaro Annes de Cernache, e dos de pé a Eſtevaõ Vaſques Filippe. Depois deſtas promoções feitas com conſentimento dos Eſtados, elles perſuadíraõ ao Rei criaſſe hum Conſelho ambulante, que o acompanhaſſe nas ſuas jornadas, do qual o Doutor Joaõ das Regras foi eleito Chéfe. Naõ ſe eſqueceo o Rei do fervor com que Martim Vaſques da Cunha promovêra os intereſſes do Infante D. Joaõ, e o remunerou com a nomeaçaõ de hum dos ſeus Conſelheiros, para moſtrar, que elle eſtimava nos homens, naõ as paixões ſem diſcernimento; mas

mas a equidade, e justiça das suas intenções.

Era vulg.

Grandes foraõ as vantagens, que tiráraõ os Portuguezes de reconhecerem este Rei na situaçaõ mais critica dos seus negocios. Quando naõ se désse outra, bastava ficarem os faccionarios de Castella, e as criaturas da Rainha D. Leonor fora de estado de inquietar o Governo; sem relações com a Corte, nem cabeças no Reino; que houvessem de sustentar os espiritos da revolta. Bem o mostrou, como eu o discorro, a agitaçaõ dos Póvos, que depois de receberem com o maior alvoroço a noticia da acclamaçaõ do novo Rei, todos pelos seus Emissarios recorrêraõ a Coimbra, já como fonte da estabilidade da sua fortuna, para só da pessôa do Soberano receberem as ordens, e as mercês.

Foraõ muitas as que o Rei fez aos Lugares, que sempre seguíraõ a sua voz. Lisboa, que sobre todos se distinguíra, e agora dava novas próvas do seu fervor nas bem ponderadas lembranças, que lhe propunha para a con-

Era vulg. conſervaçaõ futura : Elle a illuſtrou com o titulo de Corte, e de Reſidencia ordinaria dos Soberanos; que nella aſſiſtiſſem os Tribunaes Supremos para prompta expediçaõ dos negocios reſpectivos ás economias do Eſtado. Entre outras graças concedidas aos mais Póvos, fez geral a que elles lhe pedíraõ, na aboliçaõ das Cartas de caſamento, que antes coſtumavaõ paſſar os Reis, eſpecialmente D. Fernando, em virtude das quaes as filhas eraõ tiradas de caſa de ſeus Pais, e caſadas contra ſua vontade, ordinariamente com peſſoas deſiguaes : Idéa perniciosa, que abatia as familias, que já eraõ, para exaltar as que haviaõ ſer.

Conſiderava-ſe o Rei D. Joaõ na idade robuſta de vinte e ſete annos, apto para ſopportar o trabalho de hum Governo taõ peſado, como era o do Reino, que os Póvos acabavaõ de lhe conferir. Como as ſuas primeiras acções já lhe tinhaõ dado entrada até ao veſtibulo do Templo da Honra; elle queria ſobir mais alto com paſ-

ſos

fos mais firmes. Para se prevenir sem perder tempo, despedio os Procuradores, que vieraõ ás Cortes; e porque antes de voltar de Coimbra a Lisboa queria emprehender algumas acções, que mostrassem naõ estava nelle ociosa a Coroa: Discorreo, que todas as Praças do Reino naõ tinhaõ seguido o exemplo da Capital, e havia algumas, aonde os seus habitadores fomentavaõ o espirito de rebelliaõ entre si. Elle estimou por chéfe acçaõ digna da Magestade naõ differir a estes revoltosos o fazer-lhes conhecer pela força, e pelas armas quaes eraõ os seus deveres, ou para lhes dar lugar de se arrependerem, ou para elle justificar os motivos de os castigar, já benigno, e já severo.

Era vulg.

Para este effeito resolveo ir em pessoa á Cidade do Porto, e para dar calor á empreza de submetter as Villas de Entre-Douro e Minho, que estavaõ por Castella, e fazer conduzir mantimentos destas Provincias para Lisboa, que em si, e nos seus redores padecia grande falta pelos estragos,

gos,

Era vulg. gos, que causáraõ os inimigos nos seus campos na campanha passada. Elle se preparou para esta jornada com a mercê da aboliçaõ das sizas por todo o Reino: Declarando, que para os gastos da guerra queria receber dos seus vassallos os donativos gratuitos, com que sabia lhe naõ haviaõ faltar, como elle acabava de experimentar no avultado, que lhe fornecêraõ as Cortes de Coimbra. O nosso Fernaõ Lopes trata com extensaõ os applausos, as festas em mar, e terra, a magnificencia da pompa, o alvoroço dos coraçóes, com que o Rei D. Joaõ foi recebido na sua fiel Cidade do Porto, que tinha dado tantas próvas de zelo no seu serviço; agora dobrado, porque já [illegible]o via Rei.

Nesta Cidade lhe beijou a maõ D. Leonor de Alvim, mulher do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e o Rei para lhe mostrar a distinçaõ, que fazia de seu marido, lhe remunerou o obsequio com a mercê do senhorio das terras de Barroso, do Castello de Monte-Alegre, do

Re-

Reguengo de Baſtó, dos Campos de Boilhe, e de Pena, com todas as ſuas juriſdicções, e direitos. Da ſua parte o Condeſtavel, tanto naõ quiz demorar o reconhecimento ao ſeu Principe, que como determinava ir pedir os ſoccorros do Ceo ao ſepulchro de Sant-Iago em Galliza para entrar nos perigos da guerra, que eſperava: Reſolveo fazer a jornada de modo, que della recolheſſe fructos o real ſerviço. Impedíraõ-lhe as correntes do Minho, e a falta de barcos a paſſagem para a ſua gente; e a entrada em Galliza; mas na Provincia ſe lançou ſobre o Caſtello de Neiva, que eſtava por Caſtella, e levou de aſſalto com morte do ſeu Alcaide Mór. Com a meſma felicidade tomou a Villa de Viana, que elle teve por comprada a preço caro, porque huma pedra arrojada do muro lhe matou hum bravo aventureiro, a que a Hiſtoria naõ dá nome, nem tece outro elogio, que o de dizer era o homem mais valente das Heſpanhas. O eſtrondo deſtas conquiſtas feitas ſobre a marcha, lhe abrio

Era vulg.

as

Era vulg. as portas de Villa-Nova de Cerveira, Monçaõ, Caminha, e outros Lugares daquelles contornos.

Ainda que estes golpes deviaõ intimidar as outras Praças, que estavaõ na sugeiçaõ de Castella; Braga, Ponte de Lima, e Guimarães os tiveraõ por passageiros, e se preveniaõ para nos resistir. A mesma razaõ das conquistas do Condestavel na Provincia, e da assistencia do Rei na Cidade do Porto, foi a materia, de que se servio Ayres Gomes da Silva, Alcaide Mór de Guimarães, para fazer huma defensa vigorosa em obsequio ao Rei de Castella. Viviaõ entaõ na Praça Affonso Lourenço de Carvalho, Fidalgo rico, e seu cunhado Payo Rodrigues, que naõ podiaõ occultar a sua inclinaçaõ ao novo Rei, e por ella descahíraõ tanto do Alcaide Mór, que naõ lhes consentia o uso das armas, nem sahirem de casa acompanhados dos seus criados. Soube o Arcebispo de Braga o desgosto destes dous Fidalgos com o Commandante, e insinuou a el Rei, que escrevesse a Affon-

so

ſo para lhe vir fallar fóra de Guimarães em alguma das ſuas quintas; que lhe ſería facil, hum homem de tanto valor com ſeus parentes, dar-lhe entrada em Guimarães. Aſſim o fez el Rei, que ſabio do Porto, como quem hia á caça, e ajuſtou com Affonſo Lourenço o modó, a noite, e a hora de o fazer Senhor daquella importante Praça.

Era vulg.

Como Affonſo Lourenço tinha a liberdade de ir, e vir ás ſuas fazendas, com tanto que andaſſe ſó; na tarde do dia premeditado para a empreza, diſſe ao guarda de huma das portas, que viſta a indecencia com que o Alcaide Mór o tratava de lhe naõ permittir o ſerviſſe hum criado; que o acompanhaſſe elle até fóra, e ficaſſe advertido para que na madrugada ſeguinte, quando ſeu cunhado o aviſaſſe, lhe abriſſe a porta, porque lhe era neceſſario recolher-ſe cedo da quinta aonde hia. Nada deſta propoſta ſe fez reparavel ao porteiro, que eſtava bem coſtumado a outras ſemelhantes de Affonſo Lourenço. Elle foi eſ-

Era vulg. esperar aquella noite a el Rei, que marchava do Porto com a sua gente, e no maior silencio della o veio guiando ás visinhanças da Villa. Estava á lerta Payo Rodrigues esperando a hora ajustada, em que avisou o guarda abrisse a porta para entrar seu cunhado, e hum carro, que elle mandava diante. Os do campo, que vigiavaõ com o seu Rei na frente; apenas foi aberta a porta, Payo Rodrigues matou o guarda; elles mettêraõ de galope, e entráraõ a Praça com grandes vozes de prazer, que se fez commum a todo o Povo.

Ayres Gomes, com os que pode do seu partido, se recolheo ao Castello, resoluto a deffendello até a ultima extremidade. Ataques fortes, e promessas de mercês naõ movêraõ a constancia deste Fidalgo para abandonar o partido estranho, que abraçára. Elle assegurou, que sem ordem de Castella naõ se entregava, por ser homem incapaz de romper o juramento de fidelidade, que lhe dera. Trinta dias se lhe concedêraõ para avisar aquel-

aquelle Monarca, a quem Ayres Gomes mandou seu genro Gonçalo Marinho, que o achou occupado em ajuntar o formidavel exercito, que destinava para a nossa conquista. Depois de louvar a firmeza de Ayres Gomes, lhe ordenou entregasse o Castello, que naõ podia soccorrer sem destacar gente do exercito, que havia marchar a maiores emprezas: que sugeito Portugal, Guimarães seguiría o mesmo destino; e que elle com a sua familia se recolhesse a Castella, aonde acharia promptos os premios, que merecia hum Portuguez taõ honrado. Recebidas estas ordens, Ayres Gomes entregou o Castello; retirou-se da Patria para morrer na jornada, e seu genro Gonçalo Marinho, que conduzio a familia a Toledo, perdeo a mulher, que era sobrinha do Arcebispo D. Pedro Tenorio, e a tirou ao marido com o pretexto, de que o matrimonio estava nullo: Golpe, que Deos descarregou no Marinho para o fazer sensivel á inspiraçaõ de abandonar o mundo, tomar o habito na Religiaõ

Era vulg.

Era vulg. de S. Francisco, aonde depois de vida proba, acabou com morte de Justo.

CAPITULO II.

Das mais acções, que obrou o Rei D. João I. nas Provincias do Minho, e Beira.

O RENDIMENTO de Guimarães á mesma pessoa do Rei; os Portuguezes com elle na sua tésta, tanto esta vista animava os sequazes da liberdade, quanto aquella tomada fez decahir os espiritos dos que promoviaõ contra ella. Todas as Praças do Minho tremêraõ aos golpes, que de huma parte dava a espada do Rei, e da outra descarregava a do Condestavel. Os de Braga, que dos principios da antiga Lusitania sempre se tinhaõ distinguido nas gentilezas do valor, e nas elegancias da fidelidade: se até agora soffriaõ violentos o jugo Castelhano, bastou a visinhança do seu Rei natural em Guimarães para desterrarem todas as hesitações, que impedem á ma-

magnanimidade os seus Officios. Elles tomáraõ as armas sem mais conselho, que aquelle que lhe inspirava o zelo, ou o ardor; e atacando os Castelhanos da guarniçaõ, lhes fizeraõ vêr, que o termo da sua vida era o instante, em que sahissem da Cidadella. No estado de presos os dominantes, o Povo avisou ao Rei da sua resoluçaõ; pedindo os soccorresse a tempo de abater o orgulho dos inimigos, antes que elles o tivessem de fortificar-se. O Condestavel recebeo ás margens do Minho as ordens de vir incorporar-se com Mem Rodrigues de Vasconcelos para ajudarém os moradores de Braga a lançar do Castello os inimigos. Depois de rudos combates, o Chéfe Castelhano capitulou a entrega, salvas as vidas, e liberdades.

Era vulg.

Quizeraõ seguir o exemplo de Braga os moradores de Ponte de Lima, que soffriaõ com impaciencia a tenacidade com que se sustentava por Castella o Alcaide Lopo Gomes de Lyra, Fidalgo Gallego, que o Rei D. Fernando tanto destinguia, e elle en-

Era vulg. entre nós se naturalizára. Vivia na Villa hum Cavalheiro chamado Estevaõ Rodrigues, que fez estimulo para emprehender huma acçaõ grande da indecencia com que o seu Rei era tratado pelo partido opposto da sua Villa. Elle consultou só com o seu coraçaõ as idéas, que concebia: fez sabellas ao Rei, que as approvou, e quiz authorisar com a sua pessoa, e a do Condestavel a façanha do seu vassallo. Dispôz este as cousas ardiloso, e valente para facilitar ao Rei huma porta, por onde entrou felizmente com a gente escolhida, que criada na sua escóla, já arrostava os perigos denodada. A nossa vá-guarda dentro das ruas se empenhou em hum combate de opiniaõ; mas sobrevindo o Rei com a cavallaria, só escapáraõ de ser atropellados os que se salváraõ com o Commandante em huma Torre forte.

Desejava o Rei poupar o sangue, e propôz o rendimento, em que naõ quiz convir a teima para se sugeitar depois a mais duro remedio. Foi a

Tor-

Torre atacada pelo Condeſtavel, e morto Joaõ Rodrigues Guarda, que a ferrava valeroſo; mas Martim Affonſo de Mello, pondo fogo á porta, que ſe ateou em hum armazem de lenha, foi o inſtrumento principal do bom ſucceſſo. Era voraz o incendio, que naõ perdoaria a alguma de tantas vidas, que principiava a conſumir, ſe a piedade do Rei naõ as fizeſſe deſcer por cordas em ceſtões do alto das ameias, aonde ſe abrigáraõ das chammas. Ficáraõ priſioneiros todos os Caſtelhanos, que foraõ remettidos ao Porto, e Eſtèvaõ Rodrigues recebeo por premio da ſua fidelidade encarregar-lhe o Rei a ſegurança, e Governo da Praça.

Era vulg.

O goſto deſtes bons ſucceſſos, ou a grandeza do coraçaõ do Rei naõ o deixava perturbar com a noticia vaga do formidavel poder, que ſe ajuntava em Caſtella para vir arrancar da ſua cabeça a Coroa, que queria dar-lhe o Senhor dos Imperios. Outro coraçaõ menos magnanimo ſó temêra os enſaios, quanto mais os golpes dos

ſeus

Era vulg. seus inimigos, que no esforço, e no poder dobravaõ os motivos, que fazem respeitar. Entaõ se occupava elle nas conquistas, que acabamos de vêr, e em celebrar por presagio feliz a entrada em Lisboa de duas náos Inglezas com quatrocentos homens de soccorro, e muitos provimentos, que na Corte de Londres conseguíraõ os nossos Embaixadores D. Fernando Affso de Albuquerque, e Lourenço Annes Fogaça: as quaes sendo atacadas na entrada do Téjo por dez galés inimigas, que tinhaõ vindo a Lisboa; os Inglezes se conduzíraõ com tanto valor, que depois de matarem 250 Castelhanos, sem mais perda, que a de quatro homens, deraõ fundo junto aos muros da Cidade.

Humas a outras se seguiaõ as vantagens, que hiaõ preparando o theatro para huma das gentilezas mais sublimes da nossa corage. O choque de Trancoso por todas as suas circunstancias, naõ só foi hum rasgo bem semelhante ao golpe da gloriosa batalha de Aljubarrota; mas huma das acções

ções mais cheias de reputaçaõ nas nossas idades. Já a vã-guarda do exercito inimigo, que com muitos Fidalgos mandava Joaõ Rodrigues de Castanheda, estava em Ciudad Rodrigo esperando a chegada do seu Rei. Naõ quizeraõ estes Chéfes valentes ter ociosas as armas, e para mostrarem, que nos desprezavaõ, ou naõ nos temiaõ, com seis centos cavallos, e dous mil Infantes, entráraõ pelas terras de Riba-Coa; taláraõ a Provincia da Beira, e fizeraõ huma preza prodigiosa, como em Paiz sem defensa. Martim Vasques da Cunha, Alcaide Mór de Linhares, e Gonçalo Vasques Coutinho, que mandava em Trancoso, eraõ os unicos Cabos, que se podiaõ oppor ás correrias dos inimigos; mas a desconfiança, que havia entre elles, naõ consentia em genios teimosos, que algum dos dous cedesse para ser o primeiro, que rogasse.

Joaõ Fernandes Pacheco, filho de Diogo Lopes Pacheco, que dotado de grande valor, desempenhava os brios do seu appellido, naõ pode vêr

Era vulg. vêr callado efte eftrago da Patria. Elle bufca a Martim Vafques, e o perfuade a que fe ajunte com elle, e com Gonçalo Vafques para caftigarem as atrocidades, que comettiaõ os Caftelhanos. Achando nefte Fidalgo todas as difpofiçóes á medida do feu defejo; elle vai em peffoa reduzir o Coutinho a conformar-fe com os fentimentos do Cunha; mas elle refifte a militar debaixo da fua bandeira. Propoem Joaõ Fernandes a Martim Vafques a duvida de Gonçalo Vafques, que o bifarro Portuguez desfaz com efta refpofta cheia de generofidade: Todo Portugal fabe as vantagens, que a minha cafa leva á de Gonçalo Vafques; mas eu cedo de tudo pelos interefſes da Patria, e de tudo lhe faço facrificio: Ide, dizei a Gonçalo Vafques, que eu quero fervir ás fuas ordens; que lhe cedo a gloria defta empreza: que juro fervillo nella fielmente; que eu, e meus irmãos vamos jantar com elle a Trancofo no dia, em que ajuftarmos fahir a ver a cara dos inimigos.

Juf-

Era vulg.

Justamente alvoroçado partio Joaõ Fernandes Pacheco prevenir a Gonçalo Vasques Coutinho, que naõ menos satisfeito, preparou as suas gentes, e hum magnifico jantar para os hospedes honrados, que esperava. Na meza se ajustáraõ as medidas, que haviaõ tomar na campanha, e ficou resoluto esperallos a pé firme no plano de Trancoso; mas que para fazerem a sua resoluçaõ mais plausivel, mandassem hum Cavalleiro desafiar os Castelhanos. Sahio de Trancoso ao campo a respeitavel tropa de 330 cavallos com hum magote de Lavradores no centro das alas, que fugíraõ ao primeiro repelaõ, para esperar em campanha raza o número oito vezes dobrado de Castelhanos. Elles nos víraõ, e quizeraõ torcer a marcha a hum lado da planicie para os montes, que os desviasse do combate. Os nossos lhe buscáraõ a frente, e naõ houve mais remedio, que enristar as lanças, e tirar das espadas. A substancia do Paiz levada na preza, que era conduzida a salvar-se nos altos, animou os nossos espiritos

a

Era vulg. a empenhar os braços para os Patricios lhe deverem a reſtituiçaõ do ſeu cabedal.

Obrâraõ-ſe neſte encontro façanhas, que ſe fazem incriveis. Deſcarregavaõ os Portuguezes golpes taõ deſcompaſſados, que ſe ouviaõ em Trancoſo a meia legoa de diſtancia. Derramado o furor na tropa, naõ ſouberaõ advertir os noſſos, que couſa era dar quartel, nem fazer priſioneiros. Todos os Cabos, e ſoldados Caſtelhanos ficaraõ mortos no campo, excepto hum, que os noſſos Chéfes quizeraõ deixar vivo para levar a Caſtella as noticias do cataſtrofe da váguarda do grande exercito, que marchava á conquiſta de Portugal. Dos Portuguezes naõ houve hum ſó morto, ou ferido, como conteſtaõ as memorias daquelle tempo, que na ſingeleza daõ duas almas á verdade. Queria Déos deſenganar o Rei de Caſtella na injuſtiça da ſua pretençaõ; mas entaõ foi o deſengano taõ difficultoſo, como depois a credulidade para muitos ſucceſſos da natureza do choque memora-

ra-

ravel de Trancoſo. As bandeiras, as armas, os deſpojos, a preza feita na Provincia, tudo ficou nas mãos dos vencedores, que depois de fazerem geral a complacencia no Reino, com conſciencia delicada reſtituíraõ o ſeu a ſeu dono. Era vulg.

A gloria dos tres Fidalgos authores deſta expediçaõ ſe lhes fez mais plauſivel pela remuneraçaõ prompta do ſeu Principe, que deo maior vulto ás mercês com a confiſſaõ ſincéra da enveja, que lhe cauſava naõ ſer participante de hum feito taõ cheio de honra até para a peſſoa de hum Rei. As impreſsões que elle cauſou no de Caſtella, moſtráraõ depois os effeitos, quando paſſou pelo campo da batalha. Eſtava nelle huma Hermida de Saõ Marcos, que para naõ parecer Padraõ da victoria, o Rei colerico a mandou arrazar até aos fundamentos, vingando nas pedras inſenſiveis a reſiſtencia, que encontrava nos peitos dos homens. Mas os grandes apreſtos deſte Monarca contra nós, já naõ davaõ lugar a ou-

Era vulg. outros expedientes, que os dé cuidar na defenſiva.

O Rei, que ainda eſtava em Guimarães, antes de ſe mover para os lugares, que ſe entenderiaõ ſer do maior perigo para lhes diſpôr o remedio: Elle quiz ſondar o animo do Condeſtavel D. Nuno, e o inſtruio no poder formidavel com que o Rei de Caſtella vinha reſtaurar a québra, que tivéra ſobre Lisboa: que elle eſtava irreſoluto no que devia fazer; ſe buſcaria os inimigos em campo aberto para decidir a ſua cauſa em hum lance da fortuna, ou ſe os eſperaria em huma Praça forte, aonde os deſtruiſſe por meio de huma defenſa prolongada, ſem ſe expôr ás contingencias da batalha. O bravo Heróe, que do principio da guerra trazia conſultadas com o ſeu coraçaõ intrepido as occaſiões de honra, que ao Rei, á Patria, e a ſi meſmo podiaõ ſer glorioſas, com o eſpirito cheio de confiança, reſpondeo prompto:

Nós, Senhores, eſtamos rodeados de humas ſituações taes, que qualquer

quer excesso a que nos arrojemos, naõ merece o nome de temeridade. Nós defendemos a liberdade, o Rei, a Pátria, e tambem a Religiaõ contra a gente, que segue hum scisma; que quer conquistar-nos; que presume abater-vos; que vem a cativar-nos. Pois estes objectos sublimes só nos haõ de merecer acções vulgares? Que occasiões mais importantes para até dos covardes fazer valentes? E nellas como quereráõ mostrar-se os Portuguezes, que lhes conhecem a gravidade? Se nós vencermos, de hum golpe conseguimos todas aquellas vantagens: se ficarmos vencidos, tudo sacrificamos de huma vez aos simulacros da honra a quem devemos todos esses sacrificios. Antes mortos que sugeitos a hum dominio estranho. Entrarem os Castelhanos em Portugal, e nós sahirmos ao seu encontro, deve ser huma mesma acçaõ. Se nos deixarmos sitiar, que exercito temos, que nos soccorra? Para acabarmos em huma cova, como féras; vamos morrer na campanha com a espada na maõ,

co-

Era vulg. como homens. Eu bem sei, que o partido he desigual; mas tambem naõ ignoro, que os Portuguezes, quando se empenha a honra, naõ contaõ número de inimigos. Quantos foraõ os que vencêraõ o choque de Trancoso? Pois o mesmo Deos de entaõ, he o de sempre; o Reino, e a causa tudo he seu; nelle devemos confiar para naõ consentir estes hospedes na nossa casa.

Promettendo-se segredo inviolavel, ajustáraõ entre si o Rei, e o Condestavel postar-se em campo, e esperar occasiaõ para a batalha. Como os inimigos principiavaõ a mover-se em Castella; elles déraõ as providencias necessarias no Minho, e na Beira: marcháraõ, o Rei para Abrantes a esperar a gente das Provincias; o Condestavel para o Alem-Téjo a conduzir a daquelle partido. Esperava-se a entrada dos Castelhanos por Badajóz; movimento, que obrigou o Rei a passar o Téjo; mas retrocedendo elles a marcha para Cidade Rodrigo, o Rei tornou a occupar Abrantes, aonde

de esteve até Agosto. A causa deste retrocésso da marcha do Rei de Castella, e os movimentos, que precedêraõ á batalha de Aljubarrota, saõ dignos da attençaõ da Historia, como successos precedentes á acçaõ gloriosa, que decidio o negocio da nossa liberdade.

Era vulg.

Antes que aquelle Principe se movesse de Cordova, mandou occupar o rio de Lisboa pela sua armada, composta de 40 náos grossas, dez galés, e doze fragatas, que sahíraõ dos portos de Andaluzia, e Biscaya. Indicava esta manobra, que elle viria outra vez tentar fortuna sobre Lisboa; ajuntando a esta grande frota as forças da terra, que os seus mesmos Historiadores, e dos modernos Fr. José Alvares de la Puente, sobem a trinta mil Infantes, e oito mil cavallos. Porém informado no caminho, que a Cidade de Elvas padecia grande falta de mantimentos, que lhe impossibilitavaõ a defensa por mais de quinze dias: elle determina fazer-se Senhor desta chave da nossa fronteira, e com vista te-

Era vulg. temerosa apresenta tantas trópas á face da Praça. Era entaõ seu Governador o bravo Gil Fernandes, que revestido de confiança heroica, determinou mostrar nas obras ao Rei de Castella, que naõ temia as suas armas. Elle mandou, que as portas senaõ fechassem em quanto os inimigos estivessem no campo, para evitar o trabalho de as abrir, e fechar ás entradas, e sahidas das escaramuças contínuas, que elle naõ cessaria de emprehender.

Humas a outras amontoava as sahidas este espirito impavido para ter o campo sempre em rebate. Desejoso de huma facçaõ, que se fizesse mais sensivel ao Rei; a fortuna lhe metteo em casa a conjuntura com a noticia, que lhe déraõ do grande comboi de viveres, que naquella noite sahia de Badajóz para o exercito. Nas horas do maior silencio marchou a observar a escolta, que o conduzía, e a achou em pequeno número pela visinhança da Praça ao campo, e pela confiança, de que o respeito do exercito o se-

segurava. Naõ podéraõ os Castelhanos soportar o primeiro pesó dos seus golpes, e postos em fugida, recolheo em Elvas o comboi, que forneceo a Praça para muitos dias. Já eraõ passados vinte e cinco sem os inimigos ganharem hum palmo de terreno. Entaõ recebêraõ aviso do successo infeliz do choque de Trancoso, que quando os forçava a naõ perder gente, e tempo no bloqueio de Elvas, lhes desenfreou a tyrannia para se despedirem da Praça com acções indignas da humanidade.

Era vulg.

Acaso viera a seu poder hum paizano de Elvas. O Rei lhe mandou cortar as mãos, e pendurallas ao pescoço do innocente com huma Carta a Gil Fernandes, em que o ameaçava, como aquelle era o tratamento vulgar, que daria a todos os faccionarios do Mestre de Aviz. Palavra taõ mal dada foi exactamente cumprida em mais dezasete homens de Arronches, que lhe cahiraõ nas mãos, e ficáraõ sem ellas. Gil Fernandes, incapaz de soffrer esta atrocidade, que lhe pare-

Era vulg. ceo devia imitar ſem eſcrupulo, por lhe dar o exemplo hum Rei: de oitenta priſioneiros, que tinha na Praça, cahio ſórte ſemelhante em dous Fidalgos infelices, que foraõ mandados ao Rei com as mãos, e huma Carta pendentes do peito, que dizia: O Governador de Elvas dará eſte meſmo trato a oitenta Caſtelhanos, que tem em ſeu poder; e os vaſſallos de el Rei de Portugal D. Joaõ I. teráõ cuidado de fazer o meſmo a todos, ſe eſta impiedade continuar a ter exercicio. Eſta reſpoſta foi a vantagem, que os Caſtelhanos tiráraõ da empreza de Elvas, a que o Rei acodia de Abrantes; mas elle retrocedeo para a meſma Villa com a noticia, de que os inimigos levantavaõ o campo, e ſe faziaõ na volta de Cidade Rodrigo a eſperar o Principe D. Carlos de Navarra, que vinha com hum corpo de trópas em ſoccorro do Rei de Caſtella ſeu cunhado.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Do que ſuccedeo depois da entrada do Rei de Caſtella em Portugal.

SENTIDO do máo ſucceſſo de Elvas, e tida por mais difficultoſa a entrada em Portugal pelo Alem-Téjo; o Rei de Caſtella tomou o caminho de Cidade Rodrigo para a fazer pela Beira, e ſeguir por Coimbra a jornada de Lisboa. Naquella Praça chamou a conſelho os ſeus Generaes para ſe determinar, por que forma ſe faria a expediçaõ, ſuppoſtos os aviſos conformes, de que o novo Rei ſe apreſentava para a impedir por meio de huma batalha. Os pareceres ſe dividíraõ á proporçaõ das imagens, que ſe figuravaõ os eſpiritos, que os propunhaõ. Diziaõ os menos affoutos, ou mais circunſpectos, que o Rei naõ devia ir em peſſoa arriſcar a reputaçaõ no combate com homens deſeſperados, que naõ obſtante ſerem poucos, eſtavaõ reſolutos a buſcar a liberdade pelo

Era vulg. meio da morte, e dos perigos: que com a victoria de Trancoſo ficáraõ taõ ſoberbos, que rodeavaõ o ſeu Rei, pedindo-lhe a batalha, como ultimo remedio da ſegurança, ou da ruina: que elles faziaõ guerra de Religiaõ a que era do Eſtado, naõ dando aos Caſtelhanos outro nome, que o de Sciſmaticos; e que com homens, que peleijavaõ pela Fé, e pela Patria naõ ſe buſcavaõ encontros, de que elles entendiaõ, que vencedores, ou vencidos, ſempre ficavaõ glorioſos: que, ſobre tudo, a ſaude do Rei eſtava muito debilitada; eraõ grandes os calores da Eſtaçaõ; naõ devia expôr a ſua vida; mas dividir exercito taõ numeroſo em varios, que invadiſſem o Reino por differentes partes, em quanto da ſua obrava a Armada ſobre Lisboa, naõ ſendo poſſivel ao Meſtre de Aviz ſeparar as ſuas forças para acodir a tantos lugares.

Os mais ouſados, ou menos advertidos ponderavaõ os juiſos, que faria o mundo do valor do Monarca de Caſtella, que com quarenta mil homens

mens ſe retirava de vêr a cara a hum punhado de Portuguezes, inimigos por capricho: que todos o attribuiriaõ a medo; affronta maior, que a perda de huma batalha, em que muitas vezes ſe cede ao deſtino ſem injúria do valor: que ſe os Portuguezes já eſtavaõ ſoberbos; vendo que o Rei ficava em Caſtella, lhes creſceria o orgulho, e paſſariaõ a intoleraveis: que o exercito dividido ſeria cauſa de emulaçaõ entre os Commandantes, que botariaõ a perder os ſucceſſos com vantagem dos contrarios, e froxidaõ dos Portuguezes fieis, que tomariaõ o partido do novo Rei, óu ſeríaõ omiſſos nas occaſiões de os ſervir: que o Meſtre de Aviz naõ era poſſivel tiveſſe corage para eſperar em campo ſemelhante exercito, que devia marchar a encontrar-ſe com eſſe par de homens deſeſperados, fazellos em poſtas, e ir deſcançar do trabalho dentro dos muros de Lisboa. Eſte parecer, por mais brioſo, teve-o el Rei por mais honrado: e reſoluto a entrar por Portugal em peſſoa, mandou

Era vulg.

pa-

Era vulg. para Ávila a Rainha D. Brites encarregada ao Arcebiſpo de Toledo D. Pedro Tenorio.

Entrou o Rei de Caſtella em Portugal pela Provincia da Beira, e tomou Cerolico, aonde fez o ſeu Teſtamento para começar a guerra com demonſtrações de Catholico, que degenerárao em officios de tyranno. Aqui o vierao encontrar muitos dos ſeus antigos partidarios, que deſculpárao a infidelidade com o temor da eleiçao do novo Rei. Conſolado com as boas eſperanças, que lhe dérao eſtes traidores, continuou a marcha para Coimbra, levando na vã-guarda o eſtrago, e o terror, que deixavao crueis ſinaes em todos os Lugares da Provincia por onde paſſava. Os Póvos abertos, e as peſſoas erao o entretenimento do furor brutal deſtas trópas. Tranſportado até aos deſatinos o Rei, porque Portuguez algum do partido do chamado Meſtre de Aviz nao vinha buſcar o abrigo das ſuas bandeiras: elle nao perdoou a ſexo, ou idade; e querendo proporcionar as ſuas cruelda-

Era vulg.

dades com as pessoas em quem as mandava executar; ordenou, que a humas se cortassem as linguas, a outras os pés, aos meninos os braços. Para ajuntar o sacrilegio á inhumanidade, o impio ao barbaro, fez destruir a Igreja de Trancoso, como se nella houvesse de devorar o incendio a memoria do estrago vergonhoso, que alli padecêraõ as suas trópas, e elle o anno passado sobre Lisboa. O horror destas atrocidades animava mais os Portuguezes para desejarem antes a morte honrada na guerra, que acabar como infames ás mãos dos verdugos. Sempre estes procederes estranhos foraõ causa das perdas de Hespanha; e quando naõ houvéraõ outros exemplos, bastavaõ em Flandres os do Duque de Alva, que fazia vaidade de ter submettido ao cutelo dos Algozes milhões de cabeças.

Nesta marcha dos Castelhanos se advertio ao Rei, que mandasse fazer cortaduras nos caminhos para a impedir. Mas aquelle animo sublime, para fazer os vassallos participantes

dos

Era vulg. dos ſeus ſentimentos, lhes reſpondia: Fraca defenſa; eſperemos, e combatamos, que brevemente nos veremos vingados dos noſſos inimigos. Elles chegáraõ ſem embaraço a Leiria, aonde ſe lhes ajuntáraõ os Commandantes das Praças da ſua facçaõ para ajudarem a devorar a Patria, como cancros. O Rei aviſou de Abrantes ao Condeſtavel, que chegou com a gente do Alem-Téjo, e inſtou com os Fidalgos vencedores no dia de Trancoſo para virem ganhar nova honra em maior feito: mas elles, que viraõ paſſar o grande exercito de Caſtella, mudáraõ de reſoluçaõ á viſta do inimigo, excepto Joaõ Fernandes Pacheco, e Egas Coelho, que ſe portáraõ, como diremos a ſeu tempo. Naõ deixavaõ de affligir os cuidados aos grandes corações; que he pençaõ da humanidade trazer á memoria as imagens triſtes das contingencias, quando a alma ſe recreia na gloria de ſubir triunfante ao Olympo. Por iſſo o Rei, que ſabia ſe notava de temeraria a ſua reſoluçaõ de atacar o inimigo, ſendo

do

do alguns dos que desejavaõ o combate os mesmos, que o persuadiaõ arrojado; elle se determinou a convocar o seu Conselho.

Era vulg.

A prudencia humana neste congresso se oppôz aos destinos, que a nosso favor tinha decretado a Providencia. Queriaõ muitos, que se esperassem os soccorros promettidos de Inglaterra; e que em quanto naõ chegavaõ, o Rei fosse para o Alem-Téjo, e invadisse a Andaluzia atė Sevilha, para obrigar o Rei de Castella a acodir á defensa da sua casa: Projecto, que o divertia do sitio de Lisboa, e a nós nos deixava livre a retirada de Castella, quando nos buscasse, para virmos unir-nos aos Inglezes, que já entaõ seriaõ chegados: que emprehender outra resoluçaõ, era tentar a Deos, e querer forçallo a que désse victoria a seis mil homens, que temerariamente fossem investir setenta mil, que tantos se dizia serem os Castelhanos. Seguíraõ os mais este parecer contrario ás intenções de el Rei; mas o Condestavel, que o via suspenso, se levantou, e disse: Que

Era vulg. Que empreza intentáraõ até agora os Portuguezes, em que peleijassem com forças iguais? Fazei lembrança de todas as Épocas, seja no tempo dos Carthaginezes, seja no dos Romanos, seja no das Nações do Septentriaõ, e ultimamente no dos Mouros, a nossa gente attendia á justiça da causa, naõ contava o número dos inimigos. A que nós temos entre mãos, he huma das mais justificadas desde as idades remotas até agora; e naõ havemos nella seguir o exemplo dos nossos Maiores? Além disto, quem souber da guerra, naõ dirá, que a jornada de Andaluzia he diversaõ, mas huma fugida, que se desvia do golpe, e este temor quebrará os animos, que estaõ ao presente resolutos. Ella facilitará o rendimento de Lisboa; e perdida esta Capital, que mais nos resta? Entaõ abateremos as armas, e reconheceremos Rei o de Castella. Os Inglezes naõ sabemos quando viráõ, e o perigo já o vemos. Se lhe differimos a cura, naõ nos aproveitará o remedio, quem vem fóra de tempo. No

meu

meu conceito a batalha he indiſpenſa- vel, e aſſim o aſſentámos em Gui- marães el Rei, e eu, que naõ mudo de parecer á viſta do inimigo. Ficai- vos, Senhores, em Abrantes; tomai os pareceres, que julgares convenien- tes; perdei o tempo em conferencias; que D. Nuno Alvares Pereira com a gente, que o ſegue, ſe arroja á teme- ridade de ir atacar os Caſtelhanos, e ſenaõ poder ſalvar a Patria, morrerá por ella.

Era vulg.

Acabou de fallar o Condeſtavel; e ſem eſperar reſpoſta, ſahio do con- ſelho; veio ao quartel da gente do Alem-Téjo, que recebeo com alvo- roço a ſua reſoluçaõ heroica; mandou tocar as caixas, e trombetas, e rom- peo a marcha para Thomar, por on- de ſe dizia que vinhaõ os Caſtelha- nos, com huma intrepidez ſó digna do eſpirito de D. Nuno Alvares Perei- ra. Fez a inveja os ſeus Officios nas meſmas peſſoas, que deſejariaõ ſer authoras deſta chamada loucura, co- mo ſe os animos ſublimes houveſſem de apertar os ſeus impulſos dentro dos

cur-

Era vulg. curtos limites dos corações vulgares. O Rei que tudo ouvia, e callava, como quem conhecia a fundo o ardor da fidelidade do Condeſtavel; torna a ajuntar o conſelho, e lhe propoem: Que os paſſos de D. Nuno ſaõ taõ formoſos como elle; merecedores de ſer ſeguidos, nunca de ſer notados: Que o ſeu eſpirito magnanimo naõ pode ouvir ſem commoçaõ a noticia das ordens, que o Rei de Caſtella mandou dar ao ſeu exercito, e diziaõ; na marcha matem, cativem, queimem, roubem até chegar a Lisboa: Que eſtas barbaridades ſe executavaõ ſem piedade; e á viſta dellas, que ſentimentos nos deve inſpirar o amor da Pátria, a caridade pelos irmãos, a juſtiça da noſſa cauſa? O Ceo ſerá em noſſo ſoccorro, e elle terá eſcolhido ao fragil inſtrumento deſte, que o deſprezo chama Rei de Aviz, para reſgatar o ſeu Povo das oppreſsões da tyrannia. Mandemos chamar o Condeſtavel; unamonos com elle; imitemos o ardor do ſeu zelo, e naõ queiramos applicar remedios communs a males extremos.

Co-

Era vulg.

Como a voz do Principe canonisou a acçaõ do Condestavel, ella foi unanimemente approvada, e decidida a batalha, como meio unico de impedir aos inimigos a expediçaõ sobre Lisboa. Mandou-se a Joaõ Affonso de Santarem, hum dos do Conselho, que chamasse ao Condestavel já posto em marcha; mas elle ouvindo o recado, lhe respondeo: Que depois do que ajustára com el Rei em Guimarães de naõ consentir, que os Castelhanos sitiassem Lisboa, naõ tinha sobre que tomar mais Conselho: Que da sua parte lhe pedisse por mercê o deixasse vêr a cara dos inimigos, e que se Sua Alteza tambem queria ir lhe mandasse logo aviso para o esperar em Thomar. O aperto em que entaõ estava o Reino, naõ só fazia desculpavel; mas louvavel a generosidade de D. Nuno. El Rei a engrandeceo com o elogio, de que tinha hum vassallo mais zeloso da sua Dignidade Real, que elle mesmo; e ordenou ao seu Veador Fernando Alvares de Almeida fosse ao caminho infor-

Era vulg. formar o Condeſtavel da reſoluçaõ do Conſelho; ordenar-lhe retrocedeſſe a Abrantes para marcharem juntos a buſcar os inimigos.

O Condeſtavel, que hia atroando a campanha com a marcha batidà para a fazer pública; entrou no eſcrupulo, de que retrocedella, e ſaberem-no os inimigos, elles o tomariaõ por mudança de reſoluçaõ, ou covardia, e contentou ao Veador com lhe pedir diſſeſſe a el Rei, que no outro dia o eſperava em Thomar; e continuou a jornada para eſta Villa. Aſſim o executou o Rei, que com o reſto das tropas ſe foi ajuntar com o Condeſtavel para ſe determinar o lugar, a fórma, e planta da batalha. Daqui foi mandado Gonçalo Annes Peyxoto examinar o campo dos inimigos, disfarçado com o caracter de Enviado para repreſentar ao Rei de Caſtella da parte do de Portugal ſe retiraſſe do Reino, que naõ era ſeu, e que ſe repugnaſſe fazello, o deſafiaſſe para a batalha. Exactamente cumprio Gonçalo Annes a ſua commiſſaõ em Leiria, aonde notou as for-

ças de Castella; sondou o animo do Rei, e sentido do desprezo manifesto com que elle tratava ao seu Soberano; da sua parte lhe intimou a batalha no lugar, e dia, que elle quizesse eleger. Era vulg.

Da sua fez o mesmo o Condestavel, que mandou hum Trombeta ao campo inimigo requerer ao Rei naõ molestasse a sua Patria; que sahisse do Reino, que reconhecia por seu Soberano ao Mestre de Aviz; e que se naõ o quizesse fazer, elle tomaria a licença para o obrigar com as armas. Respondeo-lhe o Rei de Castella, que elle vinha cobrar a herança, que lhe tocava por sua mulher: que olhasse por si, abandonando o partido do Mestre; que sobre elle derramaria a profusaõ da sua liberalidade. Á vista destas repostas, o Rei, e o seu Condestavel assentáraõ, que as armas deviaõ decidir a questaõ, e movêraõ no dia onze a sua gente, que no seguinte passou a Porto de Móz, aonde estiveraõ até quatorze de Agosto, dia sempre memoravel nos Fastos brilhan-

tes

Era vulg. tes de Portugal. Como nelle ſe eſperava a batalha, os noſſos paſſàraõ a noite em exercicios catholicos; os mais recebêraõ os Sacramentos de expiaçaõ, e da maõ do Arcebiſpo de Braga a Cruz, e Indulgencia da Cruzada, que o Papa concedêra a noſſo favor contra os fautores do ſciſma.

Com eſtes confortos ſahíraõ os Portuguezes do Porto de Móz na madrugada a cortar a eſtrada, que haviaõ levar os Caſtelhanos de Leiria para Lisboa. O Condeſtavel, que marchava na vã-guarda, marcou o terreno para o combate em huma campina raza, ſem montes, rios, ou roturas da terra, que nos deſſem ſuperioridade, ou alguma vantagem dos inimigos, que tinhaõ ſobre os Portuguezes a de ſete homens contra cada hum delles. Neſte plano formáraõ o Rei, e o Condeſtavel ſeis mil e quinhentos ſoldados, em que entravaõ mil e ſetecentos de cavallo, e tres mil e quinhentos entre criados, e gente de ſerviço das bagagens, que faziaõ ao todo dez mil homens. O exercito inimigo, contan-

tando tambem estas praças destinadas aos ministerios do campo, chegava ao número de setenta mil. Na vãguarda se postou o Condestavel com seiscentos cavallos desmontados, como fizera na batalha dos Atoleiros, para quebrar nas lanças a primeira furia dos inimigos: o lado direito era a célebre ala dos Namorados, moços solteiros, que escolhêraõ a devisa do amor por marca da sua corage, e os mandava Ruy Mendes de Vasconcellos com seu irmaõ Mem Rodrigues, e o Alferes Alvaro Annes de Sernache: a maior parte do lado esquerdo era composta dos Inglezes auxiliares, que cobriaõ Antaõ Vasques de Almada, Joaõ de Monferrara, e Martim Paulo.

Era vulg.

El Rei estava na reta-guarda com a bandeira Real, que arvorava Gil Vaz da Cunha, e se formava do resto do exercito, que tinha na reserva as bagagens com huma guarda em circulo da gente menos apta para a peleija. Faltáraõ no campo muitos Fidalgos de alta consideraçaõ, que ti-

Era vulg. véraõ ao Rei, e Reino por perdidos neſte encontro taõ deſproporcionado; mas os que eſtavaõ preſtes para elle., o eſtimáraõ materia de entretenimento, como iremos vendo nas circunſtancias, que lhe precedêraõ. Como formado o exercito, ainda naõ pareciaõ os Caſtelhanos, os Portuguezes pozeraõ armas em terra, e ſe entretiveraõ em tantas danças, e folias, que naõ poderiaõ ſer mais jucundas ſe elles eſperaſſem por huma grande féſta. Eſta manobra jovial aſſombrou os inimigos, quando nos aviſtáraõ, e a tiveraõ por preſagio da ſua infelicidade. A ella ſe ajuntavaõ os votos, que chamavaõ denodados, que contrapeſáraõ os pios do Rei, e do Condeſtavel. O Rei votou ir daquelle ſitio a pé á Igreja de Santa Maria de Guimarães, que ſaõ 40 leguas, peſar-ſe a prata armado, como eſtava, e fundar nelle hum Convento. O Condeſtavel prometteo o meſmo a Santa Maria de Ceiça em Ourem, e edificar em honra ſua outro Convento.

En-

Entre os denodados foraõ céle- bres os votos de Martim Affonso de Sousa, que prometteo, se escapasse da batalha, ir passar huma quarentena com a Abbadeça de Rio Tinto; mas seu irmaõ Joaõ Rodrigues de Sá lhe respondeo, que se tal fizesse, elle promettia de lhe dar com hum páo, e diz certo Escritor nosso, que ambos cumpríraõ o voto: o de Vasco Martins de Mello o moço, que jurou prender, ou ao menos pôr as mãos em el Rei de Castella, e por querer cumprir o voto, perdeo a vida: o de Gonçalo Annes de Castello de Vide, que prometteo, e guardou o de ser o primeiro, que ensopasse a lança nos Castelhanos; com outros semelhantes, que indicavaõ o desaffogo militar dos nossos aventureiros, libertadores gloriosos da Pátria na situaçaõ mais triste a que a reduzíra o poder, e tyrannia.

Era vulg.

Quando assim se entretinhaõ os nossos soldados, quasi a horas de meio dia appareceo o exercito Castelhano em multidaõ horrivel, que cobria os

Era vulg. planos, e coroava os montes. Como nos viraõ na estrada plantados em batalha, entendêraõ o designio de lhe disputarmos a passagem, e fizeraõ alto os nossos inimigos, que só com á fama do número pretendiaõ atemorisarnos. El Rei perguntou aos Chéfes, que faria á vista da resoluçaõ dos Portuguezes. Muitos seguíraõ o parecer de Joaõ de Ria, Embaixador do Rei de França, que ponderou razões fortes para impedirem a batalha, que se fosse ganhada por taõ poucos, mas destemidos, a injúria das armas de Castella em todas as idades ficaria irreparavel. Os pareceres contrarios tiveraõ por maior a de voltar as caras ao Mestre de Aviz, que vinha sacrificar á sua desesperaçaõ hum punhado de homens loucos, que seriaõ degollados sobre a marcha; e com este voto se acommodou o Rei.

Nesta suspensaõ estavaõ os dous exercitos, quando Joaõ Fernandes Pacheco, e Egas Coelho, que vinhaõ da Beira com hum pequeno corpo de gente, deraõ na frente do lado es-

quer-

querdo dos inimigos. Sem os assustar o repente deste encontro, fizeraõ tocar as suas trombetas, e rompendo por entre os dous campos, buscáraõ a vã-guarda do nosso. Sahio o Rei a este lugar para os receber, e com elle Diogo Lopes Pacheco, que levava a sua velhice veneravel carregada do ferro das armas, e naõ podia conter o gosto á vista do zelo de seu filho. Joaõ Fernandes depois de beijar as mãos ao Rei, e ao Pai, disse ao primeiro em voz alta, que todos ouvissem: Esforçai-vos, Senhor, contra estes inimigos; naõ os temais por muitos, que os vossos saõ melhores: Eu já os conheço; ha pouco que lavei as minhas mãos no seu sangue, hoje me fartarei delle: só vos sinto o trabalho, que haveis ter em matar a tantos: estes saõ os que restáraõ dos que vós degolastes no sitio de Lisboa: Deos torna a vo-los pôr diante, para que lhes façais o mesmo. Por todo o exercito se passou esta palavra de Joaõ Fernandes, e infundio tal corage nos nossos, que já o furor fazia

Era vulg.

ran-

Era vulg. ranger os dentes pela tardança dos Castelhanos em envestir.

Estando os campos na situaçaõ, que fica dita, ainda elles faziaõ consultas, e novamente mandáraõ tentar o nosso Condestavel por seu irmaõ Diogo Alvares Pereira, pelo famoso Pedro Lopes de Ayala, e pelo Marichal Diogo Fernandes. Chegáraõ os tres á frente do exercito, aonde Diogo Alvares desatou os diques á ternura, ás promessas, á quanto havia de tocante para persuadir ao Condestavel o seguisse, e a seu irmaõ o Prior, que assim lho rogava. O que vós, e o Prior pretendem de mim (respondeo D. Nuno) desejo eu, que elle, e vós façais para obrares com justiça: Ao Rei de Castella dizei, que ao Condestavel de Portugal se enveste com armas, e naõ se ataca com baixezas: Que se presume vencer-nos, se desengane, que em quanto a minha espada cortar, naõ ha de ter assento no Reino, que tyranniza cruel: A meu irmaõ direis, que cuide menos da minha pessoa, que da sua mettida no

pe-

perigo, que elle mal pensa, e hoje lhe mostrará o successo: se este era o negocio a que viestes, retirai-vos, e se mais me fallares nelle, esta espada vos dará a resposta. Ouvido tal desembaraço, o Marichal Castelhano se despedio com esta elegancia encaminhada ao Condestavel: Vós se venceis, o mundo vos estimará pelos vencedores de maior honra: se vos succeder o contrario, sereis os mais honrados vencidos: em qualquer das sórtes sempre ficais felices.

Era vulg.

Pedro Lopes de Ayala foi ao seu Rei, e lhe disse se deixasse de batalha, e como os Portuguezes naõ tinhaõ mantimentos, naquella noite deixariaõ o campo, e lhe ficaria o passo livre para Santarem, sem se expôr ao perigo de vir ás mãos com huns homens, que em se lhes fallando em liberdade, rugiaõ como féras. Muitos foraõ deste parecer; entre elles o Conde de Barcellos; mas elle o mudou quando ouvio o desprezo com que se fallava no valor dos Portuguezes, e com todo o esforço da sua elo-

Eſta vulg. eloquencia perſuadio ao Rei de Caſtella o combate, aonde elle com os mais Portuguezes, que ſe declaráraõ contra a Patria, tinhaõ de perder ſem honra as vidas, que podiaõ conſervar reputadas, ou arriſcallas com memoria mais illuſtre em melhor cauſa.

CAPITULO IV.

Eſcreve-ſe a famoſa Batalha de Aljubarrota, que decidio o negocio da liberdade de Portugal.

JÁ declinava o Sol do ſeu ponto vertical no dia 14 de Agoſto, o mais formoſo, e brilhante para Portugal, que depois de dous ſeculos por cauſa ſemelhante o vio renovado nas jornadas das Linhas de Elvas, do Ameixial, e de Montes-Claros: Quando o exercito Caſtelhano principiou a mover-ſe contra nós a ſom de caixas, trombetas, e grito de guerra *Caſtella, Sant Iago.* Entaõ andava o Arcebiſpo de Braga pela frente das fileiras animando os ſoldados, e advertindo-os, que

que entrados na acçaõ, repetissem muitas vezes: *Verbum caro factum est*: Perguntavaõ os maviosos, que era o que dizia o Arcebispo? Respondiaõ os denodados construindo: Que a funçaõ aos Castelhanos tinha de custar caro. Assim ha de ser querendo Deos, repetiaõ outros, que nós havemos dar-lhe hum bom mercado. Com estes apophtegmas de galhofa esperavaõ os nossos hum dos repelões mais horrendos, para depois fazerem verdadeiro o erudito Cosmografo de Carlos V. que disse nas suas Relações Universaes do mundo: Que Naçaõ alguma do Universo era comparavel no valor com a Portugueza, que fazia dos combates materia de entretenimento.

Era vulg.

Quando o grande Condestavel vio, que os inimigos se moviaõ, voltou-se para os seus, e lhes fallou assim: Eia, Amigos, he hora de levantarmos as cabeças, que nos chega a redempçaõ: movamo-nos, mas taõ vagarosos, que a cada passo firmemos o pé, e apertemos o punho: pareçaõ as vossas lanças, que saõ pegadas

Era vulg. das aos braços; vós, e as armas hum corpo indiviso: naõ vos espantem aquelles gritos, que saõ ar, que leva o vento: Eu estou lendo a victoria nos vossos semblantes: o dia he nosso, Vespera do Triunfo de Maria nossa Protectora: A elles; e em quanto houver mãos para matar, ninguem as occupe em prender. No seu posto o Rei clamava em tom de segurança, que superiormente se lhe inspirava: Já vem a multidaõ encontrar o seu destroço nas nossas espadas: Animo, Portuguezes, que hoje triunfa a Igreja Santa; hoje se rime o nosso Reino; hoje he o dia da nossa liberdade: o triunfo he certo, que Deos está comnosco; o Deos, que aqui nos trouxe sem temor, nos ha de dar a victoria com prazer: segui o vosso Rei, que vos ha de acompanhar no perigo para fazer a gloria commua.

A este tempo os Portuguezes faccionarios de Castella na vã-guarda nos envestiaõ. Em desempenho do seu voto sahio a ensopar nelles a lança o bravo Gonçalo Annes de Castello de

Vi-

Era vulg.

Vide, que opprimido da multidaõ, foi a terra; mas foccorrido com tempo, foi defempenhando a promessa com tal desembaraço, que causava espanto. A vã-guarda do Condestavel envestida por muitos dos mais valerosos Castelhanos, depois de huma resistencia incrivel, era obrigada a recuar até ao corpo da batalha, que se abrio para a receber. O Rei sahio entaõ do seu posto para acodir ao perigo da gente do Condestavel, e tirando da espada, foi ferindo os inimigos, e clamando: Adiante, Senhores, que ao vosso lado vai peleijando o vosso Rei. O valeroso Alvaro Gonçalves de Sandoval, que o ouvio, lhe esperou o golpe, e lançando-se a elle, o fez ajoelhar, e arrancou das mãos as armas. O Rei com impulso vehemente foi sobre elle, recobrou a espada, e soccorrido por Martim Gonçalves de Macedo, matáraõ o bravo Sandoval.

Neste lance, vendo el Rei a pé peleijando como o soldado mais ordinario, o nosso valor obrou heroicidades,

Era vulg. des, que excedem todo o encareci-mento, dignas de mudar a Historia em Panegyrico. Os golpes eraõ taõ espantosos, que faziaõ estremecer os valles. O Condestavel enfurecido parecia fera indomita, que para ambos os lados despedaçava a preza. Os bravos vencedores da de Trancoso com Joaõ Fernandes Pacheco na sua tésta, ainda agora se mostravaõ maiores homens, que entaõ. No ardor desta refrega vio o Condestavel ir pelo ar huma lança, que até hoje naõ se sabe quem a despedio, e entrando pelo campo dos Castelhanos, derribou a seu irmaõ o Prior do Crato, de cujo cadaver já mais houve noticia a pezar de todas as diligencias. Morto o Alferes Mór de Castella, abatemos o Estandante Real, e a esta vista os nossos clamáraõ : victoria, que os Castelhanos fogem. Como se esta voz fora hum trovaõ horroroso, passado pouco mais de meia hora de combate, os inimigos começaõ a perder o campo, os nossos a matar sem piedade, acabando vingança a que principiou batalha.

O

O Rei de Castella sem paciencia para ser mais tempo testemunha das nossas gentilezas, da sua ruina, e do desprezo da sua Insignia Real, a todo o correr levou as nove leguas, que eraõ do campo da batalha a Santarem. Vasco Martins de Mello o moço, que o vio fugir, sem mais companhia, que a sua temeridade, foi em seu alcance para cumprir o voto de o prender, ou pôr as mãos; mas os Castelhanos da guarda, que o conhecêraõ, e víraõ só, carregáraõ sobre elle, e o abríraõ a golpes. Assim acabou este gentil Fidalgo, que se consultasse o valôr com a prudencia, assim como o fez com a indiscriçaõ, poderia o cumprimento da sua promessa ter hum exito mais feliz. O Rei, que combatia, se aproveitou da confusaõ, e desordem do campo pela retirada do seu Monarca: os soldados redobráraõ o ardor, e a furia: a carnagem era espantosa, e os inimigos só se tinhaõ por felices se lhes davaõ tempo de fugir; já sem alentos para a defensa desde o ponto, em que perdê-

Hist. vulg.

Era vulg. dêraõ a jactancia de vencedores, e entráraõ a sentir a realidade de vencidos.

Fatal foi o destino da sua infantaria em huma terra desconhecida, donde, além do exercito, desceo a chusma dos homens do campo, que apanhando-a errante, e dispersa, fez nella hum estrago horrivel. Até da célebre Forneira de Aljubarrota, que era mulher de espiritos formidaveis desde a sua mininice, chamada a Pisqueira, se conta sahíra a campo com a sua pá, que me parece se guarda até hoje, e que com ella matára sete inimigos. O número total destes infelices passou de doze mil, que muitos annos com os seus ossos descarnados branqueáraõ o campo da batalha. Os cativos foraõ tantos, e se davaõ taõ baratos, que o preço de muitos homens nada despertava a cubiça de qualquer soldado. Em Aljubarrota ficou banhada no seu sangue a flor da Nobreza de Castella: Aljubarrota foi a Sepultura do Povo de Hespanha, assim como o campo de Canas a do Po-

vo

vo de Roma. Todo o trem importantissimo, com que o Rei, tantos Fidalgos, e exercito taõ numeroso sahio das suas terras, ficou em nosso poder; os soldados, e paizanos bem remunerados das perdas precedentes, que tinhaõ padecido.

Dos Portuguezes rebeldes, que voltáraõ o rosto á Patria para seguirem o partido de Castella, morrêraõ o Prior do Crato D. Pedro Alvares Pereira, e Diogo Alvares, irmãos do Condestavel; Gonçalo Vasques de Azevedo, e seu filho Alvaro Gonçalves; o Conde de Barcellos D. Joaõ Affonso de Menezes, irmaõ da desgraçada D. Leonor, causa de tantos, e taõ diuturnos estragos em Portugal, que Deos ainda conservava com vida para testemunha da derrota das suas Idéas. O mesmo destino tiveraõ os Alcaides Móres de Leiria, Obidos, e Alemquer, que por devoçaõ se acháraõ na batalha. Dos nossos faltáraõ cento e vinte homens; mas de pessoas de consideraçaõ só Vasco Martins de Mello, Mendo Affonso de Béja,

e

Era vulg. e os Estrangeiros Joaõ de Monferrara, e Bernardim Sola. Da nobreza de Castella foi passada á espada huma grande quantidade, que cobrio de luto todas as casas illustres daquelle Reino, que na vida da Rainha D. Brites quiz desaffogar o seu sentimento, como causa de tantas ruinas, se a authoridade do Arcebispo de Toledo naõ a amparára.

Em quanto o Rei triunfante celebrava no campo a victoria, o de Castella chegou a Santarem pela meia noite, representando no interior as mesmas imagens do anno passado, quando levantou o sitio de Lisboa. Duvidavaõ os da Villa abrir-lhe a porta, naõ crendo chegasse a ella em tal estado o Chéfe do exercito estimado invencivel, mas desenganados que era o seu Rei, o recebêraõ em silencio, e elle entrou sem dizer palavra; o Rei de afflicto, os vassallos de lastimados. Assim esteve largo espaço recostado, e levantando-se depois como frenetico, se dizia a si mesmo: Ah Deos; que Rei sou taõ desgraçado!

Ar-

Arrancai-me esta vida, já que naõ soube perdella entre os meus. Quizeraõ consolallo os assistentes com a lembrança, de que elle naõ era o primeiro Rei vencido, e entre outros lhe nomeáraõ a seu Pai D. Henrique, que perdêra a batalha de Naxera, sem que por hum lance da fortuna contraria a sua reputaçaõ ficasse offendida. Assim he, replicou elle, mas esses Reis, e meu Pai foraõ vencidos por quem era capaz de vencer: porém Eu, derrotado pelo Mestre de Aviz, que já mais obrou acçaõ de honra, e por huns poucos de Portuguezes desprezíveis, tosquiados, e sem barba, que gloria alguma Eu teria se matasse a todos; vio o mundo até agora exemplar semelhante de deshonra, e de desgraça?

Era vulg.

Preoccupado deste temor, sem alentos para refazer a fraqueza com o alimento, mandou lhe esquipassem huma barca, naõ succedesse seguillo o Mestre de Aviz, e na mesma noite passou para Lisboa á surdina, aonde esteve dous dias occulto na náo que

Era vulg. o tranſportou a Sevilha. A 17 de Agoſto ſahio da barra, ordenando á armada que o ſeguiſſe, e chegou áquella Capital de Andaluzia, ſem encontrar na ſua entrada mais que corações abatidos, e ſemblantes conſternados: Imagens da fortuna contraria, que veſtem os trages dos que ella deſcompoem. Os applauſos, as congratulações, que elle havia receber ſe vieſſe vencedor, convertêraõ-ſe em queixas, em laſtimas de quem vinha vencido: Murmurações, que elle meſmo authoriſava com o luto, que naõ deſpio o reſto da vida, com a confiſſaõ de ſer o Rei mais deſgraçado, naõ pela batalha que perdêra; mas pela ganhar quem elle naõ penſava. Entaõ ſuccedeo em Sevilha, que hum Portuguez ordinario foſſe maltratado por hum dos Officiaes de Palacio. O Rei, que vio a acçaõ, e teve a vingança por muito deſigual á injúria de Aljubarrota, diſſe ao Official: Naõ o trateis aſſim; porque os da ſua Naçaõ, que me ſeguíraõ, perdêraõ a vida na minha preſença obrando façanhas portentoſas, e os que foraõ

raõ contra mim me vencêraõ: Resposta, que prova bem os sentimentos sublimes deste Principe no abatimento da sua sórte. Era vulg.

No mesmo ponto que no campo se declarou a victoria a fez pública em Lisboa huma voz, que ninguem soube donde sahíra. Os moradores levados nas azas do alvoroço, corriaõ de tropel aos Templos para pedir o auxilio do Deos dos Exercitos. Quando se verificou a noticia do lugar, hora, e circunstancias do triunfo conforme com a primeira, que se temia vaga, e incerta; naõ cabiaõ no peito os corações, que sahiaõ pela bocca a offerecer-se victimas de agradecimento ao Ceo. As Praças que se tinhaõ submettido á protecçaõ de Castella, pela retirada do seu Rei o abandonáraõ, e obrigadas a submetter-se ao Vencedor, ellas quizeraõ prevenir-lo o seu resentimento, implorando a clemencia, que encontráraõ benigna ás promessas constantes da sua fidelidade. El Rei, que se a resistencia o irritava, a submissaõ o abatia, a todos os

Era vulg. que vinhaõ humilhar-ſe aſſegurava o eſquecimento do paſſado, taõ modeſto no triunfo, como ſe elle eſtiveſſe na ſituaçaõ de vencido.

Os noſſos priſioneiros, que eſtavaõ em Santarem, entre elles o Meſtre de Chriſto D. Lopo Dias de Souſa, o Prior do Crato Alvaro Gonçalves Camelo, e D. Rodrigo Alvares Pereira, irmaõ do Condeſtavel, pelos movimentos, que obſerváraõ na Praça a noite da chegada do Rei, aſſentáraõ, que elle perdêra a batalha. No dia ſeguinte já certos da victoria, e que todos os Caſtelhanos principaes tinhaõ partido da Villa a embarcar-ſe na armada; elles arrombáraõ os carceres, convocáraõ o Povo, e levando a bandeira do Senado acclamáraõ pelas ruas o ſeu Rei. A eſtas vozes os Caſtelhanos acabáraõ de perder o animo, muitos ſe refugiáraõ nas Igrejas, os mais foraõ preſos. Ainda o Rei ſe detinha em dar graças a Deos no Moſteiro de Alcobaça, e em mandar fazer ſuffragios pelas almas dos que morrêraõ na batalha, quando foi

avi-

avisado da reducçaõ de Santarem. Depois teve o da fugida dos Commandantes de varias Praças para Castella, a saber: Gonçalo Tenreiro de Alemquer; Affonso Lopes de Texeda de Torres-Novas; de D. Henrique Manoel de Sintra; de Joaõ Rodrigues Portocarreiro de Villa-Real; de Vasco Porcalho de Villa-Viçosa; de Martim Annes de Barbuda de Monforte; e de Garcia Pires de Mouraõ.

Era vulg.

Veio el Rei de Alcobaça a Santarem receber as congratulações do seu Povo, e as homenagens das Villas immediatas; submissões, que asseguravaõ a sua firmeza no Throno; e cuidou em recompensar aquelles, que fielmente o servíraõ no tempo da revolta, e confusaõ. Os primeiros que experimentáraõ os effeitos da piedade do Rei, foraõ mais de mil presos Castelhanos, que estavaõ em Santarem, e gratuitamente pôz em liberdade; ordenando ao famoso Gonçalo Annes de Castello de Vide, e a outros Cabos do Alem-Téjo, que se recolhiaõ para a Provincia, os levassem

até

Era vulg. até a fronteira com segurança. A mesma graça concedeo a outros muitos, que dissimulava fossem embarcar-se no resto da sua armada, que ainda estava em Lisboa. Naõ participou della o célebre Pedro Lopes de Ayala, que no disfarce de pobre, hia todos os dias receber a sua esmóla a casa da Condeça, viuva de Barcellos, aonde o conheceo hum criado. Homem taõ importante, e taõ rico, foi descoberto ao Rei, que o mandou segurar em Leiria, e pagou pelo seu resgate trinta mil dobras, e trinta cavallos.

O Grande Condestavel, como se distinguíra entre todos no serviço, tambem o devia ser nos premios. Elle foi criado Conde de Ourem, com promessa de naõ nomear o Rei outro em sua vida: Titulo, que vivendo ainda Joaõ Fernandes Andeiro, lhe prognosticou hum Espadeiro de Santarem, que concertando-lhe huma espada, e querendo D. Nuno pagar-lhe, disse que o faria, quanda fosse Conde de Ourem, como agora exactamente cumprio, pagando-lhe com a li-

liberdade, que tinha perdido por se haver incorporado com os Castelhanos. Esta mercê feita ao Condestavel foi o primeiro golpe, que principiou a abrir os fundamentos para a sua grande Casa, que enlaçada na de Bragança, levou o seu sangue a todas as Téstas Coroadas da Europa: mas na sua pessoa ella foi huma consequencia das muitas com que os Reis Predecessores haviaõ honrado os seus Maiores. Os grandes homens de quem elle descendia, a antigüidade do seu Appellido; a nobreza da sua Casa, tudo concorria para fazer a D. Nuno Alvares Pereira hum Heróe completo. Bastava-lhe a memoria de seu Pai o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Pereira, que tanto se assignalou na gloriosa batalha do Salado em tempo do Rei D. Affonso IV. como eu deïxo escrito na vida deste Principe, para D. Nuno merecer as attenções do seu Soberano, que tinha de ser Avô dos seus mesmos netos.

Era vulg.

Hum meż depois deo ao mesmo Condestavel o Condado de Barcellos, e

Era vulg. e fez outras muitas mercês, entre ellas as rendas de Guimarães, Ponte de Lima, Valença, Villa-Real, Chaves, Atouguia, e Bragança. A Diogo Lopes Pacheco mandou el Rei restituir os Paços de Bellas com as suas quintas, e a seu filho o valeroso Joaõ Fernandes Pacheco deo a Villa de Oliveira de Conde, e outras terras. A Egas Coelho, que com elle viera da Beira, e depois com elle fugio para Castella, ambos infieis, e ingratos, fez mercê dos Lugares de Vella, e Germelho. A Martim Gonçalves de Macedo, que na batalha o ajudára a livrar-se de Alvaro Gonçalves de Sandoval, deo as Aldeias de Algozelo, e Pinelo, com os bens de Martim Affonso de Seixas, parcial de Castella. A Martim Gonçalves do Carvalhal, tio do Condestavel, fez mercê das rendas, terras, e almargem da Cidade de Tavira, que foraõ de seu sobrinho Fernaõ Pereira; e naquella Cidade veio viver seu filho Fernaõ Martins do Carvalhal; deixando nella descendencia, de que ainda hoje no

Al-

Era vulg.

Algarve ſe conſervaõ familias com os appellidos de Pereiras, Berredos, Vaſconcellos, e outros em que ſe enlaçáraõ por caſamentos, dos quaes eu dei noticia na minha Aula da Nobreza, quando eſcrevi as Memorias dos Vereadores de Tavira. Todos os mais Fidalgos foraõ remunerados á proporçaõ; e eſtas acções tanto de juſtiça, ſervíraõ depois para dous liſongeiros fazerem arrepender o Rei, e tirar o meſmo que tinha dado a vaſſallos taõ diſtinctos; deſgoſtar o Condeſtavel, e perder os mais benemeritos, que ſe lançáraõ do lado dos inimigos, como eu direi em ſeu lugar. Feita eſta breve digreſſaõ, voltarei ao Campo de Aljubarrota para continuar no Capitulo ſeguinte com a narraçaõ das noticias curioſas, que ſe ſeguíraõ a eſta milagroſa victoria, que aſſegurou a liberdade da Patria, joia ſobre todas a mais eſtimada da altiva Naçaõ Portugueza.

CA-

Era vulg.

CAPITULO V.

Do mais que succedeo no campo da batalha, e depois della, com o juizo mais provavel a respeito da Forneira de Aljubarrota.

ANDAVA el Rei pelo campo depois da victoria, e passando por Diogo Alvares Pereira, irmaõ do Condestavel, pegando-lhe, e chamando pelo seu nome, lhe disse com mais benignidade do que pedia a occasiaõ, e as offensas. Diogo Alvares, aqui estais vós? Eu vos mostrarei hoje, que sou vosso melhor amigo, do que vós me tendes sido servidor. Ao mesmo tempo soou a voz vaga, e falsa, que matavaõ o Condestavel. Correo el Rei a soccorrello, e encarregou a Egas Coelho a guarda de Diogo Alvares; mas os soldados, que ignoravaõ a pessoa, e o conheciaõ Castelhano, sem que Egas Coelho os podesse deter, o fizeraõ em pedaços. Quando el Rei voltou, e o vio morto, sentio a sua desgra-

graça, e por isso recebeo com me- Era vulg.
nos alvoroço a alegria com que vinha
saltando o bravo Antaõ Vasques de
Almada enrolado no Estandarte Real
de Castella, que pôz aos seus pés, e
lhe disse: Tomai, Senhor, essa Ban-
deira do maior inimigo, que tinheis
no mundo.

Depois veio com os seus solda-
dos o capitaõ Gonçalo Rodrigues na-
tural da Certã, e lhe presentou a gran-
de caldeira, que se guarda no Mos-
teiro de Alcobaça, e deo á sua fami-
lia o appellido de caldeiras em me-
moria do valor desmedido com que
este seu ascendente a ganhára aos ini-
migos. A sua grandeza he taõ des-
marcada, que dizem se coziaõ nella
quatro bois; outros, que as rações
para todos os criados do Rei de Cas-
tella, que eraõ trezentos. Quando
Filippe II. a vio no Claustro daquelle
Mosteiro, houve hum Castelhano ze-
loso, que lhe disse mandasse tirar da-
quelle lugar o despertador de huma
memoria á sua Naçaõ injuriosa, e
fundir della hum sino. Certo Fidalgo
pru-

Era vulg. prudente, que hia mais chegado ao Rei, refpondeo: *Nò Señor, ſe quede aqui; porque ſi ella ſiendo caldera ſuena tanto, que ſerà ſi fuere campana?*

Os deſpojos da Tenda Real, e de tantos Fidalgos, que ſeguiaõ o ſeu Rei, foraõ taõ precioſos, e tantos, como de huma Monarquia poderoſa, que mandava grande parte do ſeu Povo a eſtabelecer-ſe em novo Reino, que indiſputavelmente reputava proprio. Tomaraõ-ſe as deſaſeis peças de artelharia com todo o ſeu trem, toda a bagagem, os cavallos, e carruagens do campo. Na Tenda del Rei, entre tantas precioſidades, ſe fez mais eſtimavel a Reliquia do Santo Lenho, que elle tirára da Sé de Burgos, e depois ſe deo ao Condeſtavel para a collocar no Convento do Carmo de Lisboa, aonde ſe guarda com culto religioſo.

No meſmo Convento eſtá o Sceptro de ouro, que ſe achou entre os mais deſpojos, e ſe diz fora fabricado das arêas do Téjo, que cria grãos deſte metal precioſo. O Rei, com o deſ-

desprezo de Cesar no dia de Farsalia, abandonou tantas riquezas aos soldados, que as haviaõ ganhado, sem reservar para si mais, que os cavallos, as armas, a artelharia, e o seu trem, que foi o primeiro deste genero, que se vio em campo nas Hespanhas.

Quiz mostrar o Ceo, que se interessava no nosso triunfo; porque no maior ardor da batalha, quando el Rei invocava o patrocinio de S. Bernardo para lhe acodir no perigo, em que o pôz Alvaro Gonçalves de Sandoval, que lhe tirou das mãos a facha, e o fez ajoelhar: Elle mesmo confessou depois em Alcobaça, que víra sobre a Tenda do Rei inimigo hum Bacculo Abbacial, que empunhava huma maõ, e braço com manga como de Monge, e que do Bacculo pendia huma Clamide militar, como tinta em sangue; vista, que lhe servio de conforto especial para recobrar alentos com a certeza, de que tinha em seu favor a protecçaõ do Santo Abbade. Tambem observáraõ muitas pessoas, que em quanto durou o combate,

so-

Era vulg. ſobre o noſſo Eſtandarte Real volitavaõ varias pombas brancas, que os interpretes entendêraõ annuncios da futura victoria. Naõ he menos ſingular o modo da morte do Prior do Crato D. Pedro Alvares Pereira, abonado pela grande authoridade de ſeu irmaõ o Condeſtavel, que depôz, como eu deixo dito, víra ſahir do noſſo campo huma lança deſpedida ſem impulſo humano, que entrando pelo dos Caſtelhanos, buſcára o Prior, e atraveſſando-o pelos peitos dera com elle morto em terra.

As noſſas gentilezas, que entaõ eraõ igualmente vulgares, e monſtruoſas, Manoel de Faria e Souſa as quiz marcar na ſua Hiſtoria com os Epitafios arrogantes, e gracioſos, que foraõ deſcobertos na Villa de Chaves de dous bravos Capitães Portuguezes, que quizeraõ deixar á poſteridade eſtas memorias do ſeu eſpirito façanhoſo. Diz o primeiro:

AQUI

AQUI JAZ SIMON ANTOM,
QUE MATOU MUITO CASTELAŎ,
E DEBAIXO DESTE COVOM
DESAFIA A QUANTOS SAŎ.

Dizia o ſegundo em Latim macarronico.

HIC JACET ANTONIUS PERIS,
VASSALLUS DOMINI REGIS,
CONTRA CASTELLANOS MISSO,
OCCÍDIT OMNESQUE QUISO;
QUANTOS VIVOS RAPUIT
OMNES ESBARRIGAVIT;
PER ISTAS LADEIRAS
TULIT TRES BANDEIRAS;
E FEBRE CORREPTUS
HIC JACET SEPULTUS;
FACIANT CASTELLANI FESTE,
QUIA MORTUA EST SUA PESTE.

Por tantas circunſtancias ſe fez eſta batalha a mais célebre daquellas idades, ou ella ſe contemple pela grande deſigualdade do poder de ambos os exercitos, ou pela pouca experiencia dos noſſos Officiaes contra tantos Capitães aguerridos, ſem que da noſſa parte houveſſem as vantagens de terre-

Era vulg. reno, e outras de soccorros imaginarios, que inventárað os Authores Castelhanos para desfigurarem a Portugal a gloria de dia taõ formoso: Dia brilhante, em que se decidio o negocio mais grave de huma Naçaõ, que he a sua liberdade; que firmou a Coroa na cabeça do nosso Rei natural, e que encheo de assombro a expectaçaõ de toda a Europa, até entaõ suspensa sobre o arrojo da nossa chamada temeridade.

Já dissemos, que depois de vencida a batalha, el Rei veio ao Mosteiro de Alcobaça dar graças a Deos, e fazer suffragios pelos seus mórtos. Era entaõ Abbade D. Fr. Joaõ de Ornellas, generoso, e magnanimo, que sustentou o nosso exercito depois que entrou nas suas terras, até que sahio dellas, e soccorreo el Rei com gente, que enviou commandada por seu irmaõ Martim Ornellas, e obrou no conflicto acções magnificas em serviço da Pátria. O mesmo D. Abbade, depois de despedir seu irmaõ para o campo, se postou na ponte de Cha-

que-

queda com tres companhias, e muita paisanage a esperar os Castelhanos fugidos da batalha, aonde matou innumeraveis: Serviço, que o Rei lhe remunerou com lhe deixar duas das ditas companhias para guarda da sua Pessoa, distinçaõ da sua Dignidade, e com outras muitas mercês, que constaõ das Cartas de Doações feitas ao Mosteiro.

Era vulg.

Hum dos inimigos mortos ás mãos da gente do Abbade, foi Ruy Dias de Roxas, marido de D. Maria de Guevara, Cubicularia do Rei de Castella. que aos Fidalgos, que entravaõ na sua Tenda, costumava perfumar, dizendo, que o fazia para lhes tirar o máo cheiro, que traziaõ das casas, e trato com os Portuguezes Chamorros; nome com que nos affrontavaõ os Castelhanos, porque entaõ principiavamos a cortar as barbas. Diogo Lopes Lobo fez prisioneira a esta Dama ascarosa, e passando acaso pelo lugar, aonde estava o cadaver de seu marido, se lançou sobre elle a incensallo com os aromas das suas lagri-

Era vulg. mas. Hum soldado, que a acompanhava, e sabia o que ella em nosso desprezo practicava na Tenda do seu Rei, lhe disse com ar militar: Que he isso, bella Dona? Porque naõ guardastes para agora os vossos perfumes? Por certo vos eraõ elles agora bem necessarios para embalsamar esse cadaver, que deita peior fedor, que o máo cheiro dos chamorros, que vos nauzeava.

Todos os mortos Portuguezes mandou o Rei conduzir para o Mosteiro de Alcobaça, aonde foraõ sepultados. A mesma piedade se usou com o corpo do Conde D. Joaõ Affonso Tello, e com ella lhe quiz el Rei pagar o consentimento, que dera para a morte de Joaõ Fernandes Andeiro, e depois della hospedallo em sua casa, ou talvez porque agora o seu voto fizera resolver o Rei de Castella a dar-lhe a batalha, que foi antecedente de taõ gloriosa victoria. Aos mórtos inimigos, he opiniaõ vulgar, se negára a sepultura: falta de piedade apparente, que permittiría o Ceo,

co-

como ſe entendeo pelo ſucceſſo naõ ordinario, que fez eſtimar por indignos de gaſtar a terra, e que até perdoaſſe a voracidade dos brutos a huns cadaveres, que foraõ depoſitarios de almas ſeparadas da communhaõ da Igreja, Sectarias do Sciſma, e como taes incurſas nas cenſuras fulminadas pela ſua verdadeira cabeça o Papa Urbano VI. Eſta paſſagem he de Fernaõ Lopes, que trata com mais extenſaõ os effeitos da que pareceo inhumanidade na falta da ſepultura dos mórtos.

Era vulg.

A memoria que fica tocada da forneira de Aljubarrota, que ſe diz matára com a pá do ſeu forno ſete Caſtelhanos, que ſe retiravaõ da batalha, he hum ponto de tradiçaõ, de que eu devo dar noticia mais individual, ainda que naõ a refíraõ os noſſos melhores Eſcritores. Eſta mulher ſe chamava Brites de Almeida, de alcunha a Piſqueira, e ha quem diga, que ella era natural do Algarve naſcida na Villa de Albofeira, dotada de forças taõ pouco vulgares no

Era vulg. ſeu ſexo, que naõ ſó diſputava valentias com hum; mas com alguns dos homens mais robuſtos daquellas idades. He tradiçaõ conſtante, que eſta Amazona Luſitana com huma pá de ferro encabada em huma vara de páo matára ſete Caſtelhanos, que vinhaõ fugindo da batalha de Aljubarrota. Entendem huns, que ella achára dentro no forno dormindo eſtes ſete infelices fatigados do ſeu trabalho, e que lhes fizera o ſomno perpetuo: Outros, que eſgremindo no campo aquella nova clava, á força de golpes deitára em terra mórtos os ſete Caſtelhanos.

O certo he, que a pá com a figura, que eu digo, ſe guardava nos Paços do Conſelho, e o forno eſtava na rua direita da Villa, Freguefia de S. Vicente, junto ao celleiro dos Monges de Alcobaça. Exiſte ainda hoje a dita pá, e os moradores a tinhaõ em tanta eſtimaçaõ, que naõ ſó a levavaõ na Prociſſaõ, que ſe faz todos os annos a 14 de Agoſto, dia da batalha; mas quando eſte Reino paſ-

paſſou ao dominio de Caſtella, temendo elles, que Filippe II. quizeſſe derrotar a ſua tradiçaõ com a ruina do inſtrumento della, que era a pá: Hum dos mais honrados, chamado Manoel Pereira de Moura, a metteo dentro de huma parede dos ditos Paços, aonde ſe guardou até ao tempo da feliz Acclamaçaõ de D. Joaõ IV. em que a clava da forneira tornou a ſahir a público. Os effeitos moſtráraõ o acerto dos moradores de Aljubarrota, que por muitas vezes foraõ notificados de ordem dos Reis de Caſtella para remetterem á Corte de Madrid o inſtrumento á ſua Naçaõ injurioſo; mas elles ſempre ſe deſculpáraõ, com que a pá naõ apparecia.

Eu naõ decidirei ſe o combate foi no forno, ou no campo, ainda que me inclino á ſegunda parte. Parece que no forno dentro de huma Villa inimiga, naõ viriaõ os Caſtelhanos refazer com o ſomno as ſuas forças laſſas, expoſtos ao perigo evidente de mais facilmente ſerem mórtos, ou preſos, e que antes poderiaõ

Era vulg. riaõ recobrar-se com o descanço em algum escondrigio pelos matos visinhos, donde se podessem salvar em Santarem com o favor da noite. Eu tenho por mais provavel, que a forneira, levada da grandeza do seu coraçaõ, e fiada nas muitas forças, de que disse era dotada, sahio com a paisanage, que de todas as partes descia a perseguir os fugitivos, e que travando com os mais os combates contra os miseraveis mal armados, opprimidos da fadiga, medrosos, e cortados do temor, á sua parte matou os sete, que assegura a tradiçaõ.

Tambem he sem questaõ, que muitos homens de Aljubarrota para levantarem hum padraõ impio á memoria da façanha da sua forneira, foraõ ao campo da batalha, e trouxeraõ huma quantidade de ossos dos que nella morrêraõ, e com elles fizeraõ huma calçada, que hia da casa da forneira até ao forno. Este espaço, que era hum passeio da deshumanidade, mostravaõ elles aos Castelhanos, que por alli passavaõ, como quem de-

desafrontava a injúria recebida dos vivos com este monumento injurioso dos mórtos. Durou tantos annos a calçada do forno, que nos nossos dias havia homens, que della se lembravaõ, e o Author da Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho diz, que ainda existia no seu tempo.

Era vulg.

A Camara de Lisboa por hum assento, que nella se tomou, resolveo, que todos os annos no dia da batalha se fizesse huma Procissaõ solemne, em que se repetissem acções de graças a DEOS, e a MARIA Santissima por tantos beneficios, que a sua piedade derramára sobre a Naçaõ Portugueza, ameaçada de hum duro cativeiro. O mesmo se ordenou em louvor dos Santos Vicente, e Jorge, o primeiro Patrono da Corte, o segundo o grito da guerra de Portugal, Advogado das suas armas: Costume pio, que teve observancia pontual até ao tempo da intrusaõ dos Filippes de Castella, que o tiveraõ 60 annos abolido; mas resuscitando o Reino na pessoa de D. Joaõ IV. em 1640 el-

Era vulg. elle tornou a reviver, e continua com o fervor primitivo.

Eu concluo este Tomo, naõ só com mostrar segura a successaõ de Portugal em Reis naturaes na Pessoa de D. Joaõ I. Mestre de Aviz, que derrotou todas as pertenções de Castella, para continuar no seguinte com as outras memorias importantes da sua vida depois do Interregno: Mas com a lembrança da exactidaõ com que elle, e o Condestavel cumpríraõ os seus votos edificantes. Determinou el Rei a sua romaria a Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, e sem embargo de huma distancia taõ grande como a de 40 leguas, sahio a cumprilla a pé, acompanhado dos Officiaes da Casa, e da guarda de cem Bésteiros, começando-a do campo da batalha depois de ouvir Missa, e fazer a Deos huma oraçaõ larga, e fervorosa. Chegado a Guimarães, foi levado em procissaõ por todo o Clero á Casa da Senhora, aonde se vestio nas mesmas armas, que trouxera na batalha, e mandando-se pezar a

pra-

Era vulg.

prata, deo toda para a fabrica do retabolo, que tem o Presepe do Minino Deos, ainda que ha quem diga que este retabolo o trazia na sua Capella o Rei inimigo, e que achado nos despojos, D. Joaõ o dera á Senhora da Oliveira. Depois fez fundar o Mosteiro da Senhora da Victoria, que nós dizemos da Batalha, e o deo aos Padres Prégadores da Ordem de S. Domingos. O Condestavel cumprio a sua promessa na mesma fórma a Santa MARIA de Ceiça em Ourem, e edificou o Convento de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa: Dous Padrões magnificos, que conservaõ immortal a memoria da gloriosa batalha de Aljubarrota, e dos dous Heróes, Authores da nossa liberdade, o Rei D. Joaõ I, e o seu Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

F I M.

IN-

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XVIII.

LIVRO XIX.

LIVRO XX.

LI-

LIVRO XXI.

LIVROS IMPRESSOS Á CUSTA
de Francisco Rolland, *Impressor-Livreiro ao bairro alto, na esquina da rua do Norte.*

AVENTURAS de Telemaco: Nova Traducçaõ accrescentada com muitas notas, e adornada com o retrato de Fenelon, em 8. 1785.
Atlas novo com 24 Mappas, em 8.
Adagios, e Proverbios da Lingua Portugueza, em 8.
Arte de Prégar segundo o Evangelho, em 8.
Arte Poetica de Horacio por Candido Lusitano, em 8.
Avisos Religiosos, em 8. 4 Vol.
Amigo do Principe, e da Patria, em 8.
Belizario de Marmontel: Segunda Ediçaõ, em 8. 1785.
Bom Lavrador, em 8. 2 Vol.
Boa Lavradora, em 8.
Catecismo Romano abbreviado, em 8.
Costumes dos Israelitas, e dos Christãos, em 8. 3 Vol.
Descripçaõ das Enfermid. dos Exercitos, em 12.
Despedidas da Marechal ** a seus filhos, em 8. 1785.
Diario do Christaõ, em 12.
Discurso sobre a Industria do Povo, em 8.
Escolha das melhores Novellas, e Contos moraes, traduzidos de MM. d'Arnaud, Mar-

Marmontel, e de Mad. Gomez, em 8. 4 Vol. 1784-86.

Brevemente se publicará o Tomo 5.

Espirito do Christianismo, em 8.

Elementos da Poetica de P. J. da Fonseca, em 8.

Elogios Historicos dos Reis de Portugal, em 8.

Fabulas de Esopo, em 8.

Homem Escrupuloso, em 8.

Historia Geral de Portugal por Damiaõ Antonio, em 8. 5 Vol. 1786. *Brevemente sahiráõ os Tomos 6. 7. e 8.*

Historia de Theodosio o Grande por Flechier, Traducçaõ Posthuma do Capitaõ Manoel de Sousa, em 8. grande 1786.

Historia Ecclesiastica do Abbade Ducreux, em 8. grande. 6. Vol. *Brevemente se publicaráõ os Tomos 7. 8. e 9.*

Historia Uuiversal do Abbade Millot, em 8. grande. 5 Tomos. *Brevemente se publicaráõ os Tomos 6. e 7.*

Historia Geral de Portugal por La-Clede, em 8. grande. 8 Vol. *Brevemente se publicaráõ os Tomos 9. e 10.*

Historia de Carlos Magno, em 8. 3. partes em 2 Vol.

Heroïsmo da Amizade, Poema, em 8.

Imitaçaõ de Christo por Kempis, em 12. 1785. fig.

Imitaçaõ da SS. Virgem, em 12.

Livro dos Meninos, em 8.

Miscellanea Curiosa, e Proveitosa, em 8. 7 Vol. *Brevemente se publicará o Tomo 8.*

Noi-

Noites D'Young (as 24) com eſtampas, em 8. 2 Vol. 1785. *em bom papel.*
Noites Clementinas, Poema, em 8. 1785.
Naufragio de Sepulveda, Poema de Geronimo Corte Real, em 8.
Noticia da Mythologia, em 8.
Officio da Semana Santa; com as Rubricas em Portuguez, em 12. fig.
Obras eſcolhidas do Marquez de Caraccioli, em 8. 2 Vol. 1785.
Origem, e Orthografia da lingua Portugueza por Duarte Nunes do Liaõ, em 8.
Obras de Franciſco de Sá de Miranda, em 8. 2 Vol.
Obras Poeticas de Quita, em 8. 2 Vol.
Obras Poeticas de Valadares Gamboa, em 8.
Panegyricos, e Diſcurſos Evangelicos, em 8. 4 Vol. *Brevemente ſe publicaráõ os Tomos* 5. *e* 6.
Perfeito Pedagogo, em 12.
Peregrinaçaõ de hum Chriſtaõ, em 8.
Retrato da Morte por Caraccioli, em 8. 1785.
Reflexões ſobre a Vaidade dos Homens, em 8. 1786.
Regras da Verſificaçaõ Portugueza, em 8.
Syntaxe Latina explicada ſegundo o moderno Syſtema filoſofico, em 8. 1785.
Secretario Portuguez, quarta Ediçaõ, em 8.
Tratado das Obrigações da Vida Chriſtã, em 8. 2 Vol.
Tratado das Aguas das Caldas, em 8.
Theſouro de Prégadores, em 8. 2 Vol.
Vida de D. Joaõ de Caſtro, em 8. 1786, com eſtampas.
Vida de Jeſus Chriſto na Eucariſtia, em 8.